FUNDADOR — JOAQUIM MANSO | QUINTA-FEIRA, 30 DE MAIO DE 1968 | ANO 48.º — NÚMERO 16 324

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA — TELEX. 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

A PARTIR DE HOJE

FÉRIAS EM PORTUGAL

O SONHO É UMA SIMPLES REALIDADE AO SEU ALCANCE

PRIMEIRO CUPÃO A RECORTAR: o que se publica na 2.ª página e se refere à reportagem sobre Viana do Castelo, inserta nas páginas 7 e 8

«Férias em Portugal» começa hoje. Chegou a sua vez. Com a publicação da primeira reportagem — sobre Viana do Castelo — inicia-se esta nossa sensacional iniciativa.

O trabalho que o leitor suportará, é quotidianamente pouco — recortar apenas o respectivo cupão e guardá-lo, para no fim dos (Cont. na pág. seg.)

A EUROPA VESTE CAMISAS PORTUGUESAS

A indústria europeia criou, em Portugal, dezenas de fábricas de confecção de camisas. Operárias portuguesas, debruçadas sobre as máquinas de costura, produzem em ritmo acelerado, um produto nacional que tem mercado assegurado além fronteiras. **(Ler na pág. central)**

PORTUGAL-BRASIL (1820-1889)

3 — EMIGRANTES E «BRASILEIROS»

por JOEL SERRÃO

Quando principiou, no século XIX, a emigração portuguesa para o Brasil, integrada no contexto histórico anteriormente esboçado?

De 1820 a 1836, não há indicações de qualquer emigração de Portugal para o Brasil. O primeiro indício, a esse respeito, data, muito significativamente (porquanto imedia-

(Continua na 12.ª página)

DE GAULLE REGRESSOU ESTA MANHÃ A PARIS

COLOMBEY-LES-DEUX EGLISES (França), 30 — (A. N. I.) — O presidente de Gaulle partiu, hoje, de helicóptero, para Paris.

Aguarda-se que presida, na capital francesa, a uma reunião do Conselho de Ministros, após ter passado a noite nesta localidade, para tomar o que círculos oficiais consideram uma grave decisão.

(Continua na 14.ª página)

SUSPENSAS EM PORTUGAL AS OPERAÇÕES COM FRANCOS

O Banco de Portugal, na sua lista diária de cotações fornecida, esta tarde, ás entidades bancárias, não incluia a cotação do franco francês, indicação de que estão suspensas em Portugal as operações efectuadas naquela moeda.

Desde o dia 21 de Maio, aliás, que o Banco de Portugal já só fornecia as cotações nominais para aquela moeda.

HOJE — 40 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

BANCARROTA DA DEFESA DO BENFICA EM WEMBLEY

(Crónica de MÁRIO ZAMBUJAL na 27.ª página)

Nota do dia

MEIA HORA DE CONTEMPLAÇÃO DENSA

Lisboa alterou ontem o seu ritmo. Com a tarde longe do fim, sol ao alto para muito tempo ainda, foi a fuga em massa para casa, a corrida para o televisor que ia «dar» o futebol, encantamento circense da nossa época. E era de ver o espectáculo inabitual àquela hora, concentrando talvez nos mesmos trinta minutos toda a densidade de tráfego que costuma diluir-se bem por duas horas. Quer dizer, em alguns pontos, o movimento era quatro vezes o do costume, o que deu origem a engarrafamentos enormes e constituiu boa ilustração para se avaliar o que é a importância dos transportes na vida do nosso tempo. Donde vem, por exemplo, o que Lisboa come? A maior parte das pessoas, que compram as suas couves, saborelam as suas alfaces ou a variedade possível das frutas, talvez esteja longe de pensar que dos produtos verdes que se comem em Lisboa talvez não chegue a trinta por cento o que vem das hortas de Loures ou mesmo de Vila Franca. O resto vem de muito mais longe, vem das Beiras ou vem do Algarve, por estrada ou por via férrea, sem que se torne muito difícil, a quem tenha dez réis de noções destas coisas ou certa capacidade de análise do que lhe vai à volta, dar conta da supremacia decisiva que nesse movimento há-de ter o transporte ferroviário, que tantas vezes se supõe passado à história. Quantos camiões, quantos metros de largura ou quantas centenas de metros de comprimento de estrada são precisos para substituir um combolo? É toda uma política a planear. E bem possível é que o salto de qualidade que a economia francesa foi capaz de dar, a partir das devastações e do caos do fim da guerra, tenha tido a sua razão de ser na opção que fez de dar prioridade, na reconstrução, a tudo quanto dissesse respeito a pontes, estradas e caminhos-de-ferro. A palavra «circulação» não é uma imagem nem uma metáfora. É o sistema que assegura a vida do corpo social, exactamente como num corpo animal. É o fluxo que corre e acorre aonde faz falta, o sangue estimulante que é o sinal de vida.

De ontem para hoje

O FISCO EM PORTUGAL E ESPANHA

Foi no Palácio de Santa Cruz, em Madrid, onde se encontra instalado o Ministério dos Assuntos Externos do país vizinho, que foi assinada a convenção para evitar a dupla tributação e prevenir evasão fiscal em matéria de impostos sobre o rendimento aos cidadãos de ambos os países. Aplica-se a convenção ás pessoas que residam em um ou em ambos os estados contratantes. Os impostos objecto das suas disposições, em Portugal, são os seguintes: a contribuição predial, o imposto sobre a indústria agrícola, a contribuição industrial, o imposto de capitais, o imposto profissional, o imposto complementar, o imposto para a defesa e valorização do ultramar, o imposto de mais valias, etc. Por seu turno em Espanha são: os impostos sobre rendimento de pessoas singulares, sociedades e demais pessoas colectivas; contribuição territorial; imposto sobre o trabalho; imposto sobre o capital; imposto sobre lucros industriais e comerciais, etc. Assinaram a Convenção por parte de Portugal, o embaixador de Portugal em Madrid, prof. Luís Pinto Coelho e por parte da Espanha o ministro dos Negócios Estrangeiros daquele país D. Fernando Maria Castiella Y Maiz. Ao acto que se revestiu da maior solenidade assistiram o embaixador dr. José Calvet Magalhães, director geral dos Negócios Económicos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, ministro dr. Futscher Pereira, dr. Vitor Faveiro, director geral das Contribuições e Impostos, dr. Pedro Corte Real da Silva Pinto, chefe da Repartição da Europa e América da Direcção Geral dos Negócios Económicos, dr. José Mena e Mendonça, cônsul geral em Madrid, dr. Afonso de Castro, secretário da Embaixada e o adido de Imprensa Oliveira e Castro.

ELECTROCUTADO

Trabalhava na F. I. L., Hermínio Duarte Guedes, de 14 anos, aprendiz de electricista, morador em Algés. Ontem, no seu emprego, foi atingido por uma descarga eléctrica que o matou. Ainda o levaram ao Hospital de São José, mas chegou lá morto.

A LEGIÃO DE HONRA

Na Embaixada de França recebeu ontem as insígnias da Legião de Honra o nosso prezado camarada de imprensa Morais Cabral. O embaixador de França, conde François de Rose, salientou os vários trabalhos profissionais de Morais Cabral, sobretudo o seu comentário diário á política internacional e a maneira como ele aprecia a política externa da França

E Morais Cabral salientou quanto deve, como quase todos os portugueses á França e á sua cultura, «aquilo com que a França me brindou opulentamente através dos seus escritores, dos seus artistas, dos seus sábios e dos seus homens de Estado».

MOTORETISTA SEM CARTA

No cruzamento da Rua Fernão Mendes Pinto com a Trav. da Terreirinha, em Belém, chocaram uma motoreta, guiada por Dulcíneo de Sousa Cunha, de 23 anos, empregado no comércio, natural de Paredes do Coura e morador em Algés, e um automóvel guiado por Manuel Pais de Sande e Castro, gerente comercial. Ficaram ambos os veículos danificados e o motoretista ficou sob prisão no Hospital de São José, porque se verificou não ter carta.

QUANDO ASSISTIA AO FUTEBOL

Num estabelecimento de Espargo, perto da Vila da Feira, assistia á transmissão pela televisão do desafio entre o Benfica e o Manchester United, Albertino Soares Pinto, de 34 anos. Apareceu, em dada altura, seu tio, Serafim Francisco Pereira Houve troca azeda de palavras, não se sabe porquê. Mas o que se sabe é que o tio esfaqueou o sobrinho que teve de recolher ao hospital de Ovar

CONSELHO DE MINISTROS PARA OS ASSUNTOS ECONÓMICOS

Sob a presidência do ministro de Estado, dr. Mota Veiga realizou-se ontem no Palácio de S. Bento o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos. O Conselho ocupou-se de problemas correntes da sua competência

Morreu na Ericeira a «Maria Antónia dos Jornais» dedicada vendedora do «Diário de Lisboa»

ERICEIRA, 30 — Faleceu há dias, nesta vila, a sr.ª D. Maria Antónia Espada, que contava 83 anos de idade.

A falecida, que era conhecida pelo nome de «Maria Antónia dos Jornais», foi dedicada vendedora ambulante do nosso jornal, missão que desempenhou durante 42 anos.

A velha «Maria Antónia dos Jornais», que a despeito da sua avançada idade, ainda se dedicava á missão de vendedora ambulante do «Diário de Lisboa», morreu no seu posto, pois a doença súbita que a vitimou, surpreendeu-a quando andava na rotineira visita aos seus habituais clientes compradores do nosso jornal.

FÉRIAS EM PORTUGAL

VIANA DO CASTELO 1

Através da nossa reportagem que mais lhe interessa em Viana do Castelo?

.....

.....

(Não é obrigatório responder à pergunta)

Recorte e guarde este cupão

ATENÇÃO: Recorte os cupões (numerados de 1 a 20), responda, se quiser, à pergunta neles feita, e junte ao boletim identificador que será publicado. Preencha o boletim com letra bem legível, indique nele a localidade, entre as vinte abrangidas pelo concurso, onde mais apreciaria passar quinze dias de férias, e entregue a colecção ou envie-a pelo Correio para o DIÁRIO DE LISBOA (Concurso), Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa 2, no final do concurso e em data a anunciar.

FÉRIAS EM PORTUGAL

(Continuação da página anterior)

20 dias que durará a publicação de reportagens os reunir, e enviar a sua colecção para o «Diário de Lisboa».

Esta é a forma simples através da qual poderá gozar umas das melhores férias da sua vida.

Afinal, recortar um cupão, diàriamente, durante tão pouco tempo, é o trabalho simples que lhe pode dar o prazer de se sentar num magnífico NSU 1200 C para uma viagem maravilhosa de 30 dias através do País, com estadia completa para duas pessoas ou gozar as delícias de 15 dias em Lourenço Marques, Luanda ou Funchal, voando nos confortáveis e seguros aviões da TAP; poderá ainda experimentar a sensação confortável de rolar, bem instalado, numa carruagem da CP, para se instalar por duas semanas num dos 20 centros de turismo onde poderá, também graças ao «Diário de Lisboa», ter as suas férias.

Mas como sabe, além de tudo isto, haverá ainda dezenas de fins-de-semanas. «FÉRIAS EM PORTUGAL» NÃO É UM CONCURSO. É uma original maneira de muitos leitores nossos terem férias para recordar sempre.

Durante vinte dias, milhares de pessoas sentirão a esperança de ter umas férias fora do vulgar, confortáveis e tranquilas, pois os quatro primeiros premiados, bem como as pessoas que os acompanhem dispõem ainda de um seguro de 500 contos oferecido pela Tranquilidade.

Não hesite. A sua mão pode (e até é natural que assim suceda) tremer ao recortar os cupões. Mas recorte-os, pois mesmo mal recortados eles podem valer um prémio em «Férias em Portugal», e os prémios desta iniciativa são todos grandes, só diferem do seu interesse.

E que mais lhe poderemos dizer, leitor? Ah, sim. Boa sorte, é tudo quanto precisa para ter umas férias inolvidáveis que o *seu* jornal preparou para *si*. Boa sorte, leitor.

Os GRANDES prémios de «FÉRIAS EM PORTUGAL»

Recordamos aos nossos leitores quais os GRANDES prémios que poderão ganhar, se participarem num agradável passatempo denominado «Férias em Portugal», cujo regulamento voltamos a publicar hoje:

1.º — Um automóvel N.S.U. 1200 C, uma viagem de 30 dias, com estadias completas para duas pessoas, e, ainda, gasolina para este aliciante «tour».

2.º — Estadias completas para duas pessoas em Lourenço Marques, durante 15 dias, com viagens pelos seguros e confortáveis aviões da TAP.

3. — Uma estadia, para duas pessoas, em Luanda, com viagens pela TAP.

4.º — Mais duas pessoas com estadias completas na Madeira, igualmente com viagens pela TAP.

Além destes grandes prémios, aliciantes para qualquer pessoa, haverá, ainda, vinte estadias completas pagas, com transporte pela C. P. em outros tantos centros turísticos dos mais importantes do País.

Sóbrio, equilibrado e «racé», o N. S. U. 1110 faz parte do primeiro prémio de «Férias em Portugal». Revistas especializadas como o ROAD-TEST classificam a sua construção de «moderna até ao ultimo pormenor»

REGULAMENTO

1 — O concurso «Férias em Portugal» constará da publicação de vinte cupões, referentes a vinte localidades turísticas, e de um boletim identificador.

2 — O concorrente deverá recortar os vinte cupões (numerados de 1 a 20), juntá-los ao boletim identificador, a publicar durante o concurso, e, depois de preencher aquele com letra bem legível, deverá entregar a colecção em local a designar ou enviá-la pelo correio para a sede do «Diário de Lisboa» no final do concurso e em data a anunciar.

3 — O concorrente deverá, igualmente, indicar no boletim identificador, no espaço para isso reservado, a localidade, **entre as vinte abrangidas pelo concurso**, onde mais apreciaria passar quinze dias de férias.

4 — As colecções que não estiverem completas, quer por faltar algum dos cupões, quer por faltar a indicação, no boletim identificador, da localidade preferida, não serão aceites a sorteio.

5 — Findo o prazo de entrega, as colecções serão separadas por localidades, e numeradas, procedendo-se em seguida, na presença do representante do Governo Civil, a dois sorteios, públicos, para atribuição dos prémios:

— Sorteio geral, por bolas numeradas, para extracção dos quatro grandes prémios pela ordem da lista dos mesmos.

— Sorteio especial: de cada um dos vinte grupos de colecções serão extraídos os prémios, constantes de estadias naquelas localidades, e cuja lista será oportunamente publicada.

— Os concorrentes ficam, automàticamente, habilitados aos dois sorteios, mas aquele a quem couber algum dos grandes prémios fica, por isso, excluído dos sorteios especiais.

6 — Para cada grande prémio será, igualmente, extraído um número que funcionará como suplente no caso de o premiado não querer ou não poder utilizar o respectivo prémio.

7 — Cada concorrente pode concorrer com mais de uma colecção em seu nome.

8 — Em tudo o que não fica consignado neste Regulamento, e em particular no que se refere aos prazos de entrega dos prémios [illegible]-se-ão os termos do requerimento deferido pelo Governo Civil do Distrito de Lisboa para a realização deste passatempo.

HABILITE-SE DESDE HOJE AOS PRÉMIOS QUE LHE OFERECE

FÉRIAS EM PORTUGAL

ANTIGOS ALUNOS DAS OFICINAS DE SÃO JOSÉ

O programa da confraternização dos antigos alunos salesianos, que decorre no sábado e no domingo, inclui, no primeiro dia, um jogo de futebol com o Centro do Estoril, e uma reunião de antigos e actuais dirigentes; e, no domingo, um jogo de futebol casados e solteiros; missa e romagem de saudade ao tumulo de Fernando Caló; uma sessão solene; um almoço de confraternização e uma sessão recreativa.

A festa, que é extensiva aos familiares dos antigos alunos, estarão presentes alguns antigos mestres e professores.

A comissão organizadora presta todas as informações e aceita inscrições para o almoço, no Centro dos Antigos Alunos, nas Oficinas de S. José ou pelos telefones 607005, 664612 ou 215984.

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que desapareceram em combate, na província da Guiné, os soldados 4712766, Manuel José Machado da Silva, natural do concelho de Vila Pouca de Aguiar e filho do sr. José Abílio da Silva e da sr.ª D. Maria de Sousa Machado da Silva; 5182166, José Maria Magalhães Medeiros, natural do concelho de Celorico de Basto, e filho do sr. Manuel Medeiros e da sr.ª D. Maria Magalhães Medeiros; e 5339066, Jerónimo Manuel de Sousa, natural do concelho de Arouca, e filho do sr. Domingos Gregório de Sousa e da sr.ª D. Maria Joaquina de Sousa.

RECTÂNGULOS DA VIDA

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

A NOSSA COR

Nós somos um País triste e o preto é a nossa cor. Parece o princípio de um fado, mas não é, embora as fadistas se vistam de negro e se envolvam num negro xaile para cantar os seus lamentos de amor.

Unamuno escreveu que o culto da dor parecia ser um dos sentimentos mais característicos deste melancólico e saudoso Portugal, e Unamuno sabia o que escrevia. O português mergulha de cabeça na dor, recusa-se a esquecer, veste-se de preto para ter a sua dor bem presente, por assim dizer diante dos seus olhos e até dos olhos alheios. Exibe a sua dor, dirão. Não, assume-a resignadamente.

O preto, aprendemos na escola, não é cor mas ausência de cor. Como, porém, isso é difícil de dizer, todos lhe chamam cor. Cor, portanto.

Basta viajar um pouco pelo País, em especial pela margem esquerda do Tejo ou pela beira-mar desde Caminha a Vila Real de Santo António, para se ver que mais de metade do povo ainda não emburguesado se veste de preto. O luto alentejano ou algarvio, o luto enorme dessas mulheres (e até desses homens, às vezes de camisa preta um ano), mas principalmente dessas mulheres que, quando o marido ou um filho lhes morre andam de preto até ao dia da própria morte, é na verdade impressionante. Cinco anos pelos pais, cinco anos pelos irmãos. Os lutos sucedem-se às vezes em cadeia e elas já não voltam a usar outra cor porque há sempre irmãos e pais e filhos e maridos que partem. Depois, por esse litoral fora, temos o luto de todas as mulheres angustiadas a quem o mar rouba ou roubou ou há-de roubar um dia os seus homens. Mulheres tristes, melancólicas ou gritadoras, mulheres negras para todo o sempre.

Estes são os lutos da dor, por vezes do hábito, muitas ainda do receio daquilo que os outros pudessem dizer, daquilo que os outros sem falta diriam. Há outros lutos, porém, na nossa terra: os lutos de bem vestir, sem razão nem continuidade, lutos de um dia, de uma tarde, de uma noite. Os homens do campo nos seus negros fatos domingueiros; as senhoras da missa do domingo que continuam a usar em grande percentagem o fato preto, de ver a Deus, e a mantilha à espanhola; as mulheres, seja qual for a sua condição social, que têm sempre preparado o casaco preto para pêsames e enterros, o vestido ou o «tailleur» preto para jantares, teatros («cocktails» porque não?), vestidos mais ou menos decotados, «tailleurs» mais ou menos discretos mas tão lindamente pretos que parece sempre que vão ser recebidas pelo Papa.

Enfim, quer se trate de costumes, preferências, lutos ou fado, o preto é a nossa cor.

A VISITA À URGEIRIÇA DO PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ENERGIA NUCLEAR DO BRASIL

URGEIRIÇA, 30 — O prof. Uriel da Costa Ribeiro, presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear do Brasil, que está em Portugal a convite da nossa Junta de Energia Nuclear, os seus assessores, engs. Jair de Melo e Horácio Ferreira e as entidades portuguesas que os acompanham, depois de pernoitar no hotel desta localidade, visitaram demoradamente as instalações da mineração do urânio, informando-se, pormenorizadamente de tudo quanto se refere á sua exploração e aos processos usados.

Foi-lhes oferecido um almoço, no referido hotel, pelo Director-Geral dos Serviços de Prospecção e Exploração Mineira, após o que partiram para o Buçaco, onde jantarão e dormirão no Palace-Hotel.

Amanhã, vistarão Coimbra, a Batalha e Alcobaça, sendo-lhes oferecido, no Hotel Ritz, um jantar pelo prof. Francisco Leite Pinto, presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA CULTURA PORTUGUESA

— TEMA DE UMA COMUNICAÇÃO NO ENCONTRO DA UNIÃO DAS COMUNIDADES

Continuaram, hoje, na Sociedade de Geografia, os trabalhos da reunião conjunta da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e da União das Comunidades de Cultura Portuguesa. Estes trabalhos integram-se, como se sabe, nas comemorações do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral.

Ao fim da manhã, foi apresentada uma comunicação sobre «Emigrantes e Comunidades». É seu autor o sr. Fernando Morais Rosa, da comunidade portuguesa da Rodésia, e ocupou-se especialmente dos trabalhos que os dirigentes daquela comunidade desenvolvem no sentido de manter o seu portuguesismo e de divulgarem as directrizes do II Congresso das Comunidades de Cultura Portuguesa.

Os trabalhos recomeçam ao fim da tarde, com a apresentação de três comunicações: do sr. prof. Hernâni Cidade, sobre «As humanidades na cultura das técnicas — base de formação ou complemento ornamental?»; do sr. prof. Jorge Dias, sobre «As principais características da cultura portuguesa»; e do sr. dr. Justino Mendes de Almeida, sobre «A Sociedade de Geografia e os Estudos Filológicos em Portugal».

A visita a Portugal do ministro dos Negócios Estrangeiros dos Países Baixos

Chega hoje ao nosso País, em visita oficial, o ministro dos Negócios Estrangeiros dos Países Baixos, Joseph Lunz, que permanecerá entre nós até 2 de Junho próximo.

Ao visitante serão prestadas, á sua chegada, honras militares, seguindo depois para o Hotel Ritz, onde fica hospedado e lhe será oferecido um jantar íntimo. Amanhã o ministro dos Negócios Estrangeiros dos Países Baixos é recebido pelo Presidente da Republica, pelo Presidente do Conselho e pelo seu colega português, visitando ainda a Colecção Gulbenkian no Palácio de Oeiras.

O ministro Franco Nogueira oferece amanhã um jantar ao ministro holandês e outras entidades, entre as quais estará presente o sr. Frederik Eduard Staab, administrador da Fima/Lever.

Convénio luso-espanhol sobre o aproveitamento de rios comuns

No Ministério dos Assuntos Exteriores de Espanha, foi ontem assinado um convénio luso-espanhol para regular o aproveitamento dos rios Minho, Lima, Tejo, Guadiana, Chança e seus afluentes. Por parte de Portugal firmou o nosso embaixador na capital do país vizinho, dr. Luís Pinto Coelho e, por parte de Espanha, D. Fernando Maria Castiella, ministro dos Assuntos Exteriores. Esteve presente uma delegação portuguesa, chefiada pelo director-geral dos Negócios Económicos, embaixador Calvet de Magalhães.

VIDA SOCIAL

BAPTIZADO

Na igreja matriz de Tondela, realizou-se o baptizado da menina Fátima Marina, filha do sr. Alcides da Silva Santos e da sr.ª D. Maria da Luz de Matos Neves Tapada da Silva Santos, funcionários dos C. T. T. em Lisboa, e neta do sr. Caetano de Matos Rodrigues Tapada, comerciante, correspondente e agente do nosso jornal naquela vila.

Foram padrinhos os estudantes universitários José Manuel Fonseca de Almeida e Maria Natália Campos de Morais.

Ora diga-nos...

— Quais os seus pássaros preferidos?

Há pessoas, na cidade, que devem passar anos sem ver um pássaro — a não ser as pombas que ornamentam, alegram e sujam os jardins de todas as grandes metrópoles do mundo. De qualquer forma, nós arriscámos a pergunta: e aconteceu até que os nossos interlocutores, sendo oriundos da província, sabiam da matéria.

● *O sr. Joaquim Nunes, padeiro, começou por se rir muito. Vai assim um mortal pela rua e aparece-lhe um barbudo repórter a perguntar-lhe qual o seu pássaro preferido. Porém, por fim, lá se descaiu:*

— É o pintassilgo.

— Tem algum em casa?

— Não, mas gosto, por ter muitas e bonitas cores.

— Conhece muitas espécies de pássaros?

— Conheço, pois! Fui criado no campo. Além do pintassilgo, o canário e o melro são os meus preferidos.

● Não tenho preferidos — *afirmou-nos Maria Luísa da Ressurreição Costa, empregada de escritório.* — Gosto de todos, pois todos são agradáveis e bonitos como tudo que é da natureza. E entre tudo que é da natureza eu não distingo a sua beleza.

Mas, depois de instada, acabou por nos dizer:

— A ter que indicar um, seria o que cantasse melhor — talvez o rouxinol.

● *Enfim, o sr. Francisco Grancho Pereira, funcionário corporativo, não hesitou:*

— É o rouxinol o pássaro meu preferido. Gosto imenso de o ouvir cantar. É pena não o poder ter em casa, numa gaiola...

Esta resposta do nosso interlocutor causou viva repulsa — como se costuma dizer em certo tipo de linguagem... — ao repórter, que não pôde deixar de lhe citar a admirável quadra:

Quem canta por conta sua
Canta sempre com razão
Mais vale ser pardal na rua
Do que rouxinol na prisão.

Entretanto, o nosso entrevistado ainda nos citou outros pássaros seus preferidos na infância, lá para as bandas do Fundão: taralhões, chendas, lavandeiras...

— E gostava muito deles?

— Gostava. Fritos...

Esta, sr. Grancho, não lhe perdoamos...

FIM-DE-SEMANA

CASA SONOTONE

Durante os meses de JUNHO a SETEMBRO, inclusive, os nossos serviços encerram aos sábados, às 13 horas

COMUNICADO

CEIFEIRAS-DEBULHADORAS CLAAS-68

Continuam a decorrer regularmente os «Cursos de Ensino e Treino» destinados a manobradores de Ceifeiras-Debulhadoras Claas e que a Sociedade Industrial AGRO REPARADORA, LDA. tem ao dispor dos seus prezados clientes nas suas novas instalações ao Prior Velho — Sacavém.

Aceitam-se ainda inscrições para o curso que terá início na próxima segunda-feira, dia 4 de Junho, através dos telefones:

2510181-82-83-84

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRAS DO REPOSTEIRO

- *O coreógrafo Charles acompanhará a companhia do Teatro ABC na sua próxima digressão a África.*
- *O actor Humberto Madeira tem melhorado.*
- *A artista Beatriz Costa voltou a ser de novo convidada para participar no desempenho de uma revista.*
- *A revista «Carapaus assados com molho à espanhola» deve ser estreada no ABC logo no início da época de Inverno.*
- *Do elenco desta revista deve fazer parte o actor Humberto Madeira.*
- *Os artistas Elisa Lisboa, Ana Leiria, Teresa de Almeida e Ana Benassy são os principais intérpretes da peça de Garcia Lorca, «Bodas de sangue».*

ABC

«Arroz de Miúdas» — só até domingo

Esta é a revista que alegrou Lisboa espectáculo de luxo e cor, produzido pelo empresário José Miguel. Autores do texto são os conhecidos Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha. A música nasceu na inspiração dos maestros João Nobre e João de Vasconcelos e a coreografia foi concebido por mestre Charles José Manue assina os cenários e os figurinos e a montagem são da autoria de Mário Alberto. O guarda-roupa, luxuoso e moderno, foi confeccionado nos «Ateliers Paiva», sob orientação de Josefina Soares.

«Arroz de Miudas» é o grande espectáculo do momento, uma revista alegre e, vestida de modernidade, plena de humor e desempenhado por um elenco repleto de vedetas.

Cumprido sensacional carreira, «Arroz de Miudas» entrou em ultimos dias de representação no Teatro «ABC».

Hoje ás 21 e 23 horas. Dia 3, espectáculo no Montijo; Dia 4, Amadora «Lido»; Dia 5, Leiria; Dia 6, Coimbra; Dia 7, estreia no Porto, no «Teatro Águia d'Ouro».

«A Louca de Chaillot» sobe esta noite à cena no Vasco Santana

No Teatro Vasco Santana sobe esta noite á cena «A Louca de Chaillot», de Jean Giroudoux.

Obra francesa, é levada á cena pelo Teatro Estudio de Lisboa, numa encenação de Luzia Martins. A tradução é assinada pelo dr. Luso Soares, sendo os cenários e figurinos de Maria Helena Reis.

A interpretação está a cargo de Helena Félix, Joaquim Rosa, José de Sousa Costa, Vasco de Lima Couto, Mário Jacques, Mário Sarzedas, Armando Venâncio, Adelaide João, Manuela Cassola, Lourdes Cabral, Vítor Ribeiro, Luís Alberto, José de Carvalho, Graça Lobo, Carlos Paulo, Diamantino Matos e Cristina Casseia.

O novo espectáculo é erguido com subsídios do Fundo de Teatro e da Fundação Gulbenkian.

NOVO CASINO ESTORIL

ANGELA MARIA

THE TWO WAZYRS

CLARA SARMENTO

BALLET DE ARTHUR PLASSCHAERT do Olympia de Paris

THE RICHARD KENT STYLE

EDUARDO NASCIMENTO E "OS ROCK'S"

JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H. MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR A 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

NO CINEMA: Tarde, às 17 h. — Noite, às 21.30

A SOMBRA DUM GIGANTE

(M. 12 anos)

TRINDADE

(F. N. A. T.)

HOJE, As 21,30

5.ª RÉCITA DAS ÓPERAS

«PALHAÇOS»

de LEONCAVALLO

Com Maria Andrea Gaspar, João Rosa, Hugo Casaes, Manuel Leitão, Guilherme Kjölner, Manuel Dias e Mário de Oliveira

e

«SEGREDO DE SUZANA»

de WOLF FERRAR

Com Elsa Saque e Hugo Casaes. Maestro Director: David Machado. Encenador: Gino Bechi

Espectáculo para maiores de 12 anos

Durante o decorrer do espectáculo não é permitida a entrada na sala

No próximo dia 3 de Junho, ás 21.30 — 6.ª e ultima récita das óperas «PALHAÇOS», de Leoncavallo e «SEGREDO DE SUZANA», de Wolf Ferrari

CAPITÓLIO

Telef. 320379

Só hoje e amanhã às 21.45 h

M/ 17 anos

2 ultimos espectáculos para encerramento da temporada

«O CAMARADA MIÚSSOV»

de Valentin Kataiev

Versão francesa de Sauvajon e Delmat

Versão portuguesa de Olavo D'Eça Leal

Grades de ferro

De corrimão artísticas, em ferro forjado ou metal, com cerca de 1 metro de altura e 5, 10 e 20 metros de comprimento, compram-se em bom estado. Resposta a este jornal ao n.º 335.

12.ª SEMANA!

A PRINCESA

O PÚBLICO FEZ O SUCESSO DESTE, FILME, INSPIRADO NUMA HISTÓRIA REAL QUE COMOVEU E ENTERNECEU O MUNDO INTEIRO

*

GRYNET MOLVIG E LARES PASSAGARD SÃO OS PRINCIPAIS E MAGNÍFICOS INTÉRPRETES DESTE PALPITANTE ROMANCE DE GUNNAR MATTSSON

ADULTOS estúdio 444 TALMA FILMES

3.º MÊS

3 SESSÕES DIÁRIAS

UMA PRODUÇÃO RODLOR COM LUCIANA PAOLUZZI · JAMES WHITMORE · ANGELA DORIAN · LOUIS HAYWARD EM "MAJOR BENSON" RICHARD JESSUP ARG. DE PROD. DE ROD TAYLOR E JACK JASON REAL. DE GORDON DOUGLAS COLOR

AMANHÃ EMOCIONANTE ESTREIA NO EDEN

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

FUTEBOL — **Deve ter desabado ontem sobre os telespectadores portugueses a última grande tempestade futebolística. Talvez ainda vejamos a final da «Taça de Portugal». Mas para todos os efeitos, a grande emoção acabou. Teremos de esperar mais um ano para que a cena se repita (lagarto! lagarto!).**

A propósito, os lugares-comuns do costume: as ruas desertas, as casas de espectáculos vazias, as conversas que se prolongam pela noite fora, bem cultivadas, isto é, bem regadas...

Pois bem. Não está isso no meu pelouro. No meu pelouro está o espectáculo de Televisão. E aqui não houve a mínima novidade; os ingleses cumpriram na realização, mas não mais do que isso. Cumpriram burocráticamente, sem grandes rasgos. Sem carregarem no pedal de aventura, de pesquisa, da reportagem bem gorada. O defesa inglês, não sei como ele se chama, quer dizer, não me lembra, pregou uma data de partidas ao Eusébio, mas dizer que vimos, que vimos mesmo, que vimos com estes dois que a terra há-de comer, isso não, não podemos dizer. A câmara nunca se aproximou o bastante para testemunhar. Ai estes «camaramen» ingleses ás vezes são de um recato tão caracteristicamente vitoriano...

Mais uma vez chamo a atenção da locução, de apresentação, dos comentários (escolham lá como deve dizer-se) com que Alves dos Santos seguiu o espectáculo.

É inadmissível a forma como esses comentários se processam, assim, ao mesmo tempo que o jogo se desenvolve. De duas, uma: ou o telespectador há-de sentir o jogo ou há-de ouvir Alves dos Santos. Ou há-de acompanhar a urdidura futebolística ou há-de acompanhar os raciocínios profundos e monótonos do comentarista. Tem de se optar. Quando muito, falar para tirar dúvidas, para esclarecer, para apontar o nome deste ou daquele jogador que dribla ou passa ou cai ou faz bonitos ou qualquer coisa assim.

Imaginem o Rodolfo Valentino a beijar uma daquelas sujeitas que com ele contracenavam.

(Só um parêntesis: falo do Valentino porque não me lembro de nenhum moderno que se especializasse no negócio. A verdade é que, mesmo quanto ao Valntino-ino-ino o que sei é pela tradição e por uma fita dele, com os olhos muito abertos para o céu, que a Televisão deu quando foi o aniversário da sua morte. Não sei se repararam que nos tempos de hoje em dia, no cinema ninguém beija. Há que tempos que não se vê um beijo, daqueles em grande, no cinema. É uma tristeza!)

Pois dizia eu: imaginem o Valentino em funções oficinais e oficiais. Imaginem alguém, de lado, a comentar. Do género: Rodolfo passa o braço pela cintura da rapariga. Abraça-a talvez um pouco brutalmente, o que não está certo. Mas a rapariga parece gostar. Fecha as pálpebras de forma um tanto carinhosa e desconfiada. Já pressentira ela que Rodolfo é um grande sedutor? Entretanto, vejam como ela corresponde ao osculo, á pertinácia do amante. Este puxa-a para o peito, vai rematar, perdão!, vai beijá-la e...

Etc. etc. Lá se ia todo o efeito valentínico por água abaixo. Pois é assim que sucede nestes futebóis televisivos, com os comentários de Alves dos Santos. Os comentários, como a publicidade na rádio, deviam apenas fazer-se quando a bola estivesse fora. Experimente-se.

M. C.

HOJE PODE VER

● **Às 21 e 30: Reportagem do exterior**

Uma nova revista no Monumental

No Teatro Monumental continua na ultima fase de ensaios a nova revista «Lisboa é sempre mulher», que é levada á cena por Vasco Morgado.

O texto é de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha.

A musica é da autoria de João Nobre e Carlos Dias.

Como novidade destaque-se que a coreografia é de Fernando Lima, co-director do «Verde-Gaio».

Pinto de Campos orienta a parte plástica do espectáculo, destacando-se a colaboração de Francisco Relógio e Manuel Lima, além de Hernani Lopes, António Casimiro, Nuno Alves Pereira e Jorge Rosa. Os cenários são executados por Manuel da Cunha e Silva, Mário Garcia, João Teodoro, Barata de Carvalho, José Maria Marques, Manuel Príncipe e o jovem José Manuel.

«Lisboa é sempre mulher» deve estrear-se dentro de dias.

RECINTOS DE DIVERSÕES

* Ana Hortense é uma das artistas convidadas para participar nos festivais de Vila do Conde, a realizar em Junho.
* O agrupamento «Vedetas-show» estreia-se em Luanda, no próximo dia 4 de Junho.
* Gravou recentemente um programa para a R. T. P. a artista Ada de Castro.
* Tem melhorado a artista Maria Pereira.

MONTIJO

SÁBADO, 1 DE JUNHO
ÀS 22 HORAS

1.ª CORRIDA NOCTURNA DO ANO

a favor do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do MONTIJO actuam graciosamente os

CAVALEIROS

MANUEL CONDE
VARELA CID
JOSÉ LÚPI
FREDERICO CUNHA

6 Imponentes Toiros, de LIMA MONTEIRO
2 GRUPOS DE FORCADOS AMADORES DE LISBOA e MONTIJO
Preços: Sombra desde 55$00
Sol a 25$00

M/ 6 ANOS

TV FOGUETE — Telefone **835299**
Assistência permanente em Rádio e T. V. ao domicílio

C. M. L.

ESTUFA FRIA

Hoje às 21.30 horas fixas

ESPECTACULO GRATUITO
JACOB E O ANJO, DE JOSÉ RÉGIO
com Madalena Sotto — Alves da Costa — Assis Pacheco — Joaquim Miranda — Carlos Duarte — Andrade e Silva — António Machado — Henrique Viana — Augusto Figueiredo, nos principais papéis
Pela Companhia de Teatro Popular
Dirigida pelo actor Augusto de Figueiredo
Encenação de Orlando Vitorino—cenários e figurinos de Pinto de Campos

Distribuição de Bilhetes:
Restauradores, das 18 às 20 horas.
Estufa Fria, às 21 horas.

M/ 17 anos

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

NA SEQUÊNCIA DUMA TEMPORADA MEMORÁVEL APRESENTA UM NOVO ÊXITO EM

2.ª SEMANA

POR MAIS ALGUNS DÓLARES

A crítica define eloquentemente a categoria deste filme:

«HÁ MUITOS ANOS QUE LISBOA NÃO VIA UM «WESTERN» TÃO VIOLENTO, TÃO FABULOSO... MUITOS ANOS, TALVEZ, SE TENHA DE ESPERAR POR OUTRO COM CLASSE TÃO INVULGAR.»

A. F. — «A CAPITAL»

ADULTOS

COM **CLINT EASTWOOD** · **LEE VAN CLEEF** · **GIAN MARIA VOLONTE**
Argumento de LUCIANO VINCENZONI — Realiz. de SERGIO LEONE — Mús. de ENNIO MORRICONE — Prod. de ALBERTO GRIMALDI
A co-production P.E.A. (Roma) ARTURO GONZALEZ (Madrid) CONSTANTIN FILM (Munchen)

RANK FILMES

XII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

TIVOLI ● **Hoje às 18.30 horas** ● **Recital pela cantora**

CATHY BERBERIAN

acompanhada pelo pianista **BRUNO CANINO**

Obras de DEBUSSY, RAVEL, STRAVINSKY, CAGE, BERIO, WEILL e BERBERIAN
● Canções dos «BEATLES»

N. B. — Para este recital são válidos os bilhetes para o concerto do «Domaine Musical», que deveria realizar-se hoje, no mesmo local e à mesma hora.

TIVOLI ● **Hoje às 21.30 horas** ● **Concetro pela ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN, tendo como maestro e solista o violinista**

HENRYK SZERYNG

Obras de J. S. BACH, MOZART e VIVALDI

Concerto das 18,30 h. p.ª maiores de 6 anos. Concerto das 21,30 h. p.ª maiores de 12 anos

RESTAURANTE «O GUIZO»

PRAÇA DE TOUROS **CASCAIS**

O BOM GOSTO E A BOA COZINHA PORTUGUESA À SUA DISPOSIÇÃO

Todos os dias: JANTARES
Sábados, Domingos e Feriados: ALMOÇOS
Música ambiente
Salas próprias para serviços de Banquetes
Informações: **Telefones: 28 23 49/28 34 34**

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir

6ª SEMANA
UM EXCLUSIVO ASTÓRIA FILMES
MAIORES 17 ANOS

ESTE DIFÍCIL AMOR

MAIS UM GRANDE ÊXITO no IMPÉRIO

com HAYLEY MILLS · JOHN MILLS · RHYWEL BENNETT · MARJORIE RHODES
AVRIL ANGERS · LIZ FRASER · WILFRED PICKLES · JOHN COMER · BARRY FOSTER · MURRAY HEAD
Musica PAUL ("Beatle") McCARTNEY | BILL ("Alfie") NAUGHTON'S "All In Good Time"
Adaptação ROY BOULTING e JEFFREY DELL
Prod. e Realização JOHN e ROY BOULTING
Argumento BILL NAUGHTON
TECHNICOLOR® WARNER BROS. SEVEN ARTS

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

Lurdes Norberto, principal intérprete feminina

José de Castro, desempenha o primeiro papel masculino

«O Tempo e a Ira»

estreia-se amanhã no Teatro Experimental de Cascais

Um grupo de artistas de primeira grandeza juntou-se, sob a orientação de Artur Ramos, para interpretar a peça «O Tempo e a Ira» de John Osborne. Esse grupo, que agora se intrega no elenco do Teatro Experimental de Cascais, é formado por Lourdes Norberto, José de Castro, Ana Paula, Canto e Castro e Luís Santos.

A encenação de «O Tempo e a Ira» fica a dever-se a Artur Ramos, sendo o cenário de Paulo Guilherme.

A peça sobe á cena no Teatro Gil Vicente, em Cascais, amanhã ás 22 horas, em espectáculo de gala.

CONCERTO PELA BANDA DA 6.ª ESQUADRA DOS ESTADOS UNIDOS

Amanhã, ás 18 e 30, no Cinema Monumental, a Banda da 6.ª Esquadra dos Estados Unidos dará um concerto de cujo programa fazem parte, entre outros, números de música ligeira moderna, de «jazz» e marchas militares.

Os convites para este concerto podem ser requisitados aos Serviços de Informação e Assuntos Culturais dos Estados Unidos, Avenida Duque de Loulé, 39.

Este concerto faz parte de uma série a realizar em várias cidades portuguesas e tem por fim apresentar a Banda da 6.ª Esquadra ao público de Portugal e, em particular, a componentes de agrupamentos musicais.

Ópera no Trindade

Hoje, ás 21 e 30, decorre no Teatro da Trindade o 5.º espectáculo das óperas «Palhaços», de Leoncavallo, e «Segredo de Suzana», de Wolf Ferrari, um grande êxito de público confirmado pela crítica.

O director de orquestra é o maestro David Machado, a encenação de Gino Bechi. Os intérpretes principais são João Rosa, Maria Andrea Gaspar, Hugo Casaes, Guilherme Kjölner, Manuel Leitão e a grande revelação Elsa Saque. Colaboram a Orquestra de Ópera da Emissora Nacional e o Corpo Coral do Teatro Nacional de S. Carlos.

Cine-Clube Imagem

Continuando o ciclo «A mulher no cinema», o Cine-Clube Imagem promove hoje no Jardim Cinema, ás 18 e 40, mais uma sessão em que será exibido o filme de Antonioni «A Noite». Este filme que estava programado para a sessão do dia 13 de Junho será exibido hoje por troca de datas com «Os Contos da Lua Vaga» preenchendo este a sessão desse dia.

A SUA CONSCIÊNCIA ERA UM CAMPO DE BATALHA CONTÍNUA.
DE UM LADO, A RIQUEZA E O PODER.
DO OUTRO, A MULHER A QUEM AMAVA...

um exclusivo ASTÓRIA FILMES
UMA PRODUÇÃO QUINN MARTIN
FBI contra COSA NOSTRA
Maiores 17 anos
(COSA NOSTRA AN ARCH ENEMY OF THE FBI)
com EFREM ZIMBALIST, JR. · WALTER PIDGEON · CELESTE HOLM
TELLY SAVALAS · SUSAN STRASBERG
Prod. respon.: ARTHUR FELLOWS e ADRIAN SAMISH
Produção: CHARLES LARSON
Real.: DON MEDFORD · Argum. NORMAN JOLLEY · TECHNICOLOR®
WARNER BROS.-SEVEN ARTS
AMANHÃ ESTREIA NO SÃO LUIZ e ALVALADE

mercado de Abril
ZONA DE BELÉM
Abril em Portugal
COMISSARIADO DO TURISMO
SERENATA DE COIMBRA
HOJE, 30 DE MAIO
As 22.30 horas
NO CENTRO DE ARTESANATO
As 23.30 horas
NO TEJO

O CANDELABRO
RESTAURANTE
BAR: ABERTO ATÉ ÀS 2 DA MANHÃ
QUALIDADE
Rua Marquês de Subserra, 10 (Esquina Artilharia 1)
Telefones 680986 - 680968 LISBOA

AMANHÃ no MUNDIAL SENSACIONAL ESTREIA

ADAMO
NO SEU PRIMEIRO FILME
DEIXEM-ME VIVER
(LES ARNAUD)
BOURVIL
CHRISTINE DELAROCHE
MARCELLE RANSON
MICHEL DE RE
UM FILME COLORIDO QUE REVELA ADAMO COMO UM EXCELENTE ACTOR
ADAMO canta a canção "VIVRE"
Realização de LEO JOANNON
Distr. Excl. Triunfo Adultos

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

VIANA DO CASTELO

As surpresas de uma cidade luminosa com praias, rio e campos a perder de vista

IMAGINEMOS uma cidade estendida junto à foz de um rio, na sua margem direita. Com algumas casas — bastantes casas, mesmo assim — do lado esquerdo, bordejando a estrada que vem do Sul, metendo-se depois por um pinhal, casas bonitas, concebidas para o Verão. Imaginemos essa cidade, subindo um alto monte, sem chegar, todavia, ao cimo. E no alto do monte um santuário de inspiração simultâneamente românica e bizantina, apesar de ainda não ter um século de existência.

Imaginemos o espelho de água (um rio chamado Lima, que o poeta Diogo Bernardes tão bem cantou) em manhãs de sol. Atendendo melhor, vêem-se lavadeiras ali perto. Barcos. Destroços leves na corrente. A cidade pròpriamente dita é como todas as cidades: mistura subtil do antigo e do novo, mas com preferência pelas tonalidades claras. Grande consumo do branco. Temos um nome para dar-lhe: Viana do Castelo. Já a conheceram por Viana da Foz do Lima. Quanto ao castelo, desapareceu em finais do século XVI. Há, sim, um recinto poligonal e abaluartado, digno de ver-se, a Fortaleza de São Tiago da Barra, começada a construir em 1567, quando reinava D. Sebastião.

Houve também, uma extensa muralha, de que restam alguns lanços escondidos aqui e ali nas traseiras dos prédios, por vezes um pouco mais visíveis. Recordações para quem sabe procurar.

«Viana é vila tão notável em grandes e várias qualidades», dizia o estilista Frei Luís de Sousa, há três séculos e meio, «e por tantas vias avantajada a estoutra do mesmo nome (Viana do Alentejo, ou Alvito) e a outras grandes do Reino, que mais depressa lhe houvéramos de consentir distinção, os que lemos as histórias do Mundo, para a diferençarmos de Viana de Austria ou de Viana da França, que não da que lhe fica tanto inferior como esta do Alentejo.» Para Ramalho Ortigão, trata-se da «porção de céu e do solo mais vibrantemente viva e alegre, mais luminosa e mais cantante» que ele encontrou nas suas muitas andanças. «Pulchra» («bela»), chamaram-lhe os Romanos, pessoas de espírito sintético. Belos elogios para uma cidade que hoje se projecta para o futuro, conservando os seus atractivos naturais e modernizando o aspecto exterior, aquele que depende a mão do homem

As praias e o campo

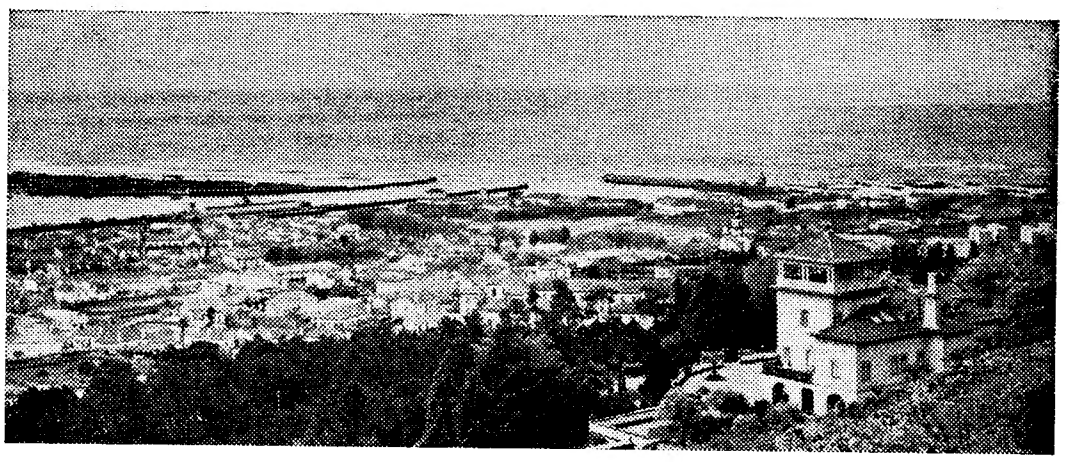
Em termos de distrito, Viana do Castelo tem uma faixa costeira variada onde avultam as praias de Moledo do Minho, Vila Praia de Âncora e Camarido, embora também se tome banho noutros sítios, como Afife e Areosa. As praias privativas da cidade são a do Norte, junto à Fortaleza e pontilhada de rochedos, e a do Sul, ou do Cabedelo, uma das melhores do País, com o seu grande areal quase a perder de vista, e sem recifes na vizinhança.

O Cabedelo está bem abrigado de ventos, pormenor que constitui excelente chamariz no Verão. Vem gente de muito longe passar os três meses «de ponta» — Julho, Agosto e Setembro — nestas paragens fortemente iodadas.

Há casas para alugar (poucas). Mas há também dois hotéis — sendo um de primeira —, sete pensões e um motel. Se quiser, o veraneante — ou o turista, em suma — pode fazer o seu poiso fora de Viana do Castelo, para o que tem várias soluções, e banhar-se regularmente no Cabedelo. Não é o primeiro que o faz.

Caçadores de fotografias e amadores de folclore costumam ser certos nas romarias. A Senhora da Agonia decorre na própria cidade (Campo do Castelo) e é um cartaz extraordinário de Agosto, com o numero de eleição no seu festival de pirotecnia, a que acorrem os melhores especialistas da região. Outros festejos populares muito animados têm por cenário Santa Marta de Portuzelo, Carreços, Afife, Perre e Cardielos, onde para além

(Continua na pág. seguinte)



O casario de Viana e a foz do Lima vistos da encosta de Santa Luzia

HOTÉIS E PENSÕES

- HOTEL SANTA LUZIA (1.ª A)
- RESIDÊNCIAS «ABRIGO DO POSTILHÃO» (MOTEL), EM DARQUE (1.ª)
- HOTEL ALIANÇA (3.ª)
- PENSÃO RESIDÊNCIA ALIANÇA (1.ª)
- PENSÃO RESIDÊNCIA MATRIZ (1.ª)
- PENSÃO VIANA-MAR (1.ª)
- PENSÃO BEIRA-MAR (2.ª)
- PENSÃO-RESTAURANTE GUERREIRO (2.ª)
- PENSÃO-RESTAURANTE RIO LIMA (2.ª)
- PENSÃO-RESTAURANTE TERRA LINDA (2.ª)

BORDADOS, RENDAS E CAROÇAS DO PEDRA

NO CAPITULO do artesanato, Viana do Castelo começa por lembrar os seus bordados *cheios de fantasia. Vêm de várias freguesias em redor, especialmente de Cardielos. Mas há também as* mantas granjeadas *ao* tear, *essas oriundas de Perre. E as* rendas, *trabalhos dificílimos em que a peça é obrigatòriamente circundada por um cordão de linho. Há quem pretenda que as rendas de Viana do Castelo são, inclusivamente, as antepassadas de Peniche e Vila do Conde. Nas escolas da região já foi obrigatório o ensino desta arte feminina. Hoje as rendeiras que restam são meia dúzia de mulheres do povo, algumas velhas internadas de asilos e uma ou outra religiosa.*

Quem percorrer os estabelecimentos da especialidade verá as flores de papel metalizado *e os* palmitos. *Usaram-se (e usam-se) para enfeitar os andores nas procissões, mas começam a interessar os técnicos de decoração.*

Dois ofícios que perduram na região, o dos tamanqueiros *e o dos* canteiros, *produzem espécimes curiosos. Alguns canteiros têm fama num raio de muitos quilómetros. São os herdeiros de um grande nome quinhentista, João Lopes,* o Velho.

Aconselhamos ainda uma visita a Lanheses, para comprar mais barato a conhecida cerâmica *daquela zona, e a Barroselas, para ver os* tornos de vara *(accionados a pedal), de onde sai uma profusão de objectos de madeira.*

Por último, as caroças, *ou capotes impermeáveis de pastor. Provêm da freguesia de Deão, e quem as fabrica é um homem apenas, de apelido Pedra, último representante de uma família que pràticamente nunca fez outra coisa. Acabando este Pedra, acabam-se as caroças... Compre uma enquanto é tempo. São, além de insólitas, uma novidade para decoração.*

RECORTE O CUPÃO PUBLICADO NA PÁGINA DOIS E LEIA O REGULAMENTO DE

FÉRIAS EM PORTUGAL

Uma visão pessoal do repórter de serviço
FERNANDO ASSIS PACHECO

Férias de mar e rio em Viana do Castelo

(Continuação da pág. anterior)

da exibição dos ranchos folclóricos, podem ainda ver-se velhos trajos, sobretudo femininos, deambular pelo recinto da feira. O tema não se esgota aqui: todo o Minho, quase sem excepção, tem muito que se lhe diga quanto a reuniões populares.

Mesmo sem o estímulo da romaria, dão-se grandes passeios na zona de Viana do Castelo. Deixemos Santa Luzia e a citânia do mesmo nome para outro capítulo. Temos, desde já, S. Francisco do Monte, a escassos três quilómetros da cidade: um local extremamente belo, um velho convento rodeado de quintas, pomares e vinhas. Quem for bom andarilho pode também visitar o Fincão e o Castelo Velho (ou as ruínas do mesmo, junto ao portinho da Areosa).

Cinco quilómetros separam Viana de uma aldeia bastante característica, Santa Marta de Portuzelo, famosa pelo seu grupo folclórico. A romaria é em meados de Agosto, com danças e cantares a preceito. Outros itinerários recomendados: Afife (a 11 km), Castelo de Neiva (12 km), S. Cláudio de Nogueira (12 km), onde pode admirar-se um templo românico cuja estrutura data do século XII; enfim a «Volta do Lima», que são dez léguas bem medidas — igrejas, capelas, solares, paços, conventos, cruzeiros, pelourinhos, portais armoriados, casas apalaçadas, pontes romanas, passando sucessivamente por Meadela, Santa Marta de Portuzelo, Lanheses, Bertiandos (não esquecer o solar) e Ponte do Lima.

As próprias margens do rio merecem um passeio demorado. Portinho de Talharezes, Barco do Porto, o histórico Cais da Passagem — andou por lá o prior do Crato, atenção — reservam surpresas agradáveis ao turista.

Posto isto, que é o anel circundante de Viana do Castelo, regressemos á cidade. A nosso lado vem o Lima, o mesmo rio que já acompanhou Diogo Bernardes:

«E tu, que ledo para o [mar caminhas,
cuidar me fazes (tal é o [som que deixas)
que triste vás chorando [minhas mágoas»

O Lima — um rio afinal alegre, com o seu quê de cosmopolita no Verão, quando os «out-boards» deixam á superfície uma fita de espuma branca.

A cidade para ver em pormenor

Viana do Castelo é uma cidade para ver em pormenor. Há quem lhe negue monumentalidade, preferindo sublinhar as belezas naturais em que está incrustada. Mas Viana, «a amorável Viana», tem um interior cheio de diversidade.

O centro natural é a Praça da Republica, ou simplesmente Praça, com duas construções do século XVI, a Casa da Camara e a Casa da Misericórdia, aquela um pouco mais antiga, erguida nos reinados de D. Manuel e D. João III, esta iniciada em 1520, mas demorando largas dezenas de anos a ser o que hoje vemos, que é singularmente belo: uma arcada de volta redonda, apoiada em colunas jónicas e parecendo sustentar duas varandas alpendradas sobrepostas, por sua vez assentes em colunas esculpidas, e tudo isso enriquecido com vinte e uma obras de escultura.

Para lá do pórtico da Casa da Misericórdia está a igreja do mesmo nome, construção de finais do século XVII. Ao centro da praça vê-se um chafariz quinhentista, obra do canteiro vianense João Lopes, o mesmo que concebeu a Casa da Misericórdia.

Passemos, poucos metros andados, á Rua Sacadura Cabral, por onde se desemboca na Igreja Matriz, templo de raiz gótica quinhentista, mas substancialmente transformado com o correr dos anos, principalmente depois de um grande incêndio em 1809 (coisas dos invasores franceses). Nas imediações da igreja encontramos a Casa de João Velho, ou Casa dos Arcos, uma relíquia de era de Quatrocentos ocupada hoje pelo Instituto Francês, e no largo fronteiro ao templo podemos — mesmo considerando que é só tradição sem pé na realidade histórica — admirar a chamada Casa de Miguel de Vasconcelos, do nome do secretário de Estado de Filipe III ao tempo da Restauração.

Rua do Forno, Praça da Erva — velhas artérias para percorrer de máquina fotográfica em punho... Eis-nos finalmente chegados á estreitíssima Rua de S. Pedro, com a Casa dos Costa Barros e nela (surpresa maior) a famosa janela manuelina, primorosamente lavrada, que gerações de turistas têm fixado para a sua (deles) posteridade.

Quem seguir de novo pelo centro da cidade descobrirá a Igreja de Santa Cruz, de fins do século XVI, mandada construir pelo arcebispo Frei Bartolomeu dos Mártires em granito moreno. Os restos mortais do próprio arcebispo repousam no interior do templo, numa arca tumular de mármore. Veja-se em Santa Cruz, porque vale a pena, o altar da capela da confraria do Rosário, de talha dourada, obra de goiva de mestre Domingos de Magalhães.

Há outras coisas para ver. Falámos já na Fortaleza de São Tiago. Entre ela e o mar ficam os Estaleiros Navais, que aconselhamos ao visitante de formação técnica. Os Estaleiros de Viana do Castelo são famosos e têm contribuído ao longo dos anos, para a renovação da nossa Marinha Mercante, em especial da frota pesqueira.

Outra vez no centro da cidade, defronte da igreja de Santa Cruz, temos a Biblioteca Municipal e o Museu Regional, que estão instalados num mesmo edifício (brasonado e do Século XVIII). A ver: os rodapés dos azulejos, obra de Policarpo de Oliveira Bernardes, e uma estátua pré-histórica de guerreiro, talhada em granito (não vá muito longe — está no átrio). Quanto ao Museu, vale pela sua diversidade, mas há que dar também uma olhadela á secção regional, onde se expõem belas peças de cerâmica minhota. São aconselhadas várias visitas de permeio — ao Convento de Sant'Ana, ao Palácio dos Condes da Carreira (ou dos Távoras), ao Solar de Camarido (ou Casa dos Melos Alvins), á Igreja de São Bento (que é o que resta de um velho mosteiro beneditino) e á Casa da Praça com a sua capela joanina de setecentos.

Eis-nos preparados para subir a Santa Luzia. Agora, sim, vamos ver lá de cima o traçado amplo da cidade que já percorremos. São cinco quilómetros por estrada, com a recompensa de sucessivas panorâmicas que classificamos de deslumbrantes, e 864 metros de elevador, um passeio estupendo, fora do vulgar. No alto, á espera do visitante, um estranho santuário a que já aludimos no primeiro parágrafo.

Chamamos a atenção dos apreciadores de Paris: está aqui uma sugestão (será?) do famoso «Sacré-Coeur». Como o foi, di-lo-ia o arquitecto Ventura Terra, se acaso vivesse ainda. De notar a planta simétrica e em forma de cruz grega, as rosáceas de dezasseis pétalas, os torreões e o zimbório. O granito claro em que o templo está construído atenua a primeira impressão, talvez de construção pesada, um tanto maciça.

Sem esquecer o miradouro e o hotel, vale bem a pena ver, por último, a Citânia de Santa Luzia, ou, no dizer do povo, a Cidade Velha, ruínas de um aglomerado da cultura castreja.

Agora resta-nos olhar para Viana. A cidade, lá em baixo, oferece-se em toda a sua beleza luminosa. É um dos centros turísticos integrados no nosso concurso «Férias em Portugal». Boa viagem, leitor, e aprecie tudo com vagar. Como Viana merece.

Aos domingos Santa Luzia é concorridíssima e há quem se deixe fotografar «à la minute» com o pesado templo românico-bizantino (do século XIX) em fundo

O centro natural de Viana do Castelo está na Praça da República, onde pode ver-se a Casa da Câmara, a Misericórdia e um belo chafariz quinhentista de João Lopes, o Velho

DO «CARRO DA SANTOLA» AOS VINHOS DE PERRE E GERAZ

A CULINÁRIA vianense tem que se lhe diga. Gastrónomos da qualidade andaram por estes sítios a bisbilhotar (e a comer). Comecemos pelo restaurante *«Zefa Carqueja»*, no coração da Ribeira. Que faz de especial? Ah, bom, o «carro da santola», ou seja a santola recheada. Quanto ao recheio, há quem critique o refinamento hoje em curso no restaurante, que parece afastar-se da velha «carangueja» dos pescadores, com largo consumo de broa, azeite e cebola picada. De qualquer modo, a *«Zefa Carqueja»* continua a ser muito procurada pelos apreciadores de mariscos.

No gaveto do Hotel Aliança, onde foi o antigo mercado, está a *«Margarida da Praça»*, outro restaurante típico. A fama vem-lhe dum saboroso bacalhau (à Margarida). Junto à igreja de São Bento, famoso pelos seus grandes filetes e pela alvura impecável das toalhas e guardanapos, temos o *Restaurante Freitas*, que à sexta-feira recebe também farta clientela das tripas à portuense.

Boa recepção espera o turista guloso (somo-lo quase todos, enfim) no *Náutico*, em pleno Lima Parque. Sala ampla, serviço eficientíssimo. Na ementa: açorda de marisco, bacalhau recheado (com pão), cabrito assado (o molho é segredo da casa), um esplêndido cozido e tortilha à Náutico. Andámos que tempos para descobrir o *quid* desta tortilha. Estava na mostarda, utilizada com dedo certo. A carta de vinhos indica um notável Alvarinho da casa, especialidade da região de Monção. Surpresa? Apenas esta: o *Náutico* está inscrito como restaurante de segunda classe!

Quanto a vinhos autênticamente vianenses, três sugestões: o carrascão de Perre (vinho de qualidade média, dizem os provadores de outras terras, mas muito consumido pelo pescador, que gosta de ver «a malga tingida»), os brancos das Terras de Geraz (de vinhas em socalco, o que dá melhor maturação — lembram, ao paladar, os vinhos amarantinos) e o branco do Santas de Perre (menos afamado que o monçanense Alvarinho, mas igualmente fora do comum).

BANCOMAT BFB

É a primeira máquina automática
de distribuição de notas,
instalada em Portugal.

BANCOMAT BFB

É um distribuidor de notas, que funciona
durante as 24 horas de todos os dias,
mesmo domingos e feriados.

BANCOMAT BFB

É a única máquina que lhe permite
levantar 5 quantias diferentes,
à sua escolha.

BANCO FONSECAS & BURNAY

CAPITAL E RESERVAS: 974.562.600$00

SEDE: LISBOA – RUA DO COMÉRCIO, 132

VIDA MUSICAL

Musica de Purcell em S. Carlos

A reputação de Alfred Deller e do seu grupo (baptizado «Deller Consort») há muito que se encontra firmada. A prova aí a temos em inumeras gravações, as quais muito vêm contribuindo para que certos aspectos da arte dos velhos tempos encontram eco no gosto e na sensibilidade moderna. É, ao mesmo tempo, a «redescoberta» de tesouros musicais caídos no esquecimento durante séculos e um proporcionar vivências de um carácter muito especial, mas nem por isso menos autênticos e cativantes.

Desta vez o «Deller Consort» veio até nós para nos apresentar um programa preenchido com obras de Purcell, um dos compositores particularmente homenageados durante o Festival Gulbenkian em curso. Não há que procurar no conjunto o culto das tradições do belcanto (tal como as entendemos normalmente) tanto no estilo interpretativo como na qualidade ou na especial beleza das vozes. Seria descabido. Além de que é uma expressão preferentemente intimista e uma arte palaciana aquilo que a formação orientada por Alfred Deller nos transmite quase sempre. E foi o que aconteceu uma vez mais ontem em S. Carlos. Seis artistas vocais (ora actuando em conjunto, ora destacando-se em maior ou menor numero) e um cravista, interpretaram trechos de tipo formal ou de climas bastante diversos — uns de índole madrigalesca e amorosa, outros de uma substancia mais teatral, outros ainda de inspiração religiosa e feição algo hierática.

Sem entrarmos em referências detalhadas a uma tarde de musica que se impôs sobretudo pela ambiência geral que o conjunto conseguiu criar, não será descabido destacar o soprano Honor Sheppard (sem duvida, a melhor e mais «educada» voz do grupo) e trechos como a canção «Let the dreadful Engines» (de uma peça sobre D. Quixote) ou a que começa pelas palavras «How blest are the Shepherds» (de uma encantadora frescura melódica), e ainda o dueto «Sound the Trumpet» (que pertence a uma ode composta em 1694 para o aniversário da rainha Mary). — N. B.

Recital pela cantora Cathy Berberian

A extraordinária cantora norte-americana Cathy Berberian apresenta-se hoje, ás 18 e 30, no Tivoli, num recital com a colaboração do pianista Bruno Canino.

Embora se dedique também ao repertório tradicional, Cathy Berberian celebrizou-se sobretudo como intérprete de musica contemporanea, graças á sua invulgar musicalidade, ao seu forte sentido teatral e á flexibilidade e extensão da sua voz. O nome desta artista é familiar ao publico dos festivais de Veneza, Varsóvia, Palermo, Viena, Tanglwood e Donaneschingen, e ainda estritamente ligado á criação de algumas obras de Luciano Berio, Maderna, Pousseur e outros compositores contemporaneos.

No seu recital de hoje, Cathy Berberian cantará obras de Debussy, Ravel, Stravinsky, Kurt Weill, Berio e John Cage, além de quatro canções dos «Beatles» num arranjo de Louis Andriessen — o que, sem duvida, constitui um aliciante para todos os tipos de publico

Henryk Szeryng com a Orquestra de Camara Gulbenkian

Henryk Szeryng é, hoje em dia, um dos «virtuoses» do violino mais célebres em todo o mundo. Tem actuado com maestros tão famosos como Karajan, Ansermet, Klemperer, Oterloo, Schuricht, Kletzki, Sargent, Munch, Ormandy e Cluytens. Obteve já por quatro vezes o Grande Prémio do Disco.

Reveste-se assim de particular interesse a sua aparição no concerto que a Orquestra de Camara Gulbenkian efectuará hoje, ás 21 e 30, no Tivoli. Neste concerto, Szeryng colaborará simultaneamente como solista e maestro. Do programa fazem parte obras de J. S. Bach, Mozart e Vivaldi.

Exposições Viana da Mota e Darius Milhaud

Até ao dia 8 de Junho, continuam patentes, todos os dias uteis, das 15 ás 19 horas, as exposições evocativas dos compositores Viana da Mota e Darius Milhaud, respectivamente, na Galeria de Exposições da Fundação Gulbenkian (Rua Marquês Sá da Bandeira) e no Salão Nobre do Teatro Nacional de São Carlos. A entrada é livre.

O Festival Gulbenkian em Setubal

No ambito do XII Festival Gulbenkian de Musica, o Coro Gulbenkian, dirigido por Olga Violante, efectua hoje, ás 18 e 30, no claustro do convento de Jesus, de Setubal, um concerto «a cappella» com obras de Frei Manuel Cardoso, Darius Milhaud e Luís de Freitas Branco.

Este é um dos momentos do mais belo «pas-de-deux» que «Romeu» e «Julieta» dançam na narrativa balética-dramática que Maurice Béjart fez sobre aquele tema. É este bailado, com duas «Julietas» e dois «Romeus» diferentes (cada par dança no seu dia) que o «Ballet du XXéme Siécle» apresenta na quinta, sexta-feira e sábado da próxima semana, no Coliseu dos Recreios. A gravura mostra Laura Proença, uma brasileira que faz uma enternecedora «Julieta»

Os vencimentos de várias classes de pessoal dos Serviços Municipalizados de Coimbra

Na ultima reunião da Camara Municipal de Coimbra, a que presidiu o eng.º Araujo Vieira, foi tomado conhecimento de que o ministro do Interior aprovou a remodelação dos quadros do pessoal dos Serviços Municipalizados, tendo já o respectivo conselho de administração, na reunião de segunda-feira, introduzido nessa remodelação as modificações que lhe foram sugeridas pela Direcção-Geral da Administração Política e Civil. Foi também tomado conhecimento do despacho do mesmo ministro para homologação das deliberações camarárias que lhe foram submetidas e eram relativas ao aumento de vencimentos e salários das seguintes classes de pessoal: capatazes de serviços de higiene e limpeza, de 1300$00 para 1400$00 mensais; varredores, de 38$00 para 45$00 diários; jardineiros de 1.ª classe, de 1120$00 para 1200$00 mensais; jardineiros assalariados, de 36$00 para 45$00 diários; e vigilantes de parques e jardins, de 34$00 para 42$00 diários. A Camara Municipal deliberou que os novos vencimentos entrem em vigor a partir do dia 1 de Junho.

Devido ao falecimento de uma proprietária da zona pretendida para a abertura da Avenida Central, e com a qual já havia acordo para a aquisição do respectivo imóvel de sua propriedade, a Camara, em virtude de terem surgido herdeiros menores, apreciou as três soluções sugeridas pelo advogado síndico e deliberou proceder á expropriação judicial, informando, porém, o tribunal do preço que já havia sido acordado com a proprietária falecida.

O vereador Azevedo Sobral pediu á Camara que fosse estudada a construção de uma passagem inferior para peões, junto do Liceu D. Duarte, e que se lembrasse á Direcção-Geral de Transportes Terrestres a conveniência de ser solucionado o problema dos carros de aluguer sem distintivo, cujos locais de praças podem ser, oportunamente, sugeridos pelo Município.

A Camara concedeu ainda um subsídio á Junta de Freguesia de Assafarge, no valor de 30 105$90.

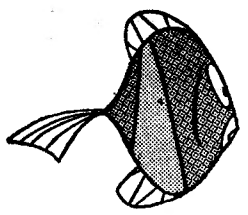
«O AUTO DA RAINHA DO CÉU» representa-se amanhã na igreja de São João de Deus

É já amanhã, pelas 22 horas, que se realiza, na igreja de São João de Deus, a representação do «Auto da Rainha do Céu», de Miguel Trigueiros, em que colaboram graciosamente os artistas Manuel Lereno e Cármen Dolores.

Confraternização de alunos diplomados pela Escola do Ateneu

No domingo, ás 13 horas, os alunos diplomados pela Escola do Ateneu Comercial de Lisboa reunem-se, na Escola Patrício Prazeres, com os seus antigos professores, em almoço de confraternização.

VISITE



a casa da menina pescadinha

NO ESPELHO DE ÁGUA
(JUNTO AO MERCADO DE ABRIL)

TODOS OS DIAS DAS 16 ÀS 24 H.

UM PRÉMIO PARA CADA VISITANTE

Várias atracções: Veja-se na TV; prove o peixe frito; habilite-se às conservas, às loiças e copos da Menina Pescadinha

NO RESTAURANTE:
Os já famosos jantares de peixe e marisco

EMENTA DE HOJE

SOPA À «GEL-MAR»
CARIL DE LAGOSTA
CORVINA À CARDEAL
CHARLOTE DE CHOCOLATE
LARANJAS DE SETÚBAL
EM SURPRESA
PÃO E VINHO

Preço 50$00

Reserva de mesas pelo telefone 610494
das 10 às 19 horas

mercado de Abril

ZONA DE BELÉM

Abril em Portugal

COMISSARIADO DO TURISMO

CENTRO DE VENDA DE ARTESANATO

Com a colaboração do Fundo de Fomento de Exportação

★

FRAGATA DO TEJO

Fundeada junto á muralha com acesso pelo Centro de Artesanato
Com a colaboração da JUNTA NACIONAL DO VINHO
— das 13 ás 15 horas —
CALDEIRADA À FRAGAIEIRA
— das 18 às 22 horas —
PROVA DE VINHOS DE MARCA
— A partir das 23 horas —
CEIA COM SERVIÇO DE VINHOS DE MARCA
e café do Ultramar Português com a colaboração do FUNDO DE FOMENTO E PROPAGANDA DO CAFÉ

FADOS por Ada de Castro acompanhada pelos guitarristas António Cheinho e José Maria Nóbrega
TELEFONE 61 37 12

★

RESTAURANTE DO MERCADO
(COM SERVIÇO DE BAR)

Para divulgação da Cozinha e dos Vinhos Portugueses
Colaboração da Junta Nacional do Vinho e outros Organismos Vinícolas bem como do comércio da especialidade

HOJE

JANTAR

CALDO VERDE COM TORA
LULAS RECHEADAS COM PRESUNTO
LOMBO DE PORCO ASSADO À BRACARENSE
SONHOS À PORTUGUESA

VINHOS

F. R. CARIGNAN (branco) — Casa Agr. Francisco Ribeiro
TROVADOR (rosé) — Soc. Vinhos Borges & Irmão
VINHO VERDE «CASAL GARCIA» (tinto) — Soc. Agr. Quinta da Aveleda.

AMANHÃ

ALMOÇO

PURÉ DE FEIJÃO COM VINHO TINTO
ENSOPADO DE ENGUIAS À AVEIRENSE
CARNE DE PORCO À ALENTEJANA
ALETRIA DOURADA

VINHOS

FRAGAL (adamado-branco) — Soc. Com. Abel Pereira do Fonseca
VIDIGUEIRA-RESERVA (branco) — Ad. Coop. da Vidigueira
CARTAXO (tinto) — Ad. Coop. do Cartaxo

À NOITE FADOS COM: ADA DE CASTRO, MERCÊS DA CUNHA RÊGO, e D. VICENTE DA CAMARA, Guitarrista, António Luís Gomes e viola, Raul Silva
(P. maiores de 12 anos)

★

Preço por refeição (tudo incluído) ..... Almoço 90$00 Jantar 100$00

Reserva de mesas pelo telefone 61 37 13 das 10 às 19 horas

★

Abertura: 12 horas — Encerramento: 24 horas

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

João Pedro de Oliveira

Faleceu o sr. João Pedro de Oliveira, de 71 anos, natural de Monte da Caparica, comerciante, viúvo, pai das sr.as D. Maria Luísa da Cruz Oliveira Gordon, casada com o sr. Maurice Gordon, D. Lina da Cruz Oliveira, casada com o sr. Mário de Oliveira, e D. Natália da Cruz Oliveira Alvarez Trancoso, casada com o sr. José António Alvarez Trancoso; irmão da sr.ª D. Beatriz de Oliveira e do sr. José de Oliveira; cunhado das sr.as D. Josefa da Cruz Fragoso e D. Maria do Rosário Cruz e dos srs. António Gomes Fragoso e Luís Rodrigues.

O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis, sai amanhã, ás 11 horas, da igreja da Penha de França para o cemitério do Alto de S. João.

Sir Stanley Charles Wyatt

No passado dia 26 faleceu, em Londres, Sir Stanley Charles Wyatt, de 91 anos, casado com Lady Sylvia Wyatt. Era figura de relevo nos meios sociais e económicos ingleses, e, durante a segunda Guerra Mundial, desempenhou na Embaixada britanica em Portugal, missão de serviço relacionada com assuntos económicos e comerciais. O falecido era pai do sr. Richard Delafield Wyatt, administrador-geral da Companhia Carris de Ferro de Lisboa e membro do conselho de administração da Companhia Portuguesa de Petróleos BP.

José dos Santos

Faleceu o sr. José dos Santos, de 69 anos, natural de Lisboa, oficial da Marinha Mercante, casado com a sr.ª D. Virginia Alves dos Santos e pai das sr.as D. Maria Cristina Alves dos Santos Porto, casada com o sr. dr. Horácio dos Santos Porto, D. Maria Angela Alves dos Santos Mafra Salgado, casada com o sr. Carlos Mafra Salgado, sócio gerente da Agência Salgado, avô do sr. Jorge Manuel dos Santos Porto, estudante, e dos meninos Maria Carlos, José Carlos e Helena Cristina dos Santos Mafra Salgado. Amanhã, ás 11 horas, será rezada missa de corpo presente, na basílica da Estrela, realizando-se o funeral ás 12 para cemitério a determinar.

D. Estela Félix Supico Garrido

Na sua residência, faleceu hoje a sr.ª D. Estela Félix Supico Garrido, de 67 anos, viuva, mãe da sr.ª D. Ermelinda Garrido Andrade e dos srs. Américo Félix Garrido e Tito Lívio Supico Garrido, do quadro tipográfico do «Diário de Lisboa». O corpo encontra-se na igreja do Sagrado Coração de Jesus, a Santa Marta, de onde sai o funeral amanhã, ás 11 horas, para o cemitério do Alto de S. João.

Ao nosso companheiro de trabalho Tito Lívio Félix Supico Garrido apresentamos sentidas condolências.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis
Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 - 66 27 72 - 28 00 22

Controvérsias jurídicas acerca de enxertos de coração

SÃO PAULO, 30—(A. N. I. e F. P.) — A mulher do operário João Ferreira da Cunha ameaçou processar o professor Euriclides Zerbini, por este ter decidido praticar uma transplantação cardíaca no marido, sem pedir autorização à família. O operário, que tinha sido vítima dum acidente, fora transportado para o hospital sem papeis de identificação.

Entretanto, o hospital anuncia que Cunha está a ter leves complicações circulatórias e um pouco de febre.

Por outro lado o universitário brasileiro da Justiça anunciou que não vai tomar quaisquer medidas judiciais contra os médicos que realizaram, no domingo, a transplantação de um coração humano, antes mesmo de o Congresso ter aprovado as leis destinadas a tornar legais essas operações.

«Não podemos permitir que a controvérsia jurídica que se iria gerar em torno da questão crie obstáculos á necessidade social de progresso científico para salvar vidas humanas» — afirmou o ministro da justiça em exercício, Hélio Scarabotolo.

O HOSPITAL DE HOUSTON FOI ACUSADO DE NEGLIGÊNCIA

HOUSTON (Texas), 30—(A. N. I.) Em Houston, no Texas, os corações de dois adolescentes continuam a funcionar normalmente nos organismos de dois homens de meia idade em que foram implantados. No entanto, começaram a surgir complicações jurídicas.

A família de um dos dadores — a senhora Kathleen Martin — anunciou que tenciona pôr uma acção em tribunal, acusando de negligência o hospital episcopal de S. Lucas, onde as transplantações foram realizadas. Contudo, o advogado Percy Foreman declarou que se desligava do caso devido ás declarações prematuramente feitas pela família.

Entretanto, um informador do hospital de S. Lucas afirmou que tanto Everett C. Thomas, como Louis John Fierro, «estão bem, em estado muito satisfatório e sem apresentarem sinais de rejeição».

NOVO AUTO-TANQUE para os B. V. de Colares

No domingo, ás 16 horas, no quartel da Associação dos Bombeiros Voluntários de Colares, decorrem as cerimónias de inauguração de um autotanque com capacidade para 7000 litros de água, oferecido pela Sacor e das instalações do bar e dos balneários para o pessoal. Haverá uma sessão solene.

---

†

JOÃO PEDRO DE OLIVEIRA

FALECEU

Maria Luísa da Cruz Oliveira Gordon seu marido Maurice Gordon e filho, Lina da Cruz Oliveira seu marido Mário de Oliveira e filhos, Natália da Cruz Oliveira Alvarez Trancoso seu marido José António Alvarez Trancoso e filhos, seus irmãos José de Oliveira e esposa e Beatriz de Oliveira, Josefa da Cruz Fragoso e seu marido António Gomes Fragoso, Maria do Rosário da Cruz e seu marido Luís Rodrigues, Adélia Pires de Jesus e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar á Sua Divina Presença, o seu muito querido e saudoso pai, sogro, avô, irmão, cunhado e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja da Penha de França, para o cemitério do Alto de S. João.

A. G. MAGNO, LDA.
Avenida Almirante Reis, 129-A
Telef.: 51586

CASCAIS-BENEDITA

†

JUSTO LOURENÇO

FALECEU

Amélia Rita da Conceição, Maria Adélia da Conceição Lourenço, Américo Carvalho Lourenço, Joaquim Lourenço, Maria da Conceição e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, filho e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, saindo da Igreja Paroquial de Cascais para jazigo no cemitério da Guia.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

---

†

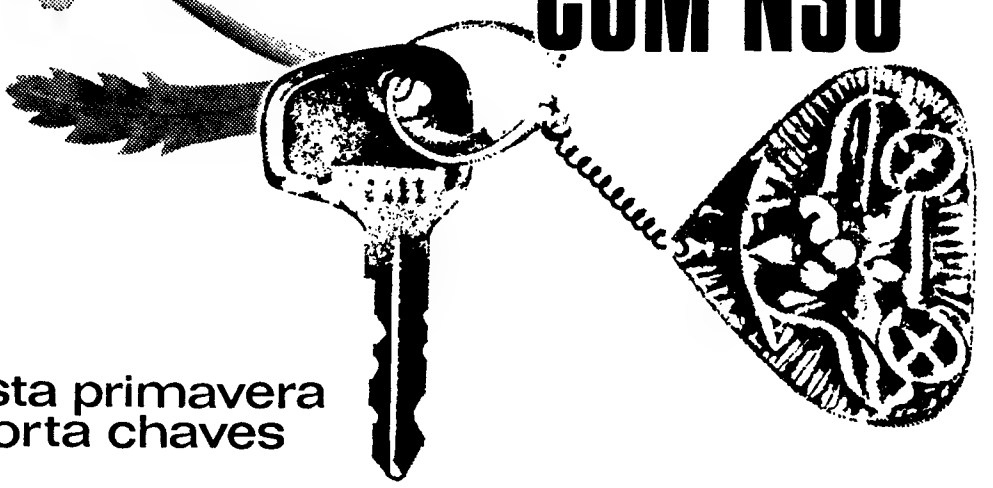
ALFREDO DA SILVA SANTOS

FALECEU

Os empregados da FAG PORTUGUESA, LDA. (Filial) participam o falecimento do seu estimado colega e amigo Alfredo da Silva Santos. O corpo encontra-se depositado na igreja de S. João de Deus e o funeral realiza-se amanhã, pelas 12 horas, para o cemitério de Almada.

TEMPO

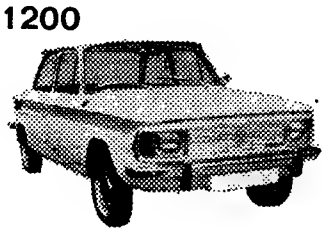
A PRIMAVERA É MELHOR COM NSU

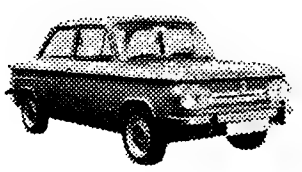


NSU

oferece-lhe esta primavera
um original porta chaves
em prata
e gasolina para os seus primeiros 1.000 quilómetros

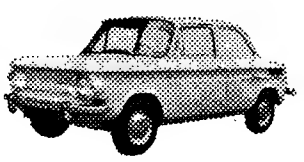
1200



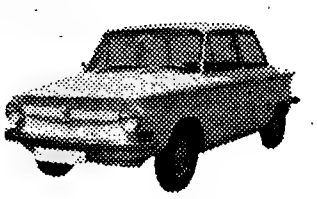


NSU TT

1000



PRINZ 4



NSU A SUA PRIMAVERA NAS ESTRADAS

visite durante a primavera os "stands" NSU em todo o país

representantes LUSOLANDA avenida antónio augusto de aguiar, 25 C

aberto até ás 20 horas

PORTUGAL-BRASIL (1850-1889)

(Continuação da 1.ª página)

tamente posterior às primeiras restrições à exportação angolana de escravos), de 1837 — 137 emigrantes Até meados do século deve ter-se mantido a corrente emigratória, embora em pequena escala, pois se não compreende que o número dos emigrantes tenha ascendido, abruptamente, a 8329 indivíduos em 1853.

Ora, de 1855 até 1878, **só pelo porto do Rio de Janeiro**, teriam entrado 178 027 imigrantes portugueses, o que dá uma média anual superior a 7400 indivíduos. (Archivo Nacional, Rio de Janeiro, cod. 559).

O movimento emigratório português para o Brasil tende sempre a crescer, pois, em 1888 — ano da extinção da escravatura, lembre-se —, alcançou o quantitativo de 18 289. Depois dessa data, nos limites do período que nos cumpre historiar, a corrente emigratória acentua-se, consoante a crescente procura brasileira de mão-de-obra e a oferta de excedentes de população portuguesa, a qual aumentara no decurso da segunda metade do século XIX, o que implica, de algum modo, a melhoria das condições gerais de vida, mas não a ponto desses excedentes encontrarem ocupação nacional satisfatória, que lhe evitasse a expectativa da miséria. Alexandre Herculano, discutindo, com a seriedade e a finura tão suas características, o problema das causas da emigração portuguesa para o Brasil, apontou a que se lhe afigurava, e era, fundamental: «a insuficiência dos salários entre nós». Ora, tal «insuficiência dos salários» em Portugal, a testemunhar o predomínio das actividades primárias (agricultura) e a lenta evolução das secundárias (indústria), é o pano de fundo do longo drama da emigração. Drama esse que, com propriedade, pode ser adjectivado de **nacional**, pois que afectou, directa ou indirectamente, todos os sectores da vida portuguesa — e bem pode ser considerado como a expressão mais adequada das contradições da sociedade que o permitia e alimentava. Com efeito, «a emigração portuguesa», ensina Oliveira Martins, «é o barómetro da vida nacional, marcando nas suas oscilações a pressão do bem-estar metropolitano».

Ao abandonar o terrunho, o campónio português, em geral analfabeto, na incerta esperança da aventura brasileira, ignorava as condições deploráveis em que na maior parte dos casos iria trabalhar e morrer, ocupando, se não de direito, pelo menos de facto, o lugar de escravo, deixado vago ou em vias disso. Daí que as implicações do fenómeno emigratório português para o Brasil tenham de ser observadas, no contexto das relações entre os dois países, ou seja, em função de um condicionalismo geral que, historicamente, o tornou *necessário*. Necessidade brasileira — insista-se — de mão-de-obra barata, conquanto pouco qualificada, pois que outra não aceitaria as terríveis condições oferecidas pelo Brasil ao imigrante europeu; complexa necessidade portuguesa que, aos olhos perscrutadores de um Herculano, se traduzia neste *paradoxo* com seu quê de enigmático: «a nossa melhor colónia é o Brasil, depois que deixou de ser colónia nossa». Paradoxo esse, para o qual Oliveira Martins contemporaneo do fenómeno da expansão africana portuguesa, não deixou de chamar a atenção, com pertinácia e força de argumentos — «o Brasil é melhor colónia para nós do que a África; porém, a melhor de todas as nossas colónias seria o próprio reino». E porquê assim era?

Dado que Portugal não podia, então, absorver os seus excedentes demográficos; dada a falta de recursos económicos para promover, a um ritmo novo, a colonização africana para onde, em vão, alguns sectores procuravam orientar o grosso da corrente emigratória, via-se o País compelido a aceitar o «mau negócio» (porém, o melhor que as circunstancias lho permitiam), da venda e exportação de trabalho sem o qual só muito rotineiramente se alterariam as suas estruturas económica e social...

Com efeito, Herculano calculara (1872) em cerca de 3000 contos anuais os ingressos monetários em Portugal oriundos da emigração brasileira, e em 1891, no tempo de Oliveira Martins, o valor de tais ingressos ascendia a mais de 12 000 contos anuais. Aí reside, precisamente, um dos factores principais para a caracterização da conjuntura emigratória luso-brasileira.

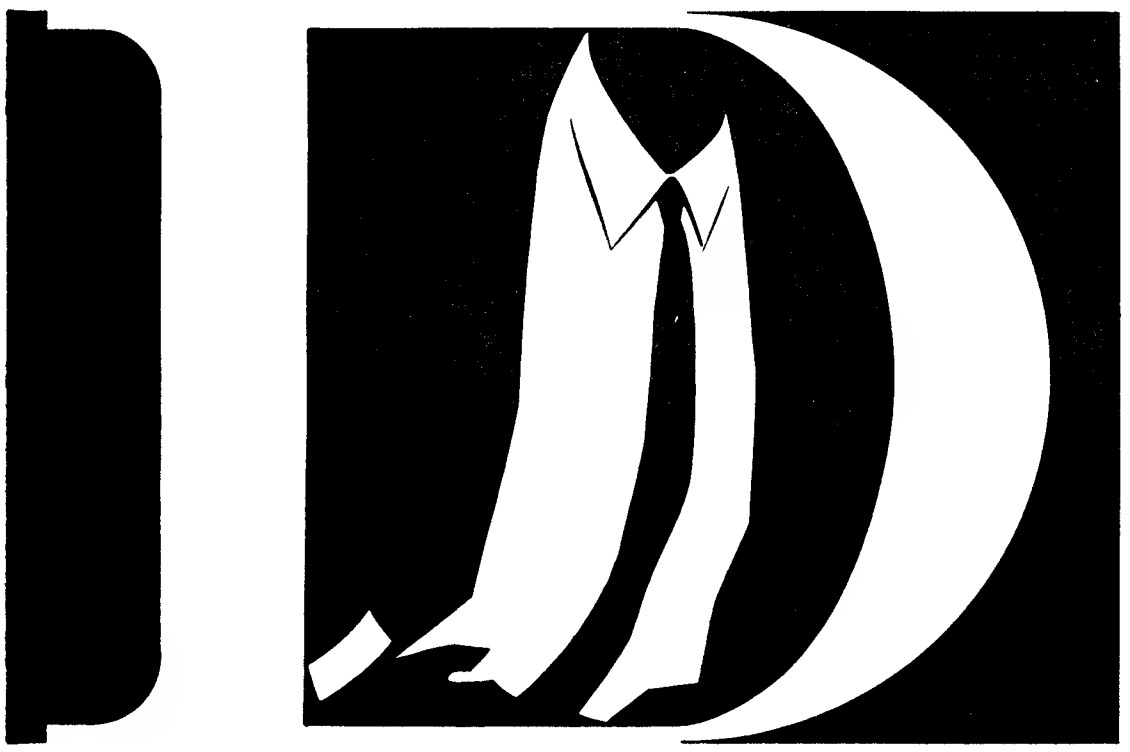
Ora, os efeitos na vida portuguesa desses milhares de contos, lançados regularmente na circulação fiduciária, foram sumariados assim por Oliveira Martins que, além de historiador, foi testemunha presencial do facto: «... Portugal apresenta ainda um aspecto complexo, que provém da importação dos lucros da emigração do Brasil: forma diversa de explorar um país estranho e de se conservar no regime das nações coloniais, apesar de ter perdido essa região para o domínio politico. (...) E quem olhar para a história contemporanea de Portugal, reconhecerá que ao aumento de ingresso de capitais do Brasil corresponde o desenvolvimento dos bancos, a anarquização legislativa da economia social portuguesa, e como resultado desta nova feição económica, o facto de que a importação de capitais do Brasil se não limita já ás sobras que trazem consigo os repatriados, chegando ao ponto de trazer para empregar em Portugal os capitais de portugueses ou brasileiros residentes na América: facto incontestável, desde que vemos sociedades com a sua sede no Brasil, ou tendo lá uma parte considerável das suas acções emitidas».

Não só por esse afluxo de divisas que, de alguma forma, ajudavam a compensar o *deficit* da balança comercial portuguesa, se entrevêem as repercussões económicas do fenómeno emigratório. Os «brasileiros» de torna-viagem, além de constituirem um estrato caracteristico da sociedade portuguesa oitocentista, contribuiram para a alteração da própria paisagem de certas regiões: «por toda a faixa litoral», ensina Orlando Ribeiro, «do Minho ao Mondego, se pode ver, no aspecto das casas e das povoações os vestígios dessa fonte de riqueza («brasileiros») alheia a tais regiões». Aliás, já o *Inquérito Parlamentar sobre a Emigração Portuguesa* (1873) reconhecera esse facto, proclamando-se aí: «se lançamos a vista sobre as cidades, vilas e aldeias, ali encontramos palácios sumptuosos, casas elegantes, casais cómodos, tudo edificado com o dinheiro que os emigrados de ontem trouxeram da emigração».

O retorno dos «brasileiros», ou seja, de uma percentagem indeterminável, mas de certo pequena, de emigrantes enriquecidos, pois aqueles que regressavam pobres não pertenciam a esse grupo social, repercutiu-se também na distribuição da propriedade: «pode afoitamente afirmar-se que», escreve Bento Carqueja, «se em 1877, estavam inscritos na matriz predial 955 251 prédios urbanos e 5 562 455 prédios rusticos, e, se em 1910 (...) aparecem descritos 1 365 483 prédios urbanos e 11 193 299 rusticos, grande parte desse considerável aumento deriva da acção benéfica do *brasileiro*, mais do que da revisão das matrizes».

JOEL SERRÃO

Dacron*



A CAMISA DAS QUATRO ESTAÇÕES

PASSAPORTE PARA A MODA

A camisa de DACRON*—fibra poliester da DU PONT—é o seu passaporte para a moda, qualquer que seja a estação do ano.

Confeccionada em tecidos ELGON, procure-as com as marcas: AJAX, BERNINA, IMAC, LANALGO, MAGNA, REGOJO, RIBUL e VIEIRA ARAÚJO.

* Marca registada da DU PONT para a sua fibra poliester.

VAUXHALL

68

NOVO MODELO 102 1600 e 2000 c.c.

ventora 3294 cc.

UM NOME NOVO!

LICAR

Av CASAL RIBEIRO. 48 A e C

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

NOTÍCIAS DE VISEU

Presidência do Académico

VISEU, 30 — Ao contrário do que se chegou a propalar, «talvez como balão de ensaio», segundo afirma o indigitado, o sr. Mário Abrantes da Mota Veiga não pensa sequer em aceitar a presidência do Clube Académico de Futebol, de que é e continuará a ser, aliás, dedicado sócio

REUNIÕES MÉDICAS DE SANTARÉM

SANTARÉM, 30 — No sábado, ás 21 e 30, no salão nobre da Junta Distrital, decorre mais uma sessão das Reuniões Médicas desta cidade. Será dirigida pelo prof. dr. Bello Morais, com a colaboração dos profs. drs. Cortês Pimentel e Carlos Vidal e dos drs. Mário de Vilhena e Freitas da Costa, em mesa-redonda sobre «O cancro do pulmão».

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir

As datas das provas escritas na Faculdade de Direito de Lisboa

Estão já marcadas as datas de todas as provas escritas da Faculdade de Direito de Lisboa, as quais começam no próximo sábado. São os seguintes os dias em que se efectuam as diversas provas, indicando nós entre parêntesis as datas das segundas chamadas, e sendo referentes a Junho todas aquelas em que outra coisa não se indicar.

1.º Ano:

Direito Civil — 1 (6 Julho).
Português — 3 (17).
Constitucional — 4 (4 de Julho).
Romano — 5 (19).

2.º Ano:

Administrativo — 1 (17).
Internacional Público — 3 (25).
Teoria Geral — 4 (22).
Economia — 5 (19).
Corporativo — 6 (28).

3.º Ano:

Ultramarino — 1 (21).
Finanças — 3 (17).
Obrigações — 4 (18).
Economia — 5 (24).
Fiscal — 6 (20).

4.º Ano:
Sucessões — 1 (17).
Processo — 3 (28).
Reais — 4 (22).
Família — 5 (25).
Comercial — 6 (19).

5.º Ano
Criminal — 1 (22).
Processo Criminal — 3 (6 de Julho).
Processo Civil — 4 (11).
Internacional Privado — 5 (15 de Julho).

As provas dos três primeiros anos são às 15 horas, e as dos dois últimos às 9.

Antigas alunas do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho

Realiza-se depois de amanhã a assembleia geral da Associação das Antigas Alunas e Amigas do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho. A reunião efectuar-se-á, em primeira convocatória, ás 15 e 51 e dez minutos depois, em segunda convocatória.

Às 18 horas do mesmo dia haverá o chá de confraternização, com inscrição neste liceu.

Toshiba
QUALIDADE DESDE 1875

A INDÚSTRIA E A ELECTRÓNICA JAPONESA NO MAIS ALTO PLANO

*

RÁDIOS
*
TELEVISORES
*
GRAVADORES
*
ELECTRO DOMÉSTICOS
*
VENTOÍNHAS
*
FITAS MAGNÉTICAS

*

Toshiba ARANTIA
Garantia por um ano, assistência técnica a cargo do distribuidor da sua área.

DISTRIBUIDOR GERAL:

SOCIEDADE LUSOLANDA LDA.

RUA LATINO COELHO, 57-1.º
TEL. 537077
LISBOA

Um companheiro que vale mais do que dinheiro

Ainda que à primeira vista pareça estranho, adquirir Cheques de Viagem é adquirir dinheiro.
Mas perder Cheques de Viagem não é perder dinheiro!

Um Cheque de Viagem só se transforma em dinheiro uma vez assinado pelo possuidor.
Eis o motivo porque não há dinheiro mais seguro do que um Cheque de Viagem.

Também, viajando com Cheques de Viagem, viajará com dinheiro que ninguém lhe poderá roubar e que nunca poderá perder!

cheque de viagem

O DINHEIRO DO HOMEM PRUDENTE.

Troque, sem qualquer encargo, o seu dinheiro por cheques de viagem do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e viverá tranquilo.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

O GENERAL DE GAULLE PRESIDIRÁ HOJE À REUNIÃO DO GABINETE

(Continuação da 1.ª página)

A reunião do oCnselho de Ministros está marcada para as 14 horas (T. M. G.), ou seja 3 da tarde, hora de Paris.

O helicóptero, que partiu ás 10 e 4 (T. M. G.) (11 e 4 locais), deve levar duas horas a chegar á capital.

Ontem, o general de Gaulle desapareceu, quando vinha a caminho desta vila, e durante a maior parte da tarde o seu paradeiro continuava a ser um mistério.

DECLARAÇÕES DE GISCARD D'ESTAING

PARIS, 30 — (R.) — O antigo ministro gaullista Valery Giscard D'Estaing, dirigente da ala direitista da aliança gaullista, pediu hoje a realização de eleições gerais para achar uma solução para a crise nacional francesa.

Numa conferência de imprensa o ex-ministro declarou: «Apenas as eleições gerais, realizadas com calma, poderão permitir que a nação escolha o seu caminho».

O apelo ás eleições gerais surge numa altura em que as opiniões abalizadas da capital começam a estar cada vez mais convencidas de que o presidente de Gaulle está resolvido a continuar no poder.

Giscard D'Estaing cujo partido republicano independente mantém um bloco vital de 43 lugares dentro da coligação gaullista na Assembleia disse que um Governo que não conseguia restabelecer a ordem ou fazer a nação regressar novamente ao trabalho, devia sair.

No entanto acrescentou esperar que o general de Gaulle continuasse no Poder.

POMPIDOU DEMITE-SE?

Giscard D'Estaing falou no momento em que a França continua paralisada pela vaga de greves.

As greves — desencadeadas por manifestações dos estudantes de Paris — não mostravam hoje indícios de abrandar.

Na unica industria nacionalizada em que se chegou a acordo, a industria mineira, as duas principais federações sindicais, C. G. T. e C. F. D. T., pediram a reabertura das discussões sobre determinados pontos.

Segundo uma notícia publicada na Imprensa parisiense, o primeiro-ministro Georges Pompidou tenciona anunciar hoje a sua demissão na Assembleia Nacional.

Segundo outra notícia, o ministro da Agricultura, Edgar Faure, teria sido convidado a formar um novo Governo.

A MENSAGEM DO «SCORPION» PODERÁ TER ORIGEM NUMA BÓIA LANÇADA PELO SUBMARINO

PARIS, 30 — (F. P.) — Quanto aos especialistas a mensagem do «Scorpion» a ser autêntica deve antes provir duma boia largada pelo submersível. O texto lacónico da mensagem pertence aos que essas boias, com que são especialmente equipados os submarinos, podem emitir.

Não é, portanto, impossível que o «Scorpion» esteja mais ou menos nas paragens dessa boia. De resto como as ondas radioeléctricas não se propagam na água, a mensagem não pode vir do «Scorpion» submerso.

Pelo que diz respeito ao salvamento, se o submarino estiver na zona de profundidade de 200 metros e mais, as pressões reinantes a essas profundidades tornam difícil aos meios actuais empregarem-se com eficácia. Só em 1970 é que os americanos disporão do famoso veículo nuclear de busca e salvamento, o «NR-1» capaz de descer a seis mil metros, profundidade a qual nenhum casco de submarino pode actualmente resistir.

SEIS ESTAÇÕES DA MARINHA CAPTARAM O SINAL

WASHINGTON, 30 — (F. P.) — Seis estações da Marinha americana captaram, ontem á noite, uma mensagem que poderá dimanar do submarino nuclear «Scorpion», do qual não há notícias desde 21 do corrente.

O submersível perdeu-se no Atlântico, entre os Açores e Norfolk. Dizem no Pentágono, onde ontem á tarde o «Scorpion» foi dado oficialmente como desaparecido, que a mensagem pode ser uma brincadeira de mau gosto. De assinalar todavia que o código da mensagem é secreto. Alguém que não pertencesse á Marinha americana dificilmente podia ter conhecimento dessa cifra.

Tal como foi captada por um avião-patrulha da Marinha, a mensagem estaria assim redigida: «A todos os postos desta rede: aqui...» (seguia-se o número de código que identifica o submarino).

POSSIBILIDADE DE SOCORRO?

Segundo as indicações transmitidas pelas estações da Marinha que captaram a mensagem, esta proviria de um ponto situado a cerca de 200 quilómetros de Norfolk. Se o «Scorpion» se encontra efectivamente áquela distancia da costa é possível levar-lhe socorro. As autoridades navais não afastam, porém, a eventualidade de o sinal captado ter sido emitido de mais longe, o que tornaria extremamente difícil, senão impossível o salvamento dos 99 tripulantes do submersível.

Desde que se iniciaram as buscas 55 navios e 30 aviões tem esquadrinhado numa frente de 80 quilómetros a região do Atlantico situada entre Norfolk, na Virgínia, e o sector indicado pelo «Scorpion» ao assinalar pela ultima vez a sua posição em 21 de Maio.

Segundo o sinal, o submarino poderá encontrar-se a 176 quilómetros a leste de Norfolk, ou seja numa região onde a profundidade é relativamente pouco acentuada (210 a 220 metros).

Novotny foi expulso da Comissão Central do P. C. checoslovaco

PRAGA, 30 — (R.) — O partido comunista checoslovaco anunciou hoje que expulsou da comissão central o ex-presidente Antonin Novtony e que o riscou do número dos seus membros.

Um comunicado informava que a Comissão Central do Partido durante a reunião de ontem suspendera também mais seis importantes funcionários.

Novotny e os outros seis membros foram suspensos em consequência de terem tomado parte no julgamento político da década de 1950 e ficam suspensos até que o papel que desempenharam seja esclarecido, anunciava o comunicado.

Os observadores afirmam que esta manobra retira da comissão central um grupo da linha dura que se opunha á atitude mais liberal assumida pelo novo chefe do partido Alexander Dubcek.

DOIS NEGROS MORTOS NOS DISTÚRBIOS EM LOUISVILLE

LOUISVILLE, 30 — (R.) — Durante a terceira noite consecutiva de tensão racial nesta cidade foram mortos ás primeiras horas de hoje dois negros em consequência do tiroteio

Os incidentes registaram-se algumas horas depois de 500 agentes da Guarda Nacional terem sido novamente chamados para as suas unidades e depois de a Polícia ter começado a patrulhar as ruas da cidade.

Um informador da Polícia disse que ambos os homens foram mortos a tiro quando se dedicavam a actos de pilhagem. Um deles foi morto por um agente da Polícia e o outro por um guarda civil.

A cidade estava hoje calma embora houvesse algumas notícias de pilhagens e apedrejamento.

DUBCEK PRETENDE A RENOVAÇÃO RADICAL DO COMITÉ CENTRAL

PRAGA, 30 — (F. P.) — Alexander Dubcek tenciona propor ao Plenário do Comité Central a convocação, para Setembro, de um congresso extraordinário do Partido — instância suprema partidária —, a fim de proceder a uma renovação radical e rápida do Comité Central. Esta iniciativa do secretário-geral do Partido, anunciada por fontes bem informadas, teria como objectivo forçar a demissão do Comité Central o antigo presidente Novotny e os seus adeptos «dogmáticos».

Nos termos dos estatutos do Partido, só um congresso pode demitir os membros do Comité Central eleitos pelo congresso anterior.

Nos ultimos dias, registou-se um recrudescimento de actividade dos novotnystas, que censuram Dubcek por ter dado livre curso ás forças sociais e concedido liberdade á Imprensa.

GRANDE SUCESSO

Dos automóveis MORRIS e MG no concurso de elegância e conforto automóvel no Estoril.

Morris 1300 Station

Categoria I — (automóveis de turismo)

Classe 2 (850 a 1300 cc) — 3.º — MORRIS 1100
Classe 6 (1000 a 1300 cc) — 1.º — MORRIS 1300
Classe 7 (1300 a 2000 cc) — 3.º — WOLSELEY 15/85

Categoria II — (automóveis de grande turismo)

FECHADOS

Classe 13 (acima de 2000 cc) — 1.º — MG C GT

TRANSFORMÁVEIS

Classe 15 (acima de 1600 cc) — 1.º — MG C

Categoria III — (viaturas mistas)

Prémio da Categoria:
MORRIS 1300 STATION
Classe 16 (até 1300 cc) — 1.º — MORRIS 1300 STATION

A. M. ALMEIDA, S. A. R. L.

LISBOA — PORTO

AGENTES EM TODO O PAÍS

PSICOFORMA

CENTRO DE PSICOLOGIA E FORMAÇÃO

CURSOS INTENSIVOS

* MARKETING
* RELAÇÕES PÚBLICAS
* LEGISLAÇÃO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA

■■ INÍCIO: 11 DE JUNHO
■■ HORÁRIO PÓS-LABORAL
■■ DIRIGIDOS POR ESPECIALISTAS

Informações e inscrições:
RUA TOMÁS RIBEIRO, 93, 3.º, DT.º — LISBOA-1
Telefones: 561571/2

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

O Vietcong bombardeou de novo o centro de Saigão

SAIGÃO, 30 — (R.) — Guerrilheiros do Vietcong bombardearam, ás primeiras horas de hoje, pela terceira vez esta semana, o centro de Saigão, matando cinco pessoas e ferindo outras seis — revelou um informador militar sul-vietnamiano.

O ataque, que destruiu, também, três casas, foi desencadeado pouco depois da meia-noite. Duas descargas de foguetões de 122 mm caíram perto do centro da capital e uma no perímetro da gigantesca base aérea civil e militar de Tan Son Nhut, nesta cidade.

O informador disse que três crianças se encontravam entre os feridos. Há dois dias foram mortas cinco crianças num ataque com foguetões contra a capital sul-vietnamiana.

Anunciou, também, que mais 15 pessoas ficaram feridas em consequência de ataques com fogo de morteiros na região do delta do Mekong ás primeiras horas da manhã de hoje.

Sete soldados sul-vietnamianos ficaram feridos num ataque no delta, dois em Kien Phong e mais oito num bombardeamento semelhante contra Ca Mau.

O mesmo informador governamental revelou que tropas sulvietnamianas terminaram a noite passada, uma operação de procurar e destruir de dois dias no delta, a 130 quilómetros a sudoeste de Saigão. Foram mortos 85 «Vietcongs» durante a operação á volta de Can Tho, a principal cidade do delta. Morreram cinco soldados sul-vietnamianos e outros ficaram feridos durante a luta.

Ficaram feridos 20 refugiados quando fogo de morteiros de 82 mm atingiu ontem um acampamento em Cam Lo, a cerca de 50 quilómetros ao sul da zona desmilitarizada dividindo os dois «Vietnames» — comunicou um informador americano.

Disse ainda que fuzileiros navais americanos mataram 24 norte-vietnamianos numa batalha durante o dia de ontem a 32 quilómetros ao sul da zona tampão e que a luta prosseguia ainda ás primeiras horas de hoje.

Noutro combate, a cerca de 56 quilómetros a sudoeste do gigantesco complexo militar de Da Nang, marines americanos sofreram oito mortos e sete feridos, embora matassem 15 soldados inimigos. A luta ocorreu durante o dia de ontem — acrescentou o mesmo informador.

CONTRATORPEDEIRO AMERICANO ATINGIDO

SAIGÃO, 30 — (F. P.) — O contratorpedeiro americano «Ruchanan» foi atingido, ontem, pelo tiro das baterias norte-vietnamianas, ao largo do cabo Mui-Ron, uns 85 quilómetros ao sul de Vinh. Estilhaços de granadas causaram estragos superficiais a bordo. Não há vítimas a lamentar.

Soldados sul-vietnamianos transportam colegas feridos, numa rua de Saigão, durante os últimos ataques do Vietcong

O CANADÁ TENCIONA RECONHECER A CHINA POPULAR

OTAVA, 30 — (F. P.) — O Canadá «tenciona reconhecer a China Popular quanto antes e permitir que o seu Governo ocupe o lugar da China nas Nações Unidas, sem esquecer no entanto que existe um Governo distinto na Formosa» — anunciou o primeiro-ministro Pierre Elliott Trudeau, numa «declaração de princípios» de política externa canadiana.

O Canadá não é um país de vocação exclusivamente atlântica mas também pacífica, afirmou Trudeau, acrescentando: «Temos interesse económico em comerciar com a China e interesse político em evitar tensões entre a China e os seus vizinhos ou entre a China e os Estados Unidos».

A declaração anuncia, por outro lado uma revisão completa das políticas externa, económica, de assistência e de defesa do país, as quais devem coincidir no princípio com os recursos e as necessidades canadianas. No plano da defesa atlântica, será severamente examinado o papel militar do Canadá dentro da N. A. T. O. No plano da francofonia, o Canadá vai intensificar o auxílio aos países francófonos e abrir cinco novas missões diplomáticas naqueles países, até 1969.

JOHNSON: O VOTO DEVE SER CONCEDIDO A JOVENS DE 18 ANOS

FORT WORTH (Texas), 30 — O presidente Johson declarou a noite passada a estudantes da Universidade Cristã do Texas, nesta cidade, que julgava que o voto devia ser concedido a jovens de 18 anos.

Johnson disse ainda, que extremistas entre estudantes — esses jovens totalitários de opinião, que falam sómente por meio de estribilhos e são surdos a resposta razoável — constituíam apenas uma minoria entre os académicos.

«A grande maioria dos jovens da América manifestou a sua maturidade, o desejo de participar e no seu zelo em servir. Creio que devemos agir agora para conceder o voto aos jovens de 18 anos.

Vários Estados permitem já que votem jovens de 18 anos, mas na maioria deles a idade de votação é aos 21 anos.

Bob Kennedy aceitou um debate na TV com Eugene McCarthy

LOS ANGELES (Califórnia), 30. (A. N. I.) — O senador Robert Kennedy acedeu em participar num debate na televisão com o senador Eugene McCarthy — foi anunciado em Los Angeles (Califórnia).

Antes da sua derrota nas eleições primárias no Estado de Oregon, Kennedy havia recusado todos os desafios neste sentido, alegando que só aceitaria se o terceiro candidato á nomeação democrática, Hubert Humphrey, participasse também.

Recepção entusiasta a Bob Kennedy em Los Angeles

LOS ANGELES, 30 — (F. P.) — Los Angeles dispensou, ontem, um acolhimento entusiasta ao senador Robert Kennedy, que na véspera sofrera uma derrota eleitoral no Oregon.

Dezenas de milhar de pessoas, reunidas no centro da cidade, aclamaram Robert Kennedy, que desfilou de pé no seu automóvel, em mangas de camisa, debaixo de nuvens de «confetti» e páginas de listas telefónicas lançadas das janelas.

Bob dá início em Los Angeles á campanha para as eleições primárias da Califórnia, que em 4 de Junho o opõem novamente a Eugene McCarthy e ao vice-presidente Humphrey. À chegada, disse sorrindo que Los Angeles será para ele a «cidade da ressurreição», aludindo ao bairro de lata construído em Washington pelos participantes da marcha dos pobres. Ao mesmo tempo, reconheceu ter sofrido uma derrota, «que dificilmente se pode permitir». Se for novamente derrotado na Califórnia, dará por encerrada a corrida á Casa Branca.

O P. S. U. ITALIANO CONTRA A COLIGAÇÃO CENTRO-ESQUERDA

ROMA, 30. (F. P.) — «A direcção do Partido Socialista Unificado entende que as condições para a recondução da coligação governamental de centro-esquerda deixaram de existir» — diz um documento aprovado esta noite pela direcção do P. S. U., por 31 votos e 10 abstenções. Os socialistas, que tiveram perdas sensíveis nas recentes eleições legislativas, consideram-se vítimas do «imobilismo» da Democracia Cristã, na ultima legislatura.

FALECEU O PINTOR CESAREO QUIROS

BUENOS AIRES, 30 — (A.N.I.) — Faleceu ontem o célebre pintor argentino Cesareo Bernaldo de Quiros.

Contava 89 anos e era há algum tempo prisioneiro de uma cadeira de rodas, por ter partido a bacia devido a uma queda.

VAGA DE CALOR NO MÉXICO

• 81 MORTOS

CIDADE DO MÉXICO, 30 — (F. P — Uma vaga de calor assola, neste momento, o norte do México, tendo já provocado a morte de 81 pessoas A maior parte das vítimas são crianças de poucos meses, sofrendo de desidratação.

Em Hermosillo, capital do Estado de Sonora, situada a mais de 2 mil quilómetros ao norte de Cidade do México, o termómetro marcou 43 graus á sombra. A situação é agravada pela falta de água.

50

é o número do "stand" de publicações dom quixote na FEIRA DO LIVRO DE LISBOA

® EL INTERNATIONAL

© mira 68

É O NOVO NOME PUBLICITÁRIO REGISTADO, QUE A ELECTROLUMINOSA, LDA. APRESENTA

® EL INTERNATIONAL

OFERECE-LHE O MELHOR DA EUROPA EM ILUMINAÇÃO DÉCOR MOBILIÁRIO, TECIDOS

RUA A. P. CARRILHO, 30 LISBOA 1

1º CONCURSO

"MACIEIRA"

Resultado do sorteio efectuado no dia 27 de Maio, perante os representantes da autoridade e referente à 3.ª fase realizada no dia 17 de Maio na T. V.

1.º Prémio: 1 Sifão

★ João Cristóvão — postal n.º 967
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa

2.º Prémio: 12 copos-balão cristal

★ António Silva Morais — postal n.º 1304
Rua B. Lote 381-1.º-Dt.º Brandoa — Amadora

3.º a 52.º Prémios: 1 caixa de 6 garrafas de MACIEIRA OLD BRANDY, cada:

★ D. Maria de Nazaré Pinto da Silva — postal n.º 709
Rua de Almacave, 156 — Lamego
★ Mário Rui Rocha Pinto — postal n.º 1407
Largo Dr. António Viana, 2.º-Dt.º — Lisboa
★ D. Silvina Marques Cardoso — postal n.º 773
Rua Rodrigues Sampaio, 164 — Lisboa
★ D. Maria Perpetua Ferreira — postal n.º 631
Calçada Conde de Penafiel, 30-r/c.-Dt.º — Lisboa
★ Artur Gonçalves — postal n.º 1102
Travessa do Monte do Carmo, 1 — Lisboa
★ D. Maria Isabel C. Santos — postal n.º 1047
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Armando Martins — postal n.º 42
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Carlos Alberto Ribeiro Ramos — postal n.º 815
Rua Fernando Caldeira, 12 — Lisboa
★ José de Matos Januário — postal n.º 420
Rua Pinto Ferreira, 42-r/c.-Esq.º — Lisboa
★ Jorge da Cunha Branco — postal n.º 322
Travessa Senhora da Glória, 6-1.º-Dt.º — Lisboa
★ Luciano Costa — postal n.º 1063
Rua do Conde Redondo, 46 — Lisboa
★ Manuel Vaz de Almeida — postal n.º 933
Rua Fernando Caldeira, 12 — Lisboa
★ D. Maria Elizabeth Trindade Vicente — postal n.º 581
Av. Combatentes da Grande Guerra, 160-2.º-Dt.º — Algés-Lx.-3
★ Baltazar Manuel Vicente — postal n.º 580
Av. Combatentes da Grande Guerra, 160-2.º-Dt.º — Algés -Lx.-3
★ Virgílio Augusto Correia — postal n.º 1319
Barreiro
★ Domingos Pinto — postal n.º 1035
Estrada de Chelas, 133-1.º, Esq.º — Lisboa
★ Augusto da Silva Calçada — postal n.º 1169
Av. da Igreja, 32 — Lisboa
★ Mário Lopes Fernandes — postal n.º 919
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Constança Rosa da Conceição Trindade Vicente — postal, 328
Av. Comb. da Grande Guerra, 160-2.º-Dt.º — Algés-Lisboa-3
★ D. Maria Isabel da Silva Duarte — postal n.º 127
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Irlando Ferreira — postal n.º 487
Rua da Madalena, 193 — Lisboa
★ D. Alda Marques Cardoso — postal n.º 1425
Rua Pascoal de Melo, 61 — Lisboa
★ José Joaquim Amandio Martins Almeida — postal n.º 981
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Maria de Lourdes Leal Lima — postal n. 1452
Av. D. João V, 2-3.º-Dt.º — Damaia
★ Januário Ramos — postal n.º 156
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Maria Teresa Gonçalves Torres — postal n.º 114
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Carlos Alberto Santos Gaspar — postal n.º 215
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Maria Helena da Silva Andrade — postal n.º 703
Sever da Beira — Moimenta da Beira
★ D. Odete Virtuosa Pinto Rosa da Silva Angeja — postal n.º 467
R. Proj. à Rua Luiz de Camões, Lote-10-3.º-Dt.º — Linda-a-Velha
★ José Henrique Coimbra Pinto — postal n.º 1258
Largo Dr. António Viana, 2-7.º-Dt.º — Lisboa
★ Luís Alberto Pais de Figueiredo — postal n.º 1073
Rua do Armistício, 20-2.º-Esq.º — Moscavide
★ D. Maria Linda Armanda M. Guerreiro — postal n.º 1061
Estrada de Benfica, 459-2.º-Dt.º — Lisboa
★ Celso Campilho Ferreira — postal n.º 755
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Ana Maria — postal n.º 486
Parada dos Prazeres, 19-A — Lisboa
★ Maximiano Nabais Viegas — postal n.º 552
Rua D. Sancho I, 41-r/c.-Dt.º — Almada
★ Arnaldo de Jesus Ventura — postal n.º 689
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Jaime da Cunha Branco — postal n.º 269
Travessa da Senhora da Glória, 6-1.º-Dt.º — Lisboa
★ Manuel Nunes Costa — postal n.º 138
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Carlos Jorge Mariano Martins — postal n.º 290
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Arminda Lourenço da Silva — postal n.º 142
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ José Viegas da Silva — postal n.º 629
Rua Cláudio Nunes, Lote-D-1.º-Frente — Lisboa
★ D. Maria Craciette M. A. Januário — postal n.º 648
Rua Pinto Ferreira, 42-r/c.-Esq.º — Lisboa
★ José Manuel Fernandes Conde e Silva — postal n.º 1172
Av. da Igreja, 32 — Lisboa
★ Victor Manuel Lourenço Duarte — postal n.º 179
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Cacilda Martins — postal n.º 656
Rua de Alcântara, 22-1.º — Lisboa
★ Luís António Pinto — postal n.º 600
Estrada de Chelas, 133-1.º-Esq.º — Lisboa
★ D. Maria Luisa Gonçalves Oliveira Fernandes — postal n.º 1532
Rua Praia de Pedrouços, 130-3.º-Esq.º — Lisboa
★ António Santos Gaspar — postal n.º 513
Rua da Madalena, 193 — Lisboa
★ D. Umbelina N. Barbosa — postal n.º 210
Av. Combatentes, 89-1.º-Dt.º — Algés
★ Augusto Barbosa — postal n.º 265
Av. Combatentes, 89-1.º-Dt.º — Algés

Os prémios deverão ser levantados na sede de MACIEIRA & C.ª LDA., Rua Ivens, 45-47 — Lisboa-2, até ao dia 27 de Novembro de 1968.

DIA 31 DE MAIO, À NOITE NA T. V. 4.ª E ÚLTIMA FASE DO 1.º CONCURSO MACIEIRA

de VEZ em quando

Assim mesmo é que é. Bravo Cathy Berberian. Porquê? Certamente o leitor já sabe: cancelados, por motivo de força maior, os dois concertos que o Domaine Musical deveria dar em Lisboa, aquela cantora, solista do conjunto, actuará sózinha num recital em que apresentará, além de outras, obras de John Cage, Debussy, Ravel, Stravinsky e... dos Beatles. O princípio do século de braço dado com o nosso tempo; Ringo, Lennon, Harrison e MacCarteney a caminho da glória; a voz da juventude a começar a fazer-se ouvir; a musica dos nossos filhos a ganhar carta de alforria. — V. D.

CENTENAS DE MILHARES MENSALMENTE FABRICAD SÃO EXPORTADAS PARA

É sabido por toda a gente que a industria têxtil portuguesa atravessa uma crise conjuntural. De várias fontes têm chegado referências sobre o assunto e não tarda mesmo que o sector da industria têxtil portuguesa venha a ser objecto de disposições, tomadas com carácter de urgência.

O problema inclui-se num contexto europeu e, ao mesmo tempo, relaciona-se com o mercado português continental e ultramarino, quer no aspecto da produção das fibras, quer no respeitante á circulação dos próprios tecidos, fabricados ou em peça.

Não obstante esta situação, o nosso País está neste momento a ocupar uma posição impar, no mercado europeu, no domínio da confecção de têxteis, em especial roupa interior, como camisas, peugas, cuecas, pijamas e meias.

O recentemente publicado Inquérito Industrial, do Instituto Nacional de Estatísica, relativo a 1964, embora com um atra-

Mãos femininas portuguesas confeccionam camisas que os elegantes de toda a Europa usarão mais tarde

so de quatr
ros actuais,
ser a indus
maior valo
industrial p

● Facilid

Durante
cas de con
Lisboa, cida
dem o m
nas, média
onde se fal
misas para
verificar qu
sua esmaga
das com ca

Há fábri
clusivamen
dos, como,
tanha, a A
via ou só al
ses nórdico

**Uma
eas, no
possuim
rios e
exclusiv
eia, Di
viando
além
guesas
Este e
anualm
clarou
empres
mil co**

Este é u
zenas, do
a passar n
contra a s
nas facilid
de grandes
dos vêm e

Há ainda
nião interna
co e o Comé
portuguesa
nistão co
buam, ou
contribuir,
dições norm
dos produto
tro do mer

Responde
ções do mi
cio, o mins
porações di
custo da m
em condiçõ
ra os trabal
que para o
F. T. A.

**Declarou
de Proença
«os sal**

Ourivesaria da GUIA
...GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
FUNDADA EM 1879

COMUNICADO
Vapedrone
SEDE: 54 — RUA DA VITÓRIA — 56
FILIAL: 17 — RUA DOS FANQUEIROS — 19
Comunica a todos os seus clientes que durante os meses de JUNHO, JULHO, AGOSTO e SETEMBRO, encerra os seus estabelecimentos aos sábados às 13 horas.
A GERÊNCIA

O MINISTRO DA JUSTIÇA cumprimentou o seu colec

O ministro da Justiça do Brasil, prof. Gama e Silva, que, após uma visita oficial a Espanha chegou ontem a Lisboa para uma curta permanênci
apresentou,
tos ao seu
o qual almo
partida par
te, o prof.
ainda troca
com os mi
Negócios E
cação. No e
dr. Ouro Pr
sil em Por

*«Mas es
rácter pess
visita será
regressar s
tos amigos*
rou o mini
boa».

TROQUE
Os seus móveis usados por modernos ou de qualquer estilo, temos grande variedade em exposição. Fabricamos por desenhos. Facilidades de pagamento.
ARMAZÉNS DE MÓVEIS JORGE
Av. Almirante Reis, 35—T. 832161
Quase em frente da igreja dos Anjos

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

JOALHAR
Fornecedor
A MAIOR V
162, Rua
Telefone

DIADEMA
Joalheiros
Rua do Ouro, 166-170—LISBOA

IARES DE CAMISAS RICADAS EM PORTUGAL PARA O ESTRANGEIRO

so de quatro anos sobre os numeros actuais, assinalava o facto de ser a industria têxtil que detém o maior valor líquido da produção industrial portuguesa.

● Facilidades

Durante visitas a várias fábricas de confecções do distrito de Lisboa, cidade que, com o Porto, detém o maior índice de pequenas, médias e grandes unidades onde se fabricam em especial camisas para homem, foi possível verificar que essas unidades são na sua esmagadora maioria construídas com capitais estrangeiros.

Há fábricas que trabalham exclusivamente para vários mercados, como, por exemplo, a Grã-Bretanha, a Alemanha, a Escandinávia ou só alguns ou algum dos países nórdicos.

Uma destas grandes fábricas, nos arredores de Lisboa, possuindo quinhentos operários e funcionários, trabalha exclusivamente para a Suécia, Dinamarca e Suíça, enviando semanalmente para além das fronteiras portuguesas, vinte mil camisas. Estes negócios totalizam, anualmente, como nos declarou o director daquela empresa luso-sueca oitenta mil contos.

Este é um exemplo, entre dezenas, do fenómeno que se está a passar no nosso País e que encontra a sua melhor explicação nas facilidades que as empresas de grandes países industrializados vêm encontrar em Portugal.

Há ainda poucos dias, numa reunião internacional, o ministro sueco do Comércio visou «a legislação portuguesa do trabalho e a organização corporativa que contribuíam, ou eram susceptíveis de contribuir, para falsearem as condições normais de concorrência dos produtos de exportação, dentro do mercado da E. F. T. A.».

Respondendo a essas observações do ministro sueco do Comércio, o minstro português das Corporações disse em Lisboa que «o custo da mão-de-obra tem subido em condições mais favoráveis para os trabalhadores portugueses do que para os outros países da E. F. T. A.

Declarou ainda o prof. Gonçalves de Proença que

«os salários portugueses continuam a ser inferiores, em valor absoluto, aos de alguns outros países; também os níveis de preços a que os salários têm de fazer face são muito mais elevados nesses países».

Este diálogo, que encerra um absurdo, sabido que a industria de confecção sueca está em grande parte a funcionar em Portugal, para aproveitar essa mesma facilidade, pôs em evidência o fundo do problema. A proliferação, pois, das fábricas de confecção que entre nós funcionam com parte de capital e pessoal dirigente pertencente ao país instalador, deve-se ao baixo custo e qualidade da nossa mão-de-obra, em relação com a desses países.

Por outro lado, os próprios custos de exploração das unidades estão muito diminuídos. Quanto ao aspecto de equipamentos industriais, encontraram os capitalistas estrangeiros grandes facilidades para a criação das suas industrias em Portugal, pois o Governo, no intuito de acelerar a nossa industrialização, isentou de direitos a importação de equipamentos.

Há, ainda, um outro aspecto importante, no quadro destas facilidades. Essa refere-se á importação dos tecidos, com os quais se fabricam as peças de roupa exportada.

Com efeito, estas unidades industriais trabalham normalmente com tecidos nacionais, produzidos em cerca de quatro centenas de fábricas do Norte do País, e com tecidos importados. Nestes, incluem-se fibras artificiais, além do algodão, muitas vezes tratado sintèticamente, para lhe conferir certas propriedades.

Ora, a lei determina, para além dum depósito monetário provisório, que, quando o peso do tecido em peça importado por uma firma for igual ao peso do tecido confeccionado pela mesma e por ela exportado (camisas) não serão pagos direitos alfandegários.

● Mercados vários

Por estes elementos se compreende a situação da industria portuguesa de confecção de roupa interior, industria que está, práticamente, a abastecer a Europa.

Há, no entanto, nesta questão, um ponto nevrálgico. Ele diz respeito á parte do tecido que as fábricas portuguesas fornecem para esta confecção. Essa percentagem varia, havendo unidades que utilizam 50 por cento de tecido português e o restante de tecido estrangeiro, enquanto outros elevam essa percentagem até 80 por cento.

Saber em que condições se encontra essa mesma industria no Norte do País e estabelecer as suas relações com o mercado do algodão, que vem de Angola e, predominantemente, de Moçambique, é uma outra questão a que não nos referiremos.

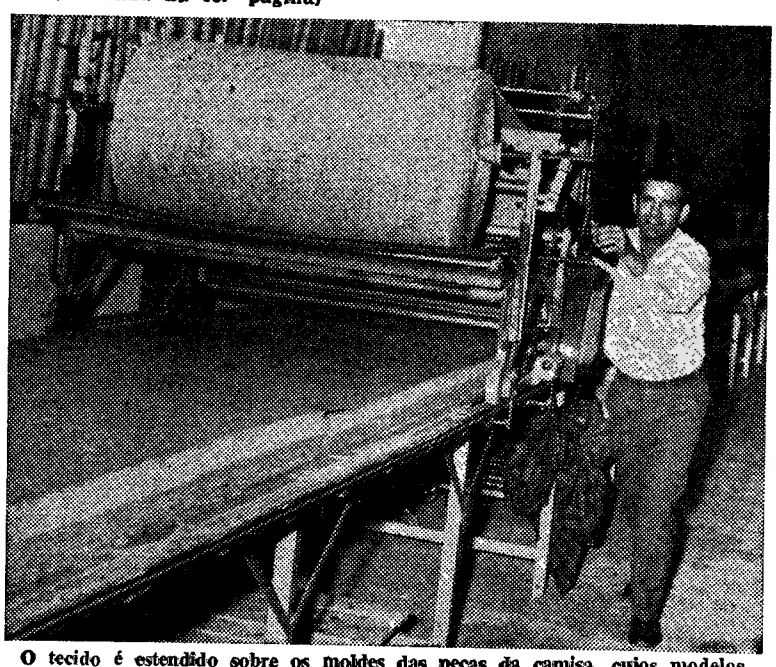
Entre os vários mercados importantes que abastecemos conta-se, como se viu, a Escandinávia. Mas o mercado inglês tem, do mesmo

(Continua na 18.ª página)

JUSTIÇA DO BRASIL seu colega português

permanência de caracter particular, apresentou, esta tarde, cumprimentos ao seu colega português, com o qual almoçará amanhã. Antes da partida para Brasília, sábado á noite, o prof. Gama e Silva conta ainda trocar algumas impressões com os ministros portugueses dos Negócios Estrangeiros e da Educação. No sábado, almoçará com o dr. Ouro Preto, embaixador do Brasil em Portugal.

Mas estes contactos são de carácter pessoal e em tudo a minha visita será particular. Não podia regressar sem cumprimentar muitos amigos que tenho aqui, declarou o ministro ao «Diário de Lisboa».



O tecido é estendido sobre os moldes das peças da camisa, cujos modelos são recebidos do estrangeiro. Procede-se depois ao corte

Torre de Babel

João Medina

NOVAS AVENTURAS DE GULLIVER

Fragmento inédito de Swift: «Condenado pelo destino a uma vida agitada, estive apenas dois meses na minha pátria (1), após o que parti no Gingerbeer, *comandado pelo célebre capitão Patrick Queerfellow, a caminho de Surat. Até ao cabo da Boa Esperança a viagem correu bem e os ventos foram-nos propícios. Dobrado o cabo, o barco rumou para Madagáscar. Todavia, perto desta ilha e a cerca de cinco graus de latitude sul, encrespou-se o mar, escureceram os ares e em breve éramos atingidos por um tufão duma rara violência. O* Gingerbeer *desarticulou-se como uma casa de papel atingida pela derrocada da torre de Londres, marinheiros e tripulação foram tragados pelas ondas em fúria. Só eu logrei escapar à catástrofe, agarrado a um destroço de mastro. Depois de boiar naquele oceano durante cinco dias, fui finalmente recolhido por uns pescadores nativos de Atupal, ilha obscura e sem história, perdida naquelas remotas paragens.*

A minha chegada a Opisylo — assim se chamava a capital dessa ilha — coincidiu com uma espécie de guerra civil entre os atupalianos, divididos em duas facções convulsivamente inimigas e cuja linha divisória só com certa dificuldade logrei entender. Consoante me explicou um c i d a d ã o de grande sageza e que ganhava a vida a explicar ornitologia aos filhos dos bonzos atupalianos (2), a ilha tinha uma longa tradição de disputas a que nós, europeus, chamamos metafísicas; discutiam por exemplo, se uma bola de bilhar deixada cair verticalmente sobre uma mesa perfeitamente lisa e horizontal rolaria para a esquerda ou para a direita. E logo, a propósito deste problema, brotavam do áspero solo atupaliano duas escolas irredutìvelmente opostas em tudo, desde a maneira de vestir ao modo de pegar num garfo. De tal modo se polarizavam os ânimos e as ideias que o ancião chegava a suspeitar que os atupalianos discutiam pelo simples prazer de nunca estarem de acordo, independentemente do objecto das querelas. Durante a minha estadia tive oportunidade de assistir a um desses curiosos torneios. Andavam os habitantes de Opisylo positivamente amotinados em torno do problema seguinte: enquanto que alguns ilhéus mais práticos na leitura das obras e das revistas editadas na distante Galolândia, país de gente culta e petulante, afirmavam que a linguagem exprimia o real e tão bem o fazia que a verdade estava nos livros, porquanto era aqui que as palavras ganhavam uma dignidade sem igual, outros atupalianos, talvez menos atentos aos arabescos do pensar galolandês e ainda, segundo me pareceu, sem grandes recursos financeiros, riam-se da tese dos antagonistas e garantiam não passar a linguagem dum simples utensílio do real. Durante os quinze dias que passei em Opisylo à espera dum barco que me levasse da ilha, assisti a verdadeiras batalhas campais entre os dois partidos, sem mencionar os artigos escritos nas gazetas por plumitivos que destilavam veneno e pediam aos deuses atupalianos que intercedessem pelo partido que defendia a Verdade e fulminassem os adversários com a cegueira, a calvície precoce, o degredo, a perda dos títulos honoríficos e a proibição de frequentarem cafés durante três décadas (3). Mas como decidir qual dos campos detinha essa Verdade tão invocada por homens diametralmente antagónicos em tudo? «É simples — disse-me um dos combatentes —, as palavras exprimem as coisas; logo as coisas precisam daquelas e só existem porque são nomeadas; é a linguagem que funda o real, é nela e através dela que o real é. Falo, logo sou. Quem disser o contrário é ignorante, relapso, psicopata, coprófago, pirrónico. E inimigo da Galolândia, país donde nos vem, sempre nos veio e há-de vir a Verdade!» Achei interessante este enunciado e desloquei-me a casa dum adversário desta teoria. «É simples — disse-me este —, se a linguagem fosse o fundamento do real, a verdade seria a codificação sistemática dos sinais que usamos para designar e compreender as coisas; ora, segundo os nossos opositores, tudo o que seja referência às coisas de que falamos ou ao sujeito que fala é abolido em proveito do sistema auto-suficiente dos sinais. Assim se esquece o sujeito que fala e o mundo do qual e no qual se fala para se privilegiar as permutas formais entre sinais que já nada significam...» Preocupado em regressar à minha pátria, não tive tempo nem disposição para me embrenhar no estudo destas teorias, mas reparei, em contrapartida, que, à força de discutirem estes problemas, os atupalianos viviam num grande desconforto, que as casas de Opisylo eram tristes, as ruas mal iluminadas, os campos por cultivar, o vestuário dos ilhéus descuidado e os governantes severos.

No dia 18 de Abril de 1703 tocou no porto de Atupal um navio que vinha abastecer-se de água e trazer mais uma fornada de livros da distante Galolândia. Aproveitei este feliz ensejo para retomar as minhas viagens...» (4)

Strasbourg, Maio de 1968.

---

(1) — Este fragmento inédito de Swift devia inserir-se provàvelmente entre a narrativa do regresso de Blefescu e a partida para Brobdingnag (*Nota do tradutor*).

(2) — Não havia um só pássaro em toda a ilha (*Nota de Swift*).

(3) — Estas duas ultimas punições eram tidas pelos atupalianos como particularmente severes. Quando um habitante de Olisypo queria dar a entender que um compatriota merecia o tribunal, dizia: «Aquele devia ser proibido de ir ao café!» (*Nota de Swift*).

(4) — O fragmento inédito que agora traduzimos e publicamos termina aqui. À margem do manuscrito acrescentou Swift estas palavras: *Ideas which lose touch with reality easily become ends in themselves and source of solitary intoxication. Free and unimpended ideation invites illusion...*

JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático — Fundada em 1895
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — L I S B O A

MODELOS EXCLUSIVOS

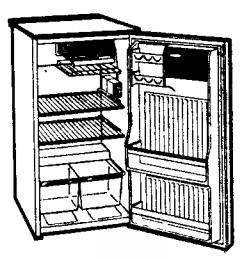
LIBRAS OURO
Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR
1.º) — Sr. VIRGÍNIO A. DIAS DE SOUSA — PORTO
2.º) — Sr. ANDRÉ DE JESUS GARCIA — GAIA
3.º) — D. MARIA DA CONCEIÇÃO COUTO — PORTO
4.º) — D. MARIA MARGARIDA MACEDO — GAIA
5.º) — Sr. MANUEL ROCHA FRANCISCO — PORTO
6.º) — Sr. MANUEL J. CARLOS — S. MAMEDE
A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES.

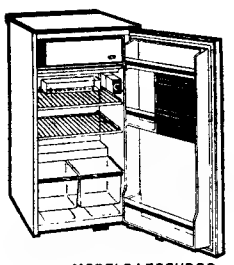
CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

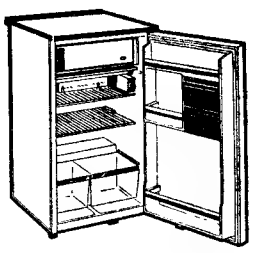
CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

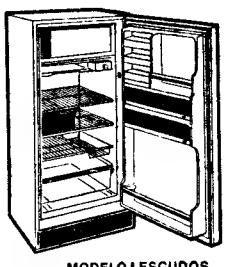
JÓIAS
ANTIGAS E MODERNAS
Compro cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
RUA AUGUSTA, 253
Telef. 324564

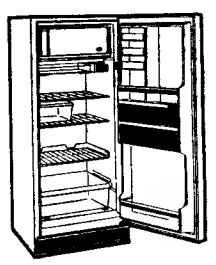
A TÉCNICA MAIS AVANÇADA AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
ESCOLHA O MODELO QUE LHE CONVÉM!

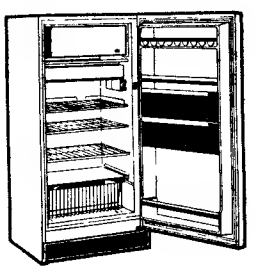

MODELO TABLE-TOP STANDARD 140 LITROS (*) | ESCUDOS 2 990$00

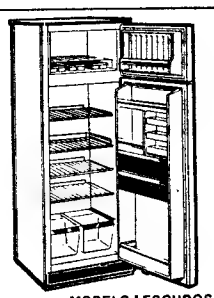

MODELO TABLE-TOP LUXO 140 LITROS (**) | ESCUDOS 3 750$00

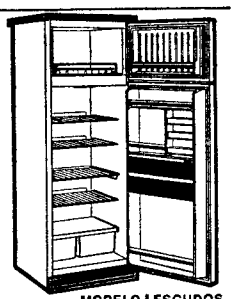

MODELO TABLE-TOP LUXO 155 LITROS (**) | ESCUDOS 3 990$00


MODELO ARMÁRIO LUXO 170 LITROS (**) | ESCUDOS 5 390$00


MODELO ARMÁRIO LUXO 200 LITROS (**) | ESCUDOS 5 990$00


MODELO ARMÁRIO LUXO 275 LITROS (**) | ESCUDOS 7 490$00


MODELO DUAS PORTAS (F-H) 230 LITROS (***) | ESCUDOS 7 290$00


MODELO DUAS PORTAS (F-H) 280 LITROS (***) | ESCUDOS 8 290$00

PHILIPS DÁ-LHE O FRIO MAIS DESEJADO DO MUNDO

Também nas ruas de Lisboa se anunciam baratezas. As que permitem avaliar do nível de preços de fabrico

Exportação de camisas fabricadas em Portugal

(Continuação da página central)

modo, primordial importância. Segundo estimativas oficiais, já este ano seguiram para a Grã-Bretanha mais de sessenta mil camisas, confeccionadas em algodão. Igualmente se tem verificado a exportação de grandes contingentes de outra roupa interior, além de roupa de cama e de equipamento caseiro geral.

Numa das unidades médias fabris que visitámos (cujo equipamento pode custar 6 mil contos) estão a fabricar-se quarenta mil camisas por mês, que seguem de camião para a Alemanha, á média semanal de catorze mil unidades. Esta fábrica recebe os seus modelos da central alemã, onde uma equipa de modelistas desenha novos modelos de seis em seis meses, adaptando-os ás exigências do mercado e da concorrência.

Perguntámos aos gerentes destas fábricas quais as regalias sociais e o nível de ordenados de que goza o pessoal. Esclareceram-nos:

Os nossos operários são na sua grande maioria do sexo feminino. O que nos causa certos transtornos, porque é um tipo de mão-de-obra muito instável. Chegam a registar-se, num dia, faltas na ordem dos 30 por cento, sem contar com a facilidade com que as mulheres, sem justificação, deixam os empregos.

Numa outra fábrica, verificámos a existência de uma pequena escola, onde mestras, auxiliadas por meios audiovisuais, ensinam as novatas a coser, dando-lhes ainda algumas noções do funcionamento industrial de uma empresa.

Outro gerente confidenciou-nos:

Há sete anos atrás, uma mulher fabricante ganhava uma média de 25 escudos diários. Hoje, pagamos entre 60 e 70 escudos a uma mulher especializada, havendo algumas que, trabalhando a prémio, e atingindo níveis excepcionais, fazem subir bastante aquela quantia. Como se verificam dificuldades de recrutamento de pessoal, dentro da cidade, vêm dos arredores de Lisboa (Baixa da Banheira, Alhos Vedros, etc.) numerosas operárias, ás quais pagamos ajudas de transporte, para além do ordenado.

Numa empresa luso-sueca perguntámos ao gerente quais eram as regalias sociais concedidas aos seus operários. Foi-nos afirmado que se cumpriam os regulamentos sociais portugueses, as instalações eram modernas, tinham ar condicionado e funcionava uma cantina onde as operárias têm diáriamente á sua disposição, por vinte e cinco tostões, uma sopa, cozinhada na fábrica, prato a que poderão juntar o que trouxerem de casa...

J. PIMENTA, LDA.

ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES ASSOALHADAS

TEM 150 CONTOS?...

Aplique as suas economias na nossa, que é a vossa organização e obterá rendimentos de 8 % na compra de apartamentos mobilados.

ESCRITÓRIOS

EM LISBOA — Rua do Conde de Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tel. 4 58 43 e 4 78 43
EM QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Tel. 95 20 21/22
EM REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — Telefone 93 36 70

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 72 49 75

LISBOA

Madrid espera por si..

Nas suas deslocações à capital espanhola utilize o comboio «Lisboa-Expresso» (TER.)

9.45 p Lisboa (St.ª Apolónia) c. 19.40
19.00 c. Madrid (Delícias) p. 10.45

Ligações diurnas e quotidianas
Serviço de restaurante e bar
Ar condicionado

9 HORAS DE AGRADÁVEL VIAGEM

DINHEIRO

PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS
Juro da lei
RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

A CP DESEJA-VOS UMA BOA VIAGEM

EXCURSÕES DO DIA 2 DE JUNHO

LISBOA a COIMBRA, PENACOVA, CRUZ ALTA, BUÇACO, LUSO, MEALHADA e volta
Preço em 1.ª classe..... 220$00

LISBOA a COIMBRA, MONTEMOR-O-VELHO, FIGUEIRA DA FOZ, GALA, COSTA DE LAVOS, LEIROSA, MARINHA DAS ONDAS, SOURE, RUINAS DE CONIMBRIGA, e volta
Preço em 1.ª classe..... 250$00

(AMBAS AS EXCURSÕES INCLUEM TRANSPORTE EM COMBOIO, CIRCUITO TURÍSTICO RODOVIÁRIO E ALMOÇO)

SÓ TRANSPORTE EM CAMINHO DE FERRO
(Preço em 1ª classe)

LISBOA a COIMBRA e volta ..... 115$00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (SANTA APOLÓNIA) E LISBOA (ROSSIO), NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS, NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES (RUA DO ARSENAL, 124) E NOS DESPACHOS CENTRAIS DO CAMINHO DE FERRO, EM LISBOA

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O GENERAL DE GAULLE FALA HOJE AO PAÍS

PARIS, 30 — (R.) — O general de Gaulle falará á nação, esta tarde, logo a seguir á reunião do Gabinete — segundo foi anunciado.

Um membro do Governo que falou com o presidente pelo telefone para Colombey, durante a noite, disse que ele lhe deu a impressão de estar decidido a manter-se na chefia do Estado e a fazer todos os esforços para dominar a crise.

O comunicado de que o presidente falaria, esta tarde, foi feito pouco depois do seu regresso á capital.

ULTIMATO A HERRERA?

MADRID, 30 — (A. N. I.) — O Atlético de Madrid enviou, hoje, por telegrama, um ultimato ao treinador de futebol Helénio Herrera para que, dentro de 24 horas, diga se o clube pode ou não contar com ele.

O subsecretário da Presidência ofereceu um almoço aos directores dos órgãos de informação

Os directores dos jornais diários e representantes de outros orgãos de informação foram hoje convidados do sr. dr. Paulo Rodrigues, subsecretário de Estado da Previdência do Conselho, num almoço realizado no restaurante do Mercado de Abril.

Depois de terem visitado a exposição «Turismo de hoje», os convidados tomaram lugar em três mesas, presididas por aquele membro do Governo e pelos sr. dr. César Moreira Baptista e eng.º Álvaro Roquete, respectivamente secretário Nacional de Informação e comissário do Turismo.

Identificada a mulher colhida pelo comboio na estação de Queluz

Foi identificada como sendo Isabel da Palma, de 40 anos, solteira, natural de S. Barnabé, Almodôvar, residente na Rua Bastos Nunes, 61, r/c., direito, em Queluz, a mulher que ontem recolhera ao Hospital de S. José, sem fala e em estado grave, com uma perna amputada, por ter sido colhida por um comboio na estação de Queluz, vindo a falecer.

Caíram da motorizada e partiram as pernas

Por terem caído da motorizada, numa rua de Cascais, sofreram fractura de uma das pernas, os srs. José André Pereira da Silva, de 18 anos, empregado do comércio, residente na Avenida do Ultramar, naquela vila (que conduzia o veículo), e Manuel Joaquim Aires, de 23 anos, soldado n.º 366 do Centro de Artilharia Anti-aérea de Costa.

O primeiro recolheu ao Hospital de S. José e o segundo ficou internado no Hospital da Estrela.

Termina amanhã a I Reunião Latina de Ortopedia e Traumatologia

A I Reunião Latina de Ortopedia e Traumatologia sobre a patologia da anca prosseguiu, hoje, na sala de actos do Hospital de D. Estefânia.

Às 9 e 30, teve início, sob a orientação do médico romano dr. Gianfranco Fineschi, uma mesa-redonda dedicada á «Anca displásica», em que participaram os drs. Arnaldo Rodo, de Lisboa, («Genética da anca displásica»), Palazon de La Barreda, de Madrid, «O valor da artografia para determinar o tratamento na luxação congénita da anca»), Rosado Pinto, de Lisboa, («Considerações sobre o tratamento incruento da luxação congénita da anca») e Silvano Mastragostino, de Génova, («Osteotomias do fémur na luxação congénita da anca»). Argumentaram os drs. Eduardo Jordá, de Palma de Maiorca, Bernardo Múgica, de Madrid, Álvaro Lopez, de Valência, Lima Salreta, de Lisboa e Raposo Lence, de Orense.

À terceira mesa-redonda da série, desta vez sobre «Anca infecciosa», marcada para as 17 horas, no mesmo local, coube como moderador o especialista, dr. Álvaro Lopez, de Valência, estando inscritos para falar os drs. Maria Tereza Ceballos, de Madrid, Ferreira Alves, do Porto, Bosch Olves, de Barcelona, Azevedo Rua e Jacques Resina, ambos de Lisboa.

Os trabalhos científicos concluem-se amanhã, terminando o encontro, em que participaram cerca de 100 especialistas, portugueses e estrangeiros com duas recepções uma ás 19 horas, dada pelo Município no Castelo de S. Jorge, outra ás 22, de encerramento, oferecida pela comissão organizadora aos congressistas e suas famílias.

O TEMPO QUE FAZ

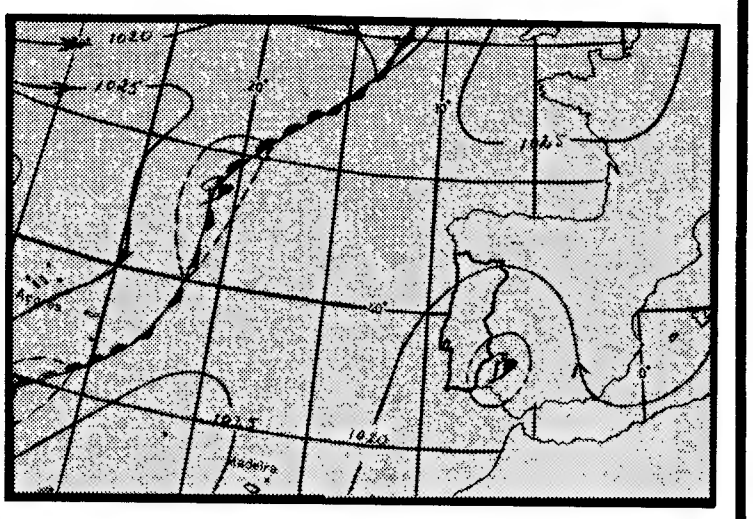
Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua: 32°,8; mínima: Penhas do Saude, 7°

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal Continental o vento era fraco e o céu estava pouco nublado ou limpo por influência de uma massa de ar transportada na circulação conjunta de uma crista de altas pressões que se estende das Ilhas Britânicas ao sul dos Açores e de uma depressão localizada a sul da Península Ibérica.

TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 20°; Faro, 24°; Lisboa, 22°; Penhas Douradas, 13°; Portalegre, 20°; Porto, 21°; Funchal, 19°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 24°; na água do mar: 15°



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 31 — O estado do tempo em Portugal continental deverá continuar a ser influenciado pela massa de ar trasportada na circulação conjunta da crista de altas pressões que se estende das Ilhas Britânicas á Madeira e da depressão localizada a sudoeste da Espanha.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU GERALMENTE LIMPO; VENTO FRACO; CONTINUAÇÃO DO TEMPO QUENTE.

SOL Amanhã: Nascer às 6 e 14 Ocaso às 20 e 54

PREIA-MAR Dia 30 — 5 e 48 (3,5 m); 18 (3,7 m). Dia 31 — 6 e 22 (3,4 m); 18 e 40 (3,6 m). Dia 1 — 7 e 10 (3,3 m); 19 e 26 (3,6 m). BAIXA-MAR: Dia 30 — 11 e 22 (1,2 m); 23 e 53 (1,2 m). Dia 31 — 12 e 03 (1,3 m). Dia 1 — 0e 40 (1,3 m); 12 e 48 (1,4 m).

FASES DA LUA

Dia 4 Dia 10 Dia 17 Dia 25

Por causa de um cão um homem matou outro com um tiro no pescoço

ALCABIDECHE, 30 — Em consequência de uma discussão provocada por um cão, um homem matou outro, com um tiro de arma caçadeira, no desfecho de um duelo á pedrada, travado ontem, pouco depois das 22 e 30, na Estrada da Aprovela, nesta localidade.

A vítima, Joaquim Faria Centeio, de 23 anos, solteiro, operário fabril, filho de Francisco Correia Centeio e de Maria Fernanda Faia, natural de Lousa, Castelo Branco, seguia de boleia numa motorizada conduzida pelo sr. José Manuel Freitas Pais da Cunha, de 19 anos, desenhador da Camara Municipal de Cascais, quando foi atacado por um cão, que o fez desequilibrar e cair.

Voltando-se para o animal, o sr. Joaquim Centeio perseguiu-o á pedrada até á porta da residência do dono, o trabalhador rural António Martins Cabeça, de 57 anos, com quem acabou por se envolver em luta, á pedrada. No prolongamento da luta, o dono do animal, munindo-se de uma arma caçadeira, desfechou-a contra o sr. Joaquim Centeio, atingindo-o no pescoço e causando-lhe morte imediata.

O corpo foi removido para a casa mortuária do Hospital de Cascais, onde aguarda autópsia.

A G. N. R. de Cascais tomou conta da ocorrência.

«Stand» português de propaganda turística na Feira de Gotemburgo

A Feira Sueca de Gotemburgo apresentou, este ano, pela primeira vez, um «stand» de propaganda turística de Portugal, que foi organizado pelo Centro de Turismo de Portugal na Escandinávia, aproveitando a participação oficial do Fundo de Fomento de Exportação no referido certame.

A Imprensa sueca referiu-se ao acontecimento. Jornais houve, até, como o «Göteborgs Handelstiduing» e «Göteborgs Posten», que publicaram, nas primeiras páginas, fotografias da jovem sueca Marika Girdland, que, envergando um trajo minhoto, recebeu os visitantes da Feira de Gotemburgo, ambas acompanhadas de expressivas legendas e outras referências aos produtos tradicionais portugueses apresentados no pavilhão português.

O «Goteborgs Tidníngen» insere um artigo intitulado «Turismo e Vinho do Porto», com notas e comentários referentes á participação de Portugal na feira, certame que reuniu este ano 34 países de todo o mundo e foi visitado por 80 mil pessoas.

Curso de gestão e «marketing» nos Estados Unidos

Após um curso de gestão e «marketing», que durante sete semanas frequentaram nos Estados Unidos, no famoso General Motors Institute, chegam amanhã a Lisboa, no voo da TAP, de Nova York, cinco funcionários superiores da Auto-Industrial. São os srs. Carlos Mariano de Carvalho, chefe de vendas de automóveis, e Armando Duarte, chefe de escritórios, ambos de Lisboa, António Martins Ribeiro, gerente de Leiria, Sílvio Costa, chefe de mecanografia, e Carlos Pinto de Magalhães, chefe de vendas Vauxhall-Bedford, ambos de Coimbra, onde a Auto-Industrial tem a sua sede.

LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA

Na Liga dos Combatentes da Grande Guerra tomou esta tarde posse de membro do Conselho Supremo o general Arnaldo Schulz.

A posse foi-lhe conferida pelo presidente da instituição, prof. Hernâni Cidade.

Consultas luso-brasileiras sobre aeronáutica civil

Concluiu-se, esta manhã, na Direcção-Geral de Aeronáutica Civil, a série de consultas entre as autoridades de aeronáutica civil do Brasil e de Portugal: que teve por fim estudar a forma como está a ser aplicado o que ficou estabelecido, quanto ás relações aéreas entre os dois países, na reunião de 1965. Procurou-se apurar a fórmula de repartição equitativa do tráfego entre transportadores brasileiros e portugueses e foram aconselhadas diversas medidas tendentes a uma melhor disciplina nas relações da aeronáutica civil de Portugal e do Brasil.

A delegação brasileira foi chefiada pelo director-geral da aeronáutica civl do Brasil, brigadeiro Martinho Candido dos Santos e a portuguesa pelo titular das funções equivalentes, eng. Vítor Veres. Assistiram, também, representantes da TAP e da Varig.

†

DR. ALBERTO PEDROSA PIRES DE LIMA

MISSA DO 30.º DIA

SUA FAMÍLIA PARTICIPA QUE AMANHÃ, DIA 31, SERÁ CELEBRADA MISSA PELO ETERNO DESCANSO DA SUA ALMA, ÀS 12,30 HORAS, NA IGREJA DO SACRAMENTO, EM LISBOA, E APROVEITA A OPORTUNIDADE PARA AGRADECER A TODAS AS PESSOAS QUE DE QUALQUER FORMA MANIFESTARAM O SEU PESAR.

†

DR. ALBERTO PEDROSA PIRES DE LIMA

MISSA DO 30.º DIA

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO, PARTICIPA QUE AMANHÃ, DIA 31, SERÁ CELEBRADA MISSA PELO ETERNO DESCANSO DA SUA ALMA, ÀS 12,30 HORAS, NA IGREJA DO SACRAMENTO, EM LISBOA.

PORQUE PAGAR RENDAS ELEVADAS?

Com o programa INVESTLAR* pode ser dono da sua casa

As rendas sobem dia a dia. E a casa nunca é sua. O programa Investlar resolve de vez o problema de aquisição de um lar realmente seu. Em Santo António dos Cavaleiros, verdadeiro parque residencial.

O que é o programa INVESTLAR?

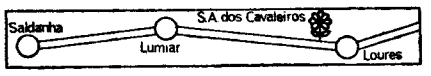
Uma iniciativa da Icesa que oferece novas e importantes facilidades. Com pagamentos **suaves e escalonados. Compatíveis com os seus recursos... e ao nível da renda de uma casa aihala. Uma oportunidade de excelente investimento numa zona em permanente valorização.**

As vantagens de uma cidade-jardim

Em Santo António dos Cavaleiros os prédios são enquadrados por flores, árvores e vastos relvados. Para o prazer de viver em agradável e sadio contacto com a Natureza. E os apartamentos são modernos e confortáveis.

1ª FASE DO PROGRAMA INVESTLAR

3, 4 e 5 DIVISÕES com preços a partir de 201000$00 e... a entrada de 8000$00



SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Horário das visitas

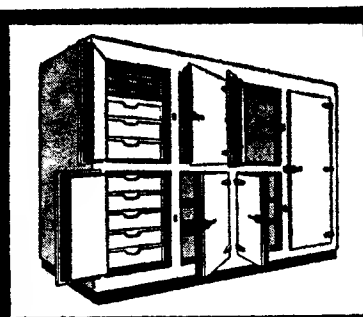
Na Sede: todos os dias úteis das 9.30 às 13 h. e das 14.30 às 20 h., excepto sábados à tarde.
No local: todos os dias úteis das 11 às 13 h. e das 15 às 20 h., excepto às 2.as feiras.

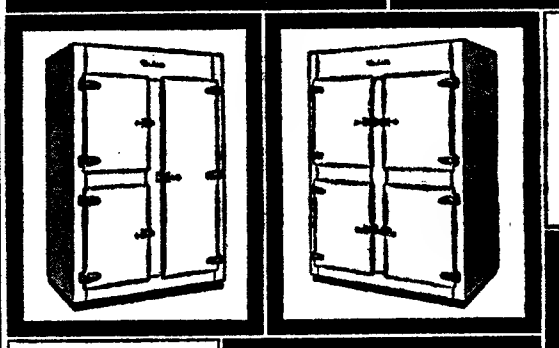
* Um exclusivo da **ICESA**

ICESA-Indústrias de Construção e Empreendimentos, S.A.R.L. • Sede Av. D. Carlos I, 42-Serviços Comerciais 4º andar • Telef. 676121/2/3/4/5/6-LISBOA

Refrigeração POLAR

APRESENTA ALGUNS MODELOS DE FRIGORÍFICOS COMERCIAIS PARA TODOS OS FINS

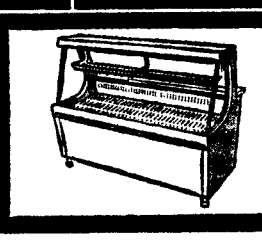




ESTRUTURAS TOTALMENTE METÁLICAS COM ACABAMENTO EXTERIOR EM AÇO INOXIDÁVEL OU PINTURA A ESMALTE DE ESTUFA

INDÚSTRIA HOTELEIRA • HOSPITAIS • LABORATÓRIOS • PASTELARIAS • CAFÉS • SUPERMERCADOS • MERCEARIAS • TALHOS

CÂMARAS FRIGORÍFICAS PARA CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS • CÂMARAS DE CONGELAÇÃO • CÂMARAS DE CONSERVAÇÃO DE PRODUTOS CONGELADOS.



• AV. ALM. REIS, 94-C-TEL. 533755-LISBOA

NAS TERMAS DE LUSO

Especialmente indicadas no tratamento do Artritismo, das Doenças dos Rins e da Hipertensão, dotadas de Balneários Modernos, com Emanatório, encontra o

GRANDE HOTEL DAS TERMAS,

um hotel de 1.ª classe, que lhe oferece todas as comodidades, com banho e telefones em todos os quartos

O HOTEL DOS BANHOS,

o mais próximo dos Balneários, e ainda

A MAGNÍFICA PISCINA MONUMENTAL,

o Casino, o Ténis, os deslumbrantes panoramas o ar da serra e a frescura do arvoredo

Servidas pelas principais estradas e caminhos de ferro, estão recomendadas para

TRATAMENTO * REPOUSO * RECREIO * TURISMO

1 de Junho a 31 de Outubro

Actualize também a sua sala de banho... use **TRITON** a marca que equipa os hotéis de luxo **RITZ, TIVOLI, CIDADELA,** etc.

GUEDAL

AV. REPÚBLICA, 64-A — TELEF. 779430

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2º TELEF. 369384

PRÉDIO

VENDO DE ÓPTIMA CONSTRUÇÃO COM MADEIRAS EXÓTICAS, PERTO DO APEADEIRO DO REGO. RENDE ANUALMENTE 256.080$00.

TRATA: — FERMIN GALLEGO

Tels.: 4 59 34 - 4 62 59

LUSTRES

de sonho para a sua casa. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. — Tel. 771639 (ao Campo Pequeno).

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

COMBOIOS ESPECIAIS

Entre Lisboa e Porto às 6.as-feiras, sábados e domingos para militares em viagens de fim-de-semana a preços reduzidos

A fim de facilitar a deslocação de militares dos três ramos das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) de Lisboa ao Porto, e inversamente, a C. P. realiza todas as 6.as feiras sábados e domingos circulações especiais com o seguinte horário:

6.as feiras	Sábados	Domingos	Estações	6.as feiras	Sábados	Domingos
17.40	14.17	23.40	p Lisboa (St. Apolónia) c	23.05	18.30	4.45
22.30	19.18	4.45	c Porto (Campanhã) p	17.52	13.35	23.40

A estes comboios são dadas paragens nas estações intermédias mais importantes da linha do Norte para embarque e desembarque de passageiros sendo possíveis também ligações de e para as principais linhas afluentes.
INFORME-SE NAS ESTAÇÕES OU NAS SECÇÕES DE INFORMAÇÕES

«DIA DA MARINHA»

«Nam nos poderemos escusar de cayr em reprensam, se a notável fama dos excelentes baroees e muito antiguos antecessores, dina de perpetua lenbrança, por esquecimento leixaremos passar». (Esmeraldo de Situ Orbis).

O «Dia da Marinha» visa seguir, no que respeita aos homens do mar, o aviso de Duarte Pacheco Pereira e este ano é ele próprio — o Aquiles de Camões — o principal objecto das nossas homenagens.

Assim deve ser, mas mais além vai a intenção da criação do Dia da Marinha.

Os pensamentos que possamos dedicar a uma figura do passado — como a que este ano se evoca — devem seguir céleres pelo tempo, fazer-nos examinar a extraordinária relevância das coisas marítimas da nossa história e levar-nos à meditação sobre a importância do mar para Portugal no presente e no futuro.

Se sobre as razões apresentadas para explicar a formação de Portugal metropolitano poderemos apenas dizer que não estarão isentas duma influência marítima, a confirmação da nossa nacionalidade é uma consequência dessa influência.

Da nesga de terra afastada dos principais centros da civilização que tem procurado cultivar na sua pureza, Portugal rompeu o cerco que limitava o mundo conhecido e foi mar fora até provar a esfericidade da Terra. Foram portugueses ou discípulos seus que fizeram o inventário das terras emersas, desfazendo lendas, esfumando fantasmas e alcançando todos os horizontes.

Fixando-se ao longo das costas, os portugueses ficaram ligados pelo mar ao sítio de onde partiram. E, quando em suas vagarosas explorações desbravaram o interior das terras procuraram ainda o mar, caminhando para a contracosta.

Ao espalharem-se pelo mundo, os portugueses levaram consigo a própria Pátria que, assim, se estendeu por climas e terras bem diferentes e passou a ter filhos de todas as cores e de todas as crenças, num universalismo que os séculos têm confirmado. Foi o uso intenso do mar que permitiu a união íntima entre todas as parcelas da Pátria.

Os portugueses não podem estar desligados do mar, não podem deixar de usá-lo. Mais do que um auxiliar preciso é-lhes totalmente indispensável: o mar faz parte da sua própria Pátria.

*

A política dum país não pode voltar costas à geografia sob pena de ser irreal; a de Portugal terá de ter sempre íntimas ligações com o mar ou os interesses do País não serão alcançados e a própria segurança nacional estará em perigo.

Pode parecer que as novas técnicas fizeram tábua rasa de toda a importância que o mar revelou durante séculos e que não há já qualquer interesse em serem perturbadas pelo homem as suas águas. A realidade demonstra o contrário. As riquezas que o mar encerra nos seus domínios não podem ser abandonadas; antes terão de ser cada vez mais exploradas para suprir as necessidades que as terras têm dififuldade em satisfazer. E também não diminuiu a importância do grande meio de comunicação que é o mar: os navios que o sulcam aumentam cada dia em número e em tonelagem.

*

O valor das nossas Marinhas deverá continuar a ser, como sempre foi, um índice do nosso desenvolvimento. Podem problemas acidentais relegar para segundo plano os nossos permanentes problemas marítimos, mas estes não devem ser esquecidos para evitar graves consequências no futuro.

Periòdicamente tem Portugal sofrito ataques mas, caldeado e temperado pelo mar, com mais ou menos felicidade, sempre tem conseguido manter o espírito com que se criou e formou e, sem olhar a sacrifícios, tem mostrado ao mundo a pureza do seu sentir, embora possa haver quem não acredite nele, quem não o compreenda e, até, quem julgue loucura pretender remar contra as correntes da história que, muitas vezes, não passam de simples marés.

Nestas épocas de crise pode o aspecto marítimo apresentar carácter principal ou secundário. Embora o aspecto possa ser secundário, as coisas do mar não devem ser descuradas. A sua importância permanece e as novas técnicas não admitem abandonos, como não podem ser perdidas posições fundamentais dificilmente recuperáveis.

O nível de interesse dedicado ao mar por um povo reflecte-se no desenvolvimento da sua Marinha de Recreio. Fonte de saudáveis prazeres, é simultâneamente uma consequência e uma causa — especialmente entre a juventude — desse interesse.

*

As ligações entre as parcelas de Portugal exigem uma Marinha Mercante desenvolvida e actualizada e, com mais forte razão, estas características têm de existir para quem, como nós, faz o seu comércio principalmente através de fronteiras marítimas. Igualmente teremos de acompanhar a evolução das frotas de pesca de forma a satisfazer as necessidades crescentes internas e a não perder, antes desenvolver, um mercado internacional.

A acção destas duas Marinhas tem repercussões económicas que facilmente fazem compreender como todos os esforços no sentido do seu desenvolvimento são altamente benéficos. Não sucede o mesmo quanto à Marinha de Guerra. Muitos pensam que se trata de um investimento sem juros de um elevado capital. Quem assim pensa esquece que esse investimento tem o mais alto rendimento: a segurança nacional.

É de grande importância o papel das Marinhas de Guerra numa crise; em guerra, competem-lhes muitas e variadas tarefas, sendo a principal reservar o uso do mar aos navios que devem estar sob a sua protecção. No caso duma coligação, possuímos pontos estratégicos, especialmente no Atlântico, que dão alto valor à nossa contribuição para a acção comum, mas isso não dispensa a posse de navios capazes de desempenharem tarefas que são sempre nossas e de contribuirem, dentro da medida das possibilidades, para tarefas comuns. Estes factos obrigam, em tempo de paz, à existência duma Marinha de Guerra que disponha de material actualizado e, assim, mesmo em ocasiões em que se possa pensar estar longe o momento da sua utilização. Com efeito o alto desenvolvimento técnico dos navios não se compadece com improvisações. Um navio leva muitos meses a construir e o pessoal não o poderá utilizar convenientemente se não tiver uma longa preparação. Uma Marinha eficiente poderá ser um sacrifício para a Nação mas é um sacrifício que vale a pena.

*

Um pouco de meditação sobre os problemas do mar daria a todos os portugueses uma ideia da sua importância para o nosso País e teria como consequência uma predisposição para um equacionamento satisfatório desses problemas e, portanto, o encontro fácil de soluções condizentes com os interesses nacionais.

TENGARRINHA PIRES
Capitão-de-fragata

PATENTES AO PÚBLICO
NAVIOS DE GUERRA E MERCANTES

Várias solenidades assinalam hoje e amanhã, as comemorações do «Dia da Marinha» que este ano tem como patrono o grande marinheiro e capitão Duarte Pacheco Pereira, um dos maiores vultos da hidrografia portuguesa, a quem Camões chamou o «Aquiles Lusitano».

Navios de guerra e mercantes estão patentes ao publico, bem como o Museu de Marinha. No Planetário Calouste Gulbenkian realizam-se sessões comemorativas. Haverá também um concerto pela Banda da Marinha.

Amanhã, principal dia das comemorações, estarão embandeirados em arco e, á noite, iluminados todos os navios surtos no Tejo. O ministro da Marinha deporá uma palma de flores no padrão dos Descobrimentos e fará a entrega solene ao comandante de uma unidade naval, de uma coroa de flores para ser lançada ao mar, como homenagem das Marinhas de Guerra, Mercante, de Pesca e de Recreio á memória dos seus mortos.

Estes actos enquadram-se numa cerimónia militar, em que participam uma companhia de alunos da Escola Naval e dois batalhões de Marinha, e que inclui ainda a condecoração de elementos da Marinha de Guerra e a entrega de prémios escolares a elementos das Marinhas Mercante e de Pesca.

†

MARTINIANO DOMINGUES JÚNIOR

Os Corpos Gerentes do Campolide Atlético Clube cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio fundador e benemérito, figura de alto prestígio dentro do Clube, e que o seu funeral se realizará no dia 31 de Maio, pelas 10 horas, da Igreja de Santo António de Campolide para o Cemitério de Benfica.

NOTÍCIAS DE LEIRIA

URBANIZAÇÃO DA QUINTA DOS CAPUCHOS

LEIRIA, 30 — A Camara Municipal de Leiria deliberou aprovar o plano de urbanização da zona compreendida pela Quinta dos Capuchos, junto desta cidade, e enviá-lo à Direcção-Geral de Urbanização, para ser apreciado e aprovado.

A ser sancionado, como se espera deverão surgir, muito em breve naquela zona, modernas edificações ampliando-se dessa forma a fisionomia urbana da cidade, ultimamente beneficiada com imóveis de linhas modernas.

A Camara deliberou também adquirir por 50 contos, o seu antigo edifício em Monte-Real, actualmente propriedade de um particular.

Beneficiação rodoviária: 1345 contos

O município local acaba de pedir a comparticipação financeira do Estado para a obra de beneficiação e pavimentação do caminho municipal 1249, entre a localidade de Arrabal e o lugar de Loureira, passando pelos sítios de Lagoa e Chainça. O custo da obra está orçado em 1345 contos.

Exposição de arte infantil

Está patente ao público, no átrio do Teatro José Lúcio Silva, nesta cidade, uma interessante exposição de arte infantil, subordinada ao tema «Primavera» e que reune várias dezenas de trabalhos de desenho e pintura dos alunos do estabelecimento local de ensino «O Castelinho».

Clube «Campos do Lis»

O Clube Desportivo «Campos do Lis» da progressiva e vizinha povoação de Gândara dos Olivais, está a comemorar a passagem do 13.º aniversário da inauguração da sua sede — obra erguida com o entusiasmo e bairrismo dos seus associados — com um programa de festas condigo.

O programa prossegue, no próximo domingo, com uma romagem de saudade ao comitério local, com deposição de flores nas sepulturas de dirigentes e associados falecidos, e, ás 13 horas almoço de confraternização na sede. No dia 13 de Junho haverá gincana de automóveis no campo da Carreira de Tiro, pelas 10 horas, seguida de almoço na acolhedora Mata dos Marmazes e, á noite, distribuição de prémios aos vencedores da gincana durante o baile que se realizará na sede em que colabora o conjunto «Álvaro Costa».

As conferências (com recitais) na Feira do Livro

Hoje, na Feira do Livro, prossegue o ciclo de conferências, promovido, com êxito significativo, pela Portugália Editora, sob o patrocínio do Grémio Nacional de Editores e Livreiros.

Ás 22 horas, no pavilhão do grémio, no certame da Avenida da Liberdade, Vitorino Nemésio e Augusto Costa Dias falam, respectivamente, da personalidade e da obra de José Gomes Ferreira e de Basílio Teles e Trindade Coelho, dos quais serão lidos sugestivos trechos pelos artistas de teatro Catarina Avelar e Morais e Castro.

Depois de amanhã, á mesma hora, Guilherme de Castilho autografa o seu livro «António Nobre», havendo, também, pelos mesmos artistas leitura de poesias do autor do «Só».

HOMENAGENS

Ao prof. Calvet de Magalhães

Conforme noticiámos, a homenagem ao professor Calvet de Magalhães, está marcada para o proximo sábado, no Ginásio da Escola Francisco de Arruda.

A comissão organizadora agradece por nosso intermédio, todos os inscritos a melhor atenção e compreensão para o serviço de trânsito que montou nos parques de estacionamento da referida escola, só utilizáveis até ás 9 e 45 e depois das 11 horas.

SOS

PORTUGAL PRECISA DE MAIS PESSOAS QUE FALEM LÍNGUAS!
VENHA CÁ APRENDER A FALAR INGLÊS, FRANCÊS, ALEMÃO, SUECO ou PORTUGUÊS

CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS

PRAÇA LUIS DE CAMÕES, 36 — LISBOA-CHIADO — Tel 3 49 88

nunca
se
conservaram
alimentos
tão
frescos!
No momento em que se olha para o seu aspecto exterior tão elegante e moderno logo se vê que não se trata de frigoríficos vulgares! Mas a verdadeira revolução encontra-se dentro deles: o ESPAÇO TOTAL o espaço interior integralmente aproveitado e a suprema inovação o FRIO HÚMIDO.
Para os alimentos se conservarem frescos durante muito tempo, eles precisam, não só do frio, mas também do grau correcto de humidade. Isto sòmente pode ser obtido nos frigoríficos IGNIS UMICLIMAT, que além disso, possuem amplo congelador a 25 graus negativos para conservar alimentos congelados.
Modelos UMICLIMAT de 230 e 280 litros.
Além disso, a vasta gama de frigoríficos IGNIS «PROJECTO SIRIO» desde o modelo econômico de 140 litros está à vossa disposição no vosso habitual fornecedor de electrodomésticos.
IGNIS
umiclimat
OS FRIGORÍFICOS
DA SEGUNDA GERAÇÃO
REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
sociedade de representações, SIDA-SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44-46 LISBOA

NORTE
Estabelecimentos SIDANORTE, LDA.
Rua Formosa, 445-447, 1.º - Porto

COIMBRA
SODIGAL - Soc. Dist. de Aparelhos a Gás, Lda.
Av. Fernão de Magalhães, 29

ALENTEJO
SODAL - Soc Alentejana de Equipamentos Comerciais e Domésticos, Lda.
Rua Serpa Pinto, 35 - Évora

ALGARVE
Agência Comercial de Faro, Lda.
Rua de St.º António, 33-41 - Faro

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 30 de Maio de 1938 publicava:

«VIENA, 30 — Os meios oficiais recusam-se, até agora, a dar qualquer indicação sobre o destino do ex-chanceler Schuschnigg. Desde manhã estaciona em frente de sua casa no Belvedere um carro de mudanças para levar os móveis. Presume-se que por analogia com Von Uskubl, ex-secretário de Estado, que teria sido transferido para Kashel, Schuschnigg tenha sido transportado para uma cidade do Reich, onde desfrutará de relativa liberdade. De origem bem informada declara-se — contràriamente a certos boatos — que o ex-chanceler não foi transferido para o campo de concentração de Dachau nem para Leipzig.»

CURIOSIDADES

● Gás natural

O volume de gás natural consumido na Holanda totalizou no ano findo mais de sete biliões de metros cúbicos, contra três biliões e meio em 1966.

Desse total, pouco menos de seis biliões foram consumidos naquele país; e a mais de um bilião de metros cúbicos ascendeu a quantidade exportada.

● Uma exposição de jornais

Teve grande êxito a exposição, na Casa da Alemanha de Leste, em Düsseldorf, de jornais da Alemanha Oriental, editados entre 1742 e 1945. Nada menos de 171 localidades e comunidades do leste da Alemanha estavam representadas pelos seus jornais, incluindo 80 procedentes da Silésia, 50 da Prússia Oriental, 30 da Pomerânia, 9 da área fronteiriça de Posen e Prússia Ocidental e 3 do território da Cidade Livre de Dantzig.

Essa valiosa exposição de documentos históricos contemporâneos teve por base a valiosa documentação do Museu Internacional de Imprensa, da cidade de Aachen.

ANEDOTAS

Na aula de Química:

— Diz-me, Zeca, se eu deitar uma moeda de prata neste ácido, ela dissolver-se-á?

— Não, senhor.

— Não? Então porquê?

— Ora! Porque se ela se dissolvesse o senhor não a deitava lá.

A professora tinha explicado á classe tudo a respeito dos canibais e dos missionários.

— Diz-me tu, João, que achas que os missionários deviam ensinar em primeiro lugar aos canibais?

— Olhe, minha senhora — respondeu o garoto —, acho que deviam ensinar-lhes a serem vegetarianos!

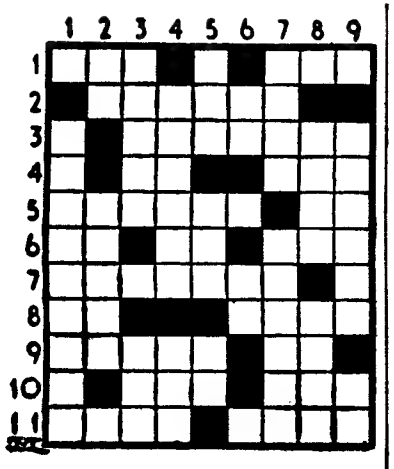
— Aquele Silvino está cada vez mais avarento — dizia um amigo para outro.

— Porque dizes isso?

— Imagina tu que ele agora até olha por cima dos óculos com receio de lhes gastar as lentes!

— Poderíamos economizar tempo, se vocês fossem procurando estes numeros, enquanto eu espero.

PALAVRAS CRUZADAS



(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4834

HORIZONTAIS: 1 — Rio da Russia. Tranquilidade. 2 — Sovet. 3 — O que se ocupa do espírito humano. 4 — Símbolo químico do césio. Grande porção 5 — Ainda que. A mim. 6 — Rio ao distrito de Aveiro. Gemido. Infelicidade. 7 — Disparava. 8 — Licenciado. Espécie de antílope. 9 — Rompe. Pronome pessoal. 10 — Rezo. Eia! 11 — Fruto da romãzeira. Argolas.

VERTICAIS: 1 — Emoldurar. 2 — Artigo (pl.). Prefixo que designa «além de», «excessivamente», «extremamente». 3 — De maneira nenhuma Ruído. 4 — Resmungar. Grande. 5 — A favor. Claridade. Preposição e artigo. 6 — Artigo antigo. Caminhe. 7 — Mais mau. Sustentar. 8 — Cola. Tunante. 9 — Concha aud'tiva. Carta de jogar.

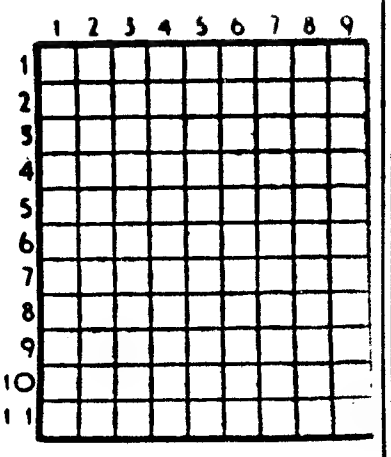
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4833

HORIZONTAIS: 1 — Divisava. 2 — Demolir. 3 — IV. Lar. De 4 — Manon. Cai. 5 — Riu. Dá. 6 — Só. Oásis. 7 — Gó. Ou. Amo. 8 — Ove. Sul. A. 9 — SIMPATIA. 10 — Tapar. Tem. 11 — É. Aradora.

VERTICAIS: 1 — Vim. Goste. 2 — Varsóvia. 3 — Id. Nio. Empa. 4 — Velou. O. Par. 5 — fMAN. Ousara. 6 — Sor. DA. Ut. 7 — Al. Casalito. 8 — VIDA. Im. Aer. 9 — Arel. Soa. Má.

(Provérbio: A SIMPATIA É O fMAN DA VIDA).



(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8678

HORIZONTAIS: 1 — Estimar Vazias. 2 — Carimba. Pedaço de pão embebido num líquido. 3 — Acrescentei. Senhor em inglês. 4 — Troça. Piedosa Basta. 5 — Anual. Justapor. 6 — Prefixo que designa afastamento. Reis. 7 — Espécie de andorinha. 8 — Vivera. 9 — Segundo. Mulato dominicano que provocou em 1790 a insurreição de que resultou a abolição da escravatura na ilha de São Domingos. Érbio (s. q.). 10 — Agora. Genro de Maomé. 11 Creme Nome de fruto (pl).

VERTICAIS: 1 — Guarnecera de asas. Célebre poeta e musico grego que segundo a lenda foi salvo da morte por golfinhos encantados ao som da sua lira. 2 — Cidade da Arábia, Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais. 3 — Naquele lugar. Faldas. Abreviatura de átomo. 4 — Batráquio. Plural. Árvore venenosa do arquipélago da Malásia. 5 — Pronome pessoal. Género de gramíneas. 6 — Artigo definido. Em partes iguais. Medida de superfície. 7 — Uma das Espórades. Focinho. Futil (inv.º). 8 — Silvos. Armadilha. 9 — Curar. Cidade de França.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8677

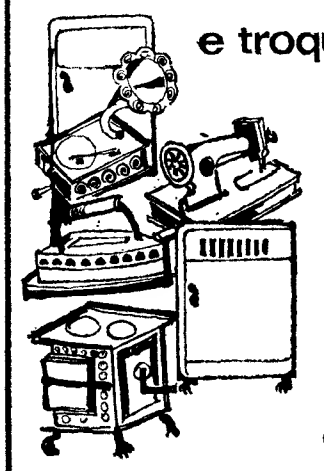
HORIZONTAIS: 1 — Calm. Asas. 2 — Malta. 3 — Sa. Cão. Rn. 4 — Tré Pág. 5 — Emir Sair. 6 — Lesa. Erva. 7 — As. Sam. Ar. 8 — Curem. 9 — Ruminar. 10 — Fial. Tear. 11 — Am. Rue. Só.

VERTICAIS: 1 — Castelão. Fa. 2 — Armes. Rim. 3 — Im. Eis. Cua. 4 — Mac. Resumir. 5 — Lar. Ari. 6 — Ato. Semente. 7 — Sa. Par. Mãe. 8 — Rolva Ras. 9 — Sangrara. Ró.

Mais uma campanha Dardo com o seu espectacular

PLANO DE TROCAS VALE TUDO!

traga o que tiver e troque pelo que quiser!



Qualquer aparelho velho, antiquado ou inútil vale como parte do pagamento! Um avaliador estará nas lojas DARDO durante o dia inteiro, à sua disposição!

Traga qualquer velharia e leve um aparelho novo em folha!

Importante!

compre a prestações... e receba à pronto a sensacional OFERTA de um seguro de vida!

Dardo

Traga o fogão velho dos avós! Máquinas de costura que não costuram! Rádios mudos! Frigoríficos que não refrigeram! Ferros eléctricos aposentados!

ONDE V. COMPRA TRANQUILIDADE

AV. DA LIBERDADE, 131 • R. S. BENTO, 53-57

AV. ALM. REIS, 124 • P. DE LONDRES, 7 • R. 1º DE MAIO, 146 (S. amaro)

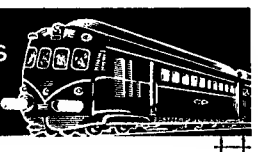
IMPRESSOR E AUXILIARES DE OFFSET

PRECISAM-SE

EMPRESA A 40 KM DE LISBOA

RESPOSTA AO N.º 334

A CP DESEJA-VOS UMA BOA VIAGEM



EXCURSÃO AO LITORAL DO ALGARVE

NOS DIAS 8 A 10 DE JUNHO

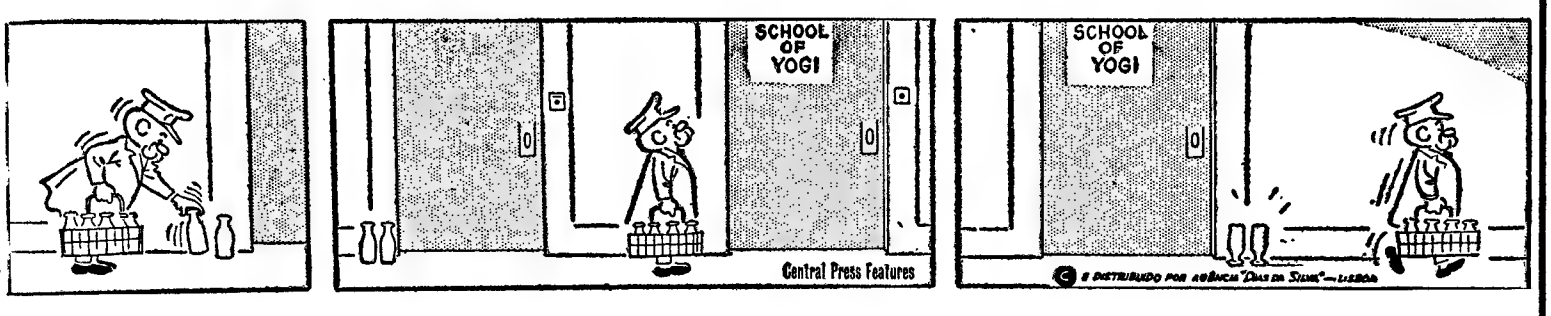
LISBOA A ALBUFEIRA, ARMAÇÃO DE PÊRA, SILVES, CARVOEIRO, ALGAR SECO, PRAIA DOS TRÊS IRMÃOS (ALVOR), LAGOS, PONTA DA PIEDADE, SAGRES, CABO DE S. VICENTE e volta

Preço em 1.ª classe ..... 875$00

(Compreendendo transporte de barco e de comboio, circuito turístico rodoviário, alojamento e refeições em hotel moderno, cómodo e luxuoso na Praia da Rocha).

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (SANTA APOLÓNIA) E LISBOA (ROSSIO), NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS, NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES (RUA DO ARSENAL, 124) E NOS DESPACHOS CENTRAIS DO CAMINHO DE FERRO, EM LISBOA

AVENTURAS DO TIO CARLOS



Peça
à
TAP
este
cartão

...o único cartão oficial
criado pelo governo dos E.U.A.
para descontos na América...

A TAP oferece-lhe agora um cartão que vale milhares de escudos. Com este documento V. terá descontos até 50%... em viagens aéreas, em hotéis e restaurantes, nos caminhos de ferro, nas carreiras de camionetas, no aluguer de automóveis, lojas, entradas de espectáculos, excursões, etc....
No conjunto , isso poderá representar muitos milhares de escudos de economia.

Visite os Estados Unidos
com a
TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Ao comprar o seu bilhete, peça ao seu Agente de Viagens o "Cartão de Hospitalidade para os Estados Unidos"

fadiga
escolar

OS PROGRAMAS DE ESTUDO TORNARAM-SE DEMASIADO PESADOS?

BIO-STRATH

«PRODUTO BIOLÓGICO SUIÇO»

Aumenta as possibilidades de sucesso escolar.

Restitui ao organismo as energias necessárias para o desenvolvimento físico e intelectual.

Revigora as células e equilibra o sistema nervoso.

Produto Dietético preparado por STRATH LABOR-ZURICH

Distribuidores:

CREFAR—R. da Madalena, 171-2.º

À VENDA NAS FARMÁCIAS

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

VENDA DE UM LOTE DE TERRENO NO BAIRRO DO ROSÁRIO, EM CASCAIS, DESTINADO À CONSTRUÇÃO DE UM PRÉDIO COM 12 PISOS

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 15 de Junho próximo, procederá á venda, em hasta pública, de um lote de terreno com a área de 300 m2, destinado á construção de um prédio com 12 pisos, situado no gaveto formado pelas Avenidas Gaspar Corte Real e Gonçalo Velho Cabral, no Bairro do Rosário, em Cascais, pelo preço base de licitação de 6.400.000$00.

As condições de venda encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal dentro das horas de expediente.

Cascais, 24 de Maio de 1968.

O Presidente da Câmara,
ANTÓNIO AZEVEDO COUTINHO

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

VENDA DE TERRENOS EM CASCAIS PARA CONSTRUÇÃO

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 15 do próximo mês de Junho, ás 15 horas, na Sala das Sessões dos Paços do Concelho procederá á venda, em hasta publica, de 4 lotes de terreno no Bairro das Fontainhas, em Cascais, para prédios de rendimento, com as áreas entre 299.85 m2 e 386,70 m2, pelo preço base de licitação entre 900$00 e 1.300$00 cada metro quadrado, para prédios com 4 pisos, de 3 lotes no lugar da Amoreira, Monte Estoril, com as áreas entre 204 m2 e 265 m2, para prédios com 4 pisos, pelo preço base de licitação de 1.500$00 e 1.600$00 cada metro quadrado, e de 3 lotes de terreno, destinados á construção de moradias, 1 situado no lugar do Cobre, com a área de 360 m2, pelo preço base de licitação de 300$00 cada metro quadrado e de 2 lotes situados em Alvide, com as áreas de 190 m2 e 245 m2, pelo preço base de licitação de 600$00 cada metro quadrado.

Os ante-projectos, plantas dos lotes e condições de arrematação, encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal, dentro das horas de expediente.

Cascais, 24 de Maio de 1968.

O Presidente da Câmara,
ANTÓNIO AZEVEDO COUTINHO

OS TELEFONES DE SETÚBAL SÃO PROBLEMA

SETÚBAL, 30 — Com o objectivo de melhor servir o público, foi inaugurado, em Junho do ano passado, o serviço de ligação directa dos telefones desta cidade para Lisboa. Esta medida facilita e abrevia muito as comunicações. Acontece, porém, que quem não possua telefone próprio, e tenha de telefonar para Lisboa durante as horas de encerramento da estação dos C. T. T., recorrendo aos telefones dos cafés, cervejarias, etc., não pode fazê-lo, devido á sistemática recusa dos seus proprietários, pois estes não podem saber o número de periodos das conversações e exigir dos usuários as importâncias correspondentes.

O caso, que provoca, como é evidente, vários transtornos, uma vez que são muitas as pessoas que não têm telefone, fica á apreciação da administração dos C. T. T.

DIÁRIO DE EVA

COISAS DE MULHERES...

A PROPÓSITO DO DIA DAS MÃES...

Marta era parcialmente mal casada. Parcialmente porque ela própria se habituara ao feitio difícil e autoritário do marido que era pai estremoso para três filhos robustos, sádios. Mas o quarto filho era frágil, assustadiço e incompreendido pelo pai. O seu vozeirão assustava-o, fazia-o gaguejar o que o irritava. Tecia-se um círculo vicioso entre ambos, que a mãe não conseguia desfazer

Entendia o pai que era o mimo materno que tornava fraco o rapazinho, quando era, pelo contrário, a fragilidade dele que tornava o mimo necessário. Resolveu a situação mandando o pequeno para casa de parente lavrador com instruções de o enrijar com saudáveis trabalhos...

A aflição da mãe pode imaginar-se... No seu desespero quis saber se haveria algum meio legítimo de se opor a tal determinação. Não havia. É ao pai que compete «orientar a instrução e educação do filho» (Cod. Civil

Por ELINA GUIMARÃES

Português, art.º n.º 1881). À mãe cabe apenas ser «ouvida» (art.º 1882), mas «não escutada», pois a sua opinião não tem o menor valor legal. A situação seria diferente se ela deixasse o marido... Mas Marta gostava dele. E havia outros filhos a considerar... Em casa dos parentes, que não eram maus mas sim rudes o pobre pequeno estranhando a comida, o meio, a falta da casa não tardou a adoecer com um resfriamento. Para o enrijar não fizeram caso. Mas dias depois levaram-no para o hospital, onde morreu...

*

Ludovica encontrava lenitivo para a sua infelicidade conjugal na educação da filha que revelava nítida vocação musical. Isto era contra os princípios da família paterna, partidária da educação á base de prendas domésticas. O pai decidiu internar a filha num colégio, sito na outra ponta do país, dirigido por uma irmã dele onde a instrução era reduzida ás proporções elementares.

Também esta mãe procurou remediar a situação e também esta ouviu citar os mesmos artigos da lei... Privada da companhia da filha, resolveu abandonar o marido e cedo encontrou um consolador.

Com certa suspresa soube que agora podia apresentar as suas razões ao tribunal de menores e que o pai já não era omnipotente...

*

Valéria opunha-se ao casamento da filha com um amigo e companheiro do marido. De mais sabia ela, por amarga experiência, o que a esperava, dissipadas as róseas nuvens do noivado... Para esta havia remédio. A mãe tem, com efeito, a faculdade de deduzir oposição ao casamento dos filhos menores. É mesmo o unico direito que cabe á mãe casada. Mas... o pai emancipou a filha o que podia fazer legalmente e sem intervenção da mãe embora pondo termo aos direitos dela. E Valéria viu a filha correr para a infelicide, sem nada poder fazer...

*

Em face disto o que se pode dizer? Talvez transcrever as recomendações da O. N. U. sobre este ponto: «Dado que a educação e bem-estar dos filhos são de interesse não só para os pais mas para a sociedade inteira, parece necessário rejeitar toda e qualquer discrmiinação entre pai e mãe O pai e a mãe devem ter direitos e obrigações iguais para com os filhos menores, direitos e deveres que devem exercer conjuntamente para bem dos filhos. Não são admissíveis restrições aos deveres ou direitos de um dos pais para com os filhos ou decisões unilaterais impostas por um deles. O acordo comum dos pais é indispensável em todas as questões relativas aos filhos.»

HORÓSCOPO DA MODA

Há quem julgue que os impermeáveis devem ser pouco vistosos, mas essa ideia é absurda: aqui vemos dois novos modelos, de algodão estampado de cores vivas e desenhos originais

LOPES, BATISTA & NAFZ LDA.

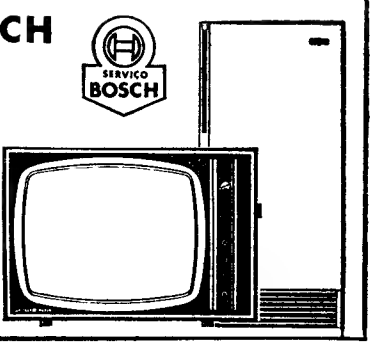
Electrodomésticos BOSCH
e PONTO AZUL

SERVIÇO BOSCH

JOMA Blaupunkt

Venda e Assistência Tecnica

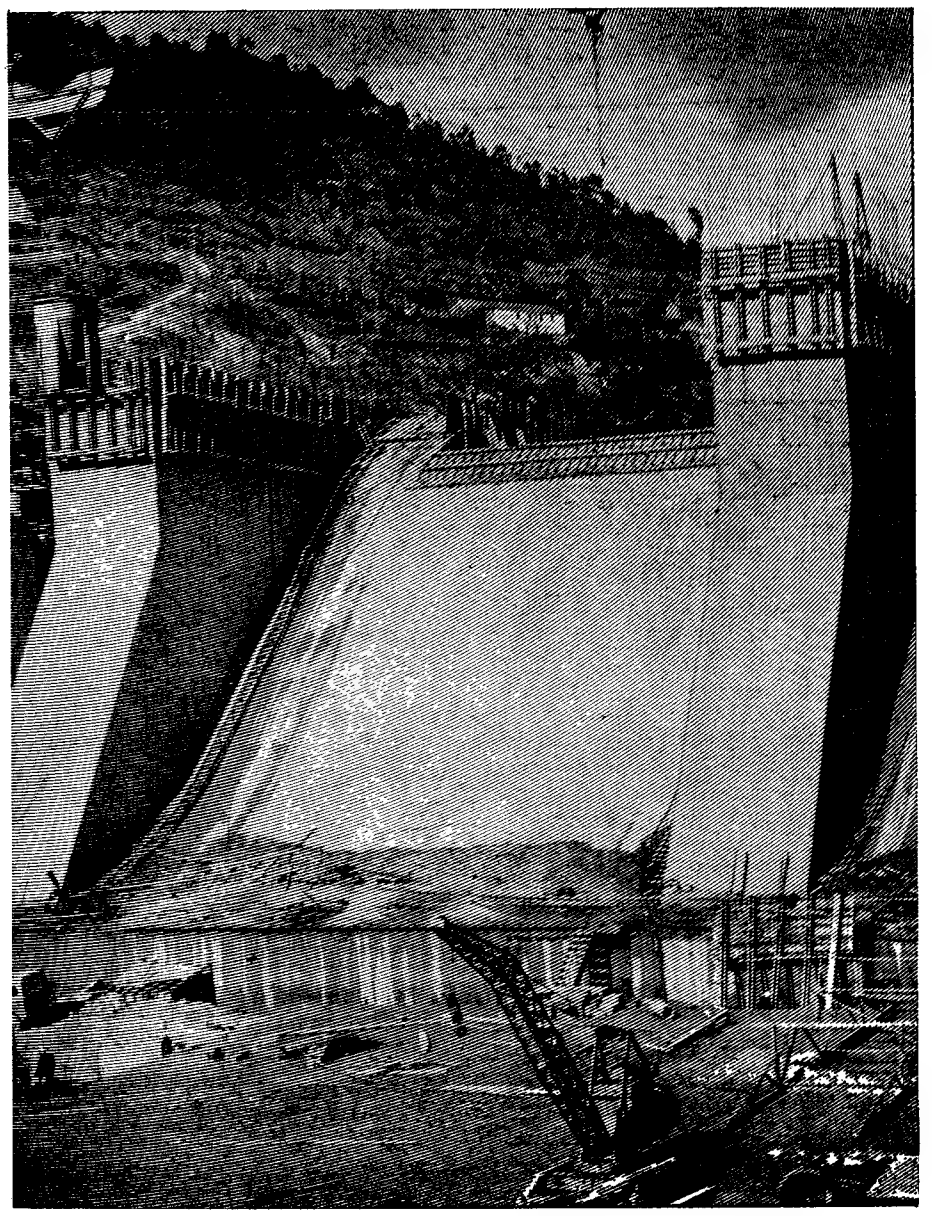
Rua Luis de Camões 5-A (a Santo Amaro)
Tel·633061/2·633031



O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

HIDRO ELÉCTRICA DO DOURO

S. A. R. L.



CAPITAL E RESERVAS: 2 480 602 CONTOS

APROVEITAMENTOS EM EXPLORAÇÃO:
MIRANDA - PICOTE - BEMPOSTA - TABUAÇO

APROVEITAMENTOS EM CONSTRUÇÃO:
CARRAPATELO - RÉGUA

Emissão de 75 000 Obrigações 6% — 1968

AUTORIZADA POR PORTARIA DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS PUBLICADA NO DIARIO DO GOVERNO N.º 104, III SÉRIE, DE 1 DE MAIO DE 1968

CARACTERÍSTICAS DAS OBRIGAÇÕES

Valor nominal	Esc. 1000$00
Preço da emissão	Esc. 1000$00, pago integralmente no acto da subscrição
Impostos	Isenção do imposto complementar e redução de 50% do imposto de capitais
Rendimento líquido	5,43%
Vencimento dos juros	1 de Janeiro e 1 de Julho de cada ano. O primeiro pagamento de juros terá lugar em 1 de Janeiro de 1969 pelo período que decorrer desde 9/6/68 a 31/12/68
Amortização	ao par, por sorteios semestrais em 1 de Janeiro e 1 de Julho de cada ano
Vida média	cerca de 10 anos
Primeira amortização	1 de Janeiro de 1972
Última amortização	1 de Julho de 1983

A SUBSCRIÇÃO, SUJEITA A RATEIO, ESTÁ ABERTA DE 3 A 8 DE JUNHO NOS SEGUINTES ESTABELECIMENTOS DE CRÉDITO QUE TOMARAM FIRME A EMISSÃO:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA ● BANCO DE FOMENTO NACIONAL ● BANCO DA AGRICULTURA ● BANCO BORGES & IRMÃO BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA ● BANCO FONSECAS & BURNAY ● BANCO LISBOA & AÇORES ● BANCO NACIONAL ULTRAMARINO BANCO PINTO & SOTTO MAYOR ● BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO ● BANCO TOTTA - ALIANÇA ● COMPANHIA GERAL DO CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS ● CRÉDIT FRANCO - PORTUGAIS ● MONTEPIO GERAL

Porto, 27 de Maio de 1968

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

O ESPORTO

MÁRIO ZAMBUJAL, AO TELEFONE, DE LONDRES:

O MANCHESTER UNITED BOM CAMPEÃO DA EUROPA

• Benfica: da glória de atemorizar Wembley à bancarrota defensiva em sete minutos do prolongamento

LONDRES, 30 (Do nosso enviado especial) — Cada jogo de futebol têm dois campos de análise: um, em que se pesam os contendores e se colocam em paralelo as suas actuações ao longo da partida. Extraímos daí a ideia de justiça ou injustiça do desfecho. Outro, em que se entra no terreno resvaladiço de que tudo poderia ter acontecido se... ou no rememorar dos lances imolados, que se perderam no jogo.

Parece-nos ser o mais certo, senão o único válido, o primeiro caminho. Daí que não hesitemos em considerar justa a vitória do Manchester United na final da «Taça dos dos Clubes Campeões Europeus», vitória essa sobre um Benfica que soube ser digno do seu prestígio e do seu passado.

Porque o grupo de Matt Busby, no tal «balanço do jogo», e mesmo sem considerar o período suplementar que daria ao resultado expressão inesperada e injusta, suplantou, na maior parte do tempo, o campeão português, cumprindo mais equilibradamente as suas tarefas de jogo: defender e atacar.

Poder-se-á dizer, com razão: «quando o Benfica esteve a um passo de carregar com a «Taça» para Lisboa». É verdade. À beira da hora e meia, com o resultado em um-um, Eusébio disparara um remate tremendo. Faltou-lhe um poucochinho de sorte, para a bola ser suficientemente desviada das mãos de Stephney, para evitar a defesa do extremo guardião do Manchester. Seria a vitória. Mas não se pode (numa análise serena) rememorar esse lance, ou aquele outro remate de Eusébio, que levou a bola á barra, logo ao começo do jogo, esquecendo o labor atacante e todas as oportunidades de golo despendidas pelo Manchester United.

O GRANDE ESPECTÁCULO DOS CEM MIL

Podia ter sido — mas não foi — uma pobre final sem interesse, sem emoção, sem conteúdo futebolístico, que mesmo assim estaria salvo o espectáculo. Porque, para além das vedetas, havia cem mil figurantes chamados *público*, em que predominavam os adeptos do Manchester, com as suas vestes exóticas e garridas, destacando-se no ruído, nas palmas, no entusiasmo louco daquele cenário inesquecível.

Quando se abriram as portas do Estádio, já essa multidão se alongava em torno do famoso parque, plenamente confiante na vitória do seu emblema. Depois, foi impressionante. O mais gigantesco fremir de entusiasmo em torno de uma final da «Taça dos Clubes Campeões Europeus», até hoje registado em treze anos de prova.

PELO FACTO DE SE JOGAR EM WEMBLEY?

Para responder a esta pergunta, teríamos que saber se, actuando as duas equipas num estádio neutral, com a «forma» e disposição com que ontem actuaram, o resultado teria sido outro. Estaríamos, então, no tal campo dos ses, que leva por muios caminhos sem chegar a nenhuma solução. É evidente que Wembley terá feito sentir todo o seu peso, mais no que respeita ao empolgamento, ao permanente «gás» que propulsionou a equipa do Manchester, do que diminuiu o Benfica em relação á sua própria capacidade. Nesse aspecto, o campeão português deu, até, mais uma prova da sua extraordinária «endurance», actuando com uma calma e uma desenvoltura (digamos mesmo: com uma insensibilidade) só possível ás grandes equipas.

Jogo no Estádio de Wembley, em Londres.
Árbitro: Concetto Lo Bello (Itália).
Constituição das equipas:

MANCHESTER UNITED — Stepney; Breenan, Dunne, Crerand e Foulkes; Stiles e Best, Kidd, Bobby Charlton, Sadler e Aston.
BENFICA — José Henrique; Adolfo, Humberto, Jacinto e Cruz, Jaime Graça e Coluna; José Augusto, Torres, Eusébio e Simões.

GOLOS:
Charlton *aos 8 minutos, 1-0.*
Jaime Graça *aos 79 minutos, 1-1.*

No prolongamento

Aos 2 minutos BEST, 2-1.
Aos 4 minutos KIDD, 3-1.
Aos 8 minutos CHARLTON, 4-1.

PARA «ADORMECER» O ADVERSÁRIO «ADORMECEU» TAMBÉM O PRÓPRIO BENFICA?

Depois das «escaramuças» que marcaram o período inicial de Wembley, o Benfica (como equipa experiente) tentou, aos poucos, dar uma volta ao jogo.

Aconteceu, porém, o já citado remate de Eusébio á barra, num lance todo espontaneidade, em que o Benfica partiu para o contra-ataque em busca de expressão válida para a sua ofensiva. Com um Coluna soberano, bem escoltado por Graça e José Augusto, os portugueses passaram a dominar as operações, com um futebol claro, sereno, de trocas de bola, com uma harmonia e um nível de execução tradutores de verdadeira classe. Mas tudo isso não podia ser mais do que o prólogo do golpe de ataque exacto e preciso.

Faltou vivacidade e convicção ofensiva. O grupo português, na tentativa de «arrefecer» o jogo, através da constante posse da bola, parece que também «arrefeceu» a sua própria estrutura, o seu desígnio. Ou, por outra: para «adormecer» o Manchester, destruindo os impulsos de combate, o Benfica parece que também se «adormeceu» a si próprio, ou, melhor: desde logo condenando ao insucesso quaisquer ideias de penetração na área inglesa. Isto porque o Manchester, praticando o chamado futebol moderno, em que todos colaboram na defesa ou no ataque, consoante as flutuações do jogo, teve força e velocidade de sobra para fechar um «anel de ferro» em torno da lenta progressão dos dianteiros benfiquistas.

Neste aspecto, o ataque do Manchester United teve muito mais discernimento, esteve muito mais disposto a cumprir (sem pausas) as tais ideias fundamentais do jogo: que são defender e atacar. Poder-se-á dizer que a retenção da bola era o sistema que poderia convir ao Benfica, se Eusébio estivesse mais feliz do que livre. E o sistema seria, agora, considerado inteligente e decisivo para esse possível êxito.

Vamos por partes: o mal não esteve no sistema, mas, fundamentalmente, na ausência de um complemento (a ligeireza do ataque) que, certamente, estaria, também, nos planos do Benfica. Lances prejudicados pela «forma» de Simões e pelas dificuldades vividas por todos os colegas da dianteira.

Assim mesmo, aquilo que aconteceu quando a equipa foi agrilhoada pelo primeiro golo do Manchester: actuando em velocidade, os portugueses fizeram agitar (finalmente) o último reduto britânico. Em breve espaço de tempo marcaram um golo e estiveram á beira de um sensacional golpe de teatro.

José Augusto é batido pelas mãos do guarda-redes do Manchester United. Foulkes é assistente: passivo ante a fraca incidência do ataque benfiquista

TODO O MELHOR NA SEGUNDA PARTE

Foi, aliás, no segundo tempo que a partida atingiu o topo da emoção, do ponto de vista espectacular. Dois jogadores, na primeira metade, haviam sido vítimas de condenáveis violências, que ameaçaram estragar o jogo. Esses jogadores foram Eusébio e Best, rudemente tratados por Stiles (o primeiro), por vários defensores do Benfica (o segundo). Diga-se, até, que, dos dois, foi Best o mais frequentemente atingido, o que não deixava de estar de harmonia com o jogo, dado o perigo que ele representava para a baliza adversária.

No segundo tempo, fora registar-se, aqui e além, uma carga rude, praticou-se futebol mais puro. Primeiro, um autêntico vendaval acompanhou o ataque do Manchester, que fez nascer o seu golo. Então o Benfica achou-se na necessidade de se lançar na tentativa de recuperação, adiantando ora José Augusto, ora Jaime Graça. Com mais velocidade. Mas, também, aconteceu que, afrouxando os ingleses no meio-campo, os benfiquistas puderam orientar-se numa movimentação acima e abaixo, tal como o adversário continuava a fazer. Porém, viram-se trespassados pelo contra-ataque veloz, antes que Jaime Graça deitasse aquele balde de água fria sobre a ebulição de Wembley.

Faltavam onze minutos para tudo acabar, ou para decidir a necessidade da meia hora de prolongamento. Onze minutos em que o Benfica passou a dominar as operações, e o Manchester, surpreendido e embaraçado, esteve na eminência de ver destruídos todos os seus sonhos. Não seria justo, mas esteve por um fio.

O IMPOSSÍVEL ACONTECEU: NO PROLONGAMENTO

Em hora e meia de batalha intensa, o Manchester não conseguira mais do que um golo. Depois, logo aos dois minutos da primeira parte do prolongamento, derruiu-se a muralha que, antes, se opusera a esse dique. Em sete minutos: três golos. Estava feito, num repente, aquilo que nem o mais optimista dos jogadores ou adeptos do Manchester United, poderia já esperar. Que aconteceu? Duas coisas simples, nessa coisa desconcertante e complicada que é o futebol. A defesa do Benfica, que á base de energia e pundonor lá vinha cumprindo o seu papel, cedeu — em brevíssima paragem — todo o impulso, todo o ritmo de entreajuda. Ficou desorientada. Ao mesmo tempo, o ataque inglês, que ao longo de hora e meia construira e perdera situações de golo em série, foi brilhante no aproveitamento das oportunidades oferecidas. E, assim, se atingiu um resultado cruel para o Benfica, que chegara a fazer estremecer Wembley com o seu golo. Um resultado para além de todas as previsões.

Coluna (até ser vítima de um choque que o impossibilitou para o resto da partida) foi o «maestro» do rendimento dos seus companheiros. Outros elementos benfiquistas em bom plano: José Henrique (com duas ou três intervenções de grande categoria e sem que se possam, decididamente, assacar culpas nos golos que sofreu), Cruz (com a nota negativa de algumas entradas violentas sobre Best), José Augusto e Eusébio (este na segunda parte).

O Manchester United bateu-se insuperàvelmente por um «placard» favorável: por um título há tanto tempo ambicionado e pretendido. Excelente o guarda-redes Stepney, o médio Crerand (autêntico «motor» da equipa), Bobby Charlton, o extraordinário George Best e Aston, um extremo-esquerdo veloz e de técnica perfeita.

O árbitro italiano Lo Bello confirmou a sua categoria, se bem que demasiado «indiferente» ao clima de violência que se chegou a esboçar.

«Nobby» Stiles promete ao árbito italiano Lo Bello que não «torna a fazer «aquilo». «Aquilo» de que, provàvelmente, Eusébio se queixou ao juiz de Wembley

DESPORTO

Nas cabinas de Wembley

• OTTO lamentou as lesões de ADOLFO, COLUNA e TORRES

• BUSBY: agora vamos tentar a «Intercontinental»

WEMBLEY (Inglaterra), 30 — (A. N. I.) — «Ganhou a melhor equipa. O Manchester United foi um grande adversário e aproveitou bem a vantagem de jogar apoiado pelo seu público» — declarou o treinador do Benfica, Otto Glória, ao comentar o encontro em que o seu clube, na «final» da Taça dos Campeões Europeus, fora vencido por 1-1. Ao fim dos noventa minutos do de ter chegado com um empate, 1-1, ol fim dos noventa minutos do tempo regulamentar.

«Só lamento que três jogadores do Benfica — acrescentou Otto Glória — não pudessem dar o rendimento habitual: Adolfo, Coluna e Torres, que sofreram lesões na fase inicial do jogo e daí em diante foram obrigados a actuar muito aquém das suas possibilidades.»

Eusébio, que é o jogador com mais golos marcados nesta décima terceira «Taça dos Campeões», e que em todos os encontros anteriores conseguiu golos, mostrava-se desanimado e triste e por isso não fez declarações aos jornalistas.

O guardião José Henriques, porém, teve uma frase que resumiu os sentimentos dos seus colegas:

— O Manchester United tem uma boa equipa e a «Taça» ficou em boas mãos. Todos nós, jogadores do Benfica, desejamos agora êxito aos novos campeões europeus na «Taça Intercontinental».

«Vivi hoje os momentos mais felizes da minha vida desportiva. Não há na Inglaterra homem mais orgulhoso do que eu» — confessou o director técnico do United, Matt Busby, que acrescentou:

«Foi perfeitamente natural a tensão dos primeiros vinte minutos do jogo, já que estava em jogo a «Taça dos Campeões». Os meus jogadores, porém, assentaram depois e ultrapassaram-se no prolongamento. Por isso considero que mereceram amplamente a vitória.»

E logo, muito prático, foi afirmando: «E agora vamos tentar ganhar também a «Taça Intercontinental.»

Best, que marcou um dos quatro golos, prestou homenagem ao adversário: «Quanto a mim, o Benfica jogou muito bem. Mas nós merecemos ganhar, porque conseguimos ir além do que julgávamos possível.»

Perguntaram-lhe o que sentira com o golo marcado: «Nem tive tempo para pensar. Tentei e consegui. E, ao ver a bola no fundo da baliza, senti a maior alegria da minha breve carreira desportiva.»

Pelo seu lado, Bill Foulkes, que tem 36 anos e é um dos mais antigos jogadores do Manchester em actividade, fez uma revelação curiosa: «Nobby Stiles foi o homem desta vitória. Quando tudo parecia perdido continuou com as suas habituais graçolas, que nos animaram e daí termos ganho.»

COMO A IMPRENSA INGLESA «VIU» O MANCHESTER-BENFICA

LONDRES, 30 — (R.) — Cantando, loucos de contentamento, simpatizantes do Manchester United encheram ás primeiras horas de hoje Trafalga: Square, nesta capital, para festejarem a vitória por 4 a 1 da sua equipa na «Taça dos Campeões Europeus» sobre o Sport Lisboa e Benfica, o campeão de Portugal..

Ostentando as cores garridas da equipa, o vermelho e o branco, alguns simpatizantes do clube dançaram, em condições precárias, na fonte da praça.

E, em cenas recordando as que se registaram depois da vitória da Inglaterra, na «Taça Mundial», em 1966, «furiosos» do Manchester United empoleiraram-se á volta da base da coluna de Nelson, erigida para comemorar a vitória em Trafalgar do herói naval britânico.

E os jornais britânicos da manhã mostravam-se do mesmo modo jubilosos: «O campeão United vence o Benfica», «Os reis da Europa» e «As maravilhas de Matt», eis alguns dos cabeçalhos.

A Imprensa dá proeminência a uma citação do treinador do Manchester United, Matt Busby: «Este é o momento mais maravilhoso da minha vida Sabia que os rapazes o podiam conseguir. Contudo, ainda dificilmente posso acreditar».

O «Sun» resume o que a vitória — a primeira de um clube inglês — significava para Busby e para os simpatizantes do clube, que recordavam o desastre de aviação em Munich, há 10 anos, em que morreram oito jogadores do Manchester United.

O jornal diz: «O Manchester United fê-lo por Matt... e pelos seus rapazes, que pereceram tão trágicamente em Munich há 10 anos. Não havia muitos olhos secos a noite passada em Wembley, quando o Manchester United esmagou o Benfica durante o tempo suplementar para se apossar do mais cobiçado troféu dos clubes de futebol — a taça europeia».

Um jornalista desportivo britânico confessa que Eusébio, o grande rematador do Benfica, venceu «Nobby» Stiles no seu duelo pessoal, mas acusa Eusébio de fazer batota.

Brian Scovell escreve o «Daily Sketch»: «Não houve qualquer duvida de que Eusébio fez batota, porque no tempo suplementar se atirou para o solo, afirmando ter havido falta de Bobby Charlton.

«O árbitro apitou a falta, mas Charlton manifestou a sua discordância, levantando os braços com desagrado».

Desmond Hacket escreve, por seu turno, no «Daily Express»: «Foi uma noite de futebol fantástico, de grandes emoções e das maiores festas desde que a Inglaterra ganhou a Taça Mundial»

Ocorreu, também, um drama fora do campo: pouco antes do desafio começar a Polícia descobriu 2000 bilhetes falsos, valendo 10 000 libras (700 contos) no mercado negro.

HÓQUEI EM CAMPO

O Futebol Benfica classificou-se em 3.º lugar no Torneio de La Baule (França)

Está prevista para o fim da tarde de hoje, a chegada a Lisboa, da equipa de hóquei em campo do Futebol Benfica, que em La Baule (França) teve brilhante comportamento no Torneio Internacional que disputou naquela cidade.

A equipa portuguesa obteve o 3.º lugar da classificação geral, depois de na sua série, se situar em igualdade de pontos com o Bohenians, de Londres, com quem teve de desempatar pelo processo de «penalties». Mais felizes, venceram os ingleses, ao 9.º castigo transformado.

Capitão-Mor suspenso por quatro jogos

Na sua última reunião, o Conselho de Disciplina da F. P. F. aplicou as seguintes sanções: quatro jogos de suspensão a Manuel Francisco Capitão-Mor, do G. D. da Cuf; dois jogos a Adventino Gorgulho Pedro, do Portimonense e um jogo a Luís Pinto Ferreira, do Montijo.

TÉNIS DE MESA

Encerram-se amanhã, pelas 23 horas, na Associação de Ténis de Mesa de Lisboa, as inscrições para os Campeonatos de Lisboa (Pares individuais) nas categorias de seniores, juniores, infantis, senhoras, meninas e veteranos.

TOTOBOLA

TREZE JOGOS DA TAÇA «RIBEIRO DOS REIS» NO CONCURSO 39 DO PRÓXIMO DOMINGO

...PRIMEIRO CONCURSO DE JUNHO UM MÊS QUE SUGERE FÉRIAS.

UM «TREZE» NO TOTOBOLA PODE SIGNIFICAR FÉRIAS GRANDES E MELHORES...

ESTUDIANTES-MANCHESTER OU ARGENTINA-INGLATERRA?

BUENOS AIRES, 30. — (R.). — Os entusiastas argentinos da bola saudaram a noite passada com agrado o triunfo do Manchester United na Taça dos Campeões Europeus, considerando como uma oportunidade para se desforrarem da derrota inflingida pela Inglaterra á Argentina, em 1966, durante a Taça Mundial.

Poucos argentinos encaravam a próxima final da Taça Mundial de Clubes, entre o Manchester e os Estudiantes de La Plata, como um encontro entre dois clubes.

Na opinião da maioria trata-se de um Inglaterra-Argentina.

O avançado-centro dos Estudiantes, Marcos Conigliaro, resumiu a opinião geral ao declarar numa entrevista que concedeu á Televisão: «Esta será uma oportunidade de vingar o futebol argentino a seguir á vitória da Inglaterra em 1966».

A Inglaterra venceu a Argentina por 1 a 0 num tempestuoso desafio dos quartos de final, durante o qual o capitão da selecção argentina Kattin foi expulso do campo. O resultado provocou uma tempestade de críticas na Imprensa argentina, e alegou má actuação e «favoritismo» do árbitro.

A Inglaterra veio depois a ganhar o Campeonato do Mundo, derrotando a Alemanha Ocidental.

As relações azedas no campo futebolístico entre a Argentina e a Grã-Bretanha pioraram no ano passado, quando o Racing de Buenos Aires derrotou o Celtic de Glasgow, ganhando pela primeira vez para a Argentina a Taça Mundial entre clubes.

NACIONAL FEMININO DE VOLEIBOL

O jogo a contar para o campeonato nacional feminino de voleibol, entre o Sport Lisboa e Benfica e o Clube Desportivo da Póvoa, que deveria ter lugar no dia 2 de Junho, pelas 11 horas, no Ginásio do Liceu Gil Vicente, realiza-se no Pavilhão dos Desportos da Luz á mesma hora e na mesma data.

PORTUGAL-MÉXICO EM BASQUETEBOL

A selecção mexicana de basquetebol, actualmente em digressão pela Europa, como preparação para os próximos Jogos Olímpicos, estará em Portugal de 2 a 6 de Junho próximo, efectuando dois encontros com a selecção portuguesa, a 4 e 5 desse mês, respectivamente em Lisboa e Coimbra.

Os jogadores portugueses, convocados pelo seleccionador prof. João Coutinho, concentram-se no Centro de Estágio do I. N. E. F..

DESPORTO

A equipa do Marítimo do Funchal, crónico representante insular que eliminou o Leixões na Taça de Portugal

A representação insular no futebol metropolitano

por ENCARNAÇÃO VIEGAS

A presença no continente da equipa do Marítimo, que eliminou o Leixões, a equipa-sensação desta temporada, da Taça de Portugal, trouxe ao primeiro plano a velha aspiração madeirense em ter um representante no Campeonato Nacional da 1.ª Divisão.

Alegam, aliás muito justificadamente, os insulares que, salvaguardados os interesses materiais, a vacritos e legalizados os clubes da Madeira.

As realidades com que têm de encarar-se estes desejos, perfeitamente legítimos no aspecto sentimental, não nos isentam de reconhecer a existência de acentuados obstáculos de natureza material, ainda que entendamos ter até justificação geográfica, a representação madeirense, uma vez que se considera o arquipélago como parte integrante do Portugal metropolitano, ainda que como sector adjacente.

Parecem válidas portanto as pretensões dos funchalenses, desde que, claro está, sejam salvaguardados os interesses das equipas da Metrópole, que pelas imposições regulamentárias, teriam de visitar a Madeira, para disputar os jogos oficiais.

O que se nos afigura inaceitável é a necessidade de uma equipa insular ascender á 1.ª Divisão, através de uma vilegiatura no escalão secundário, onde aliás militam equipas com idênticos e justificados anseios em fazer parte do grupo dos eleitos, mas de mais reduzidas possibilidades económicas para fazer face ao aumento dos encargos, resultantes da participação na prova, de um grupo insular.

Terá que pensar-se, isso sim, e muito a sério, para encontrar-se uma solução capaz de permitir a inclusão do representante das Ilhas no Nacional da 1.ª Divisão, de molde a acabar de vez com um isolamento, inibitório do progresso, que todos desejamos. Mas uma solução que não provoque colisões, que não gere dissidências, aborrecimentos ou más vontades. Uma solução, ainda que a prazo largo, com prévio conhecimento geral, mas que, repetimos, coloque o representante insular num plano inicialmente igual aos congéneres de aquém-Atlântico, em relação ás competições internas

A nossa solução

Para a inclusão do representante insular no Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, damos também a nossa sugestão:

No final da época de 1969-70 baixariam á segunda divisão três equipas em vez de duas. Ascenderiam aos lugares vagos os vencedores das Zonas Norte e Sul da 2.ª Divisão e a equipa da Madeira, campeã da ilha. Depois... seria questão de se «aguentar» no despique com os restantes concorrentes. Porque se se classificasse numa posição que obrigasse á despromoção então é porque ainda se não justificava desportivamente a sua presença entre os grandes.

lia da equipa permitir-lhe-ia decerto manter-se no lote dos melhores do futebol português, justificando-se assim uma presença, que acreditamos desejada por ambos os lados, mas cuja possibilidade de concretização, pensamos, não mereceu ainda uma pormenorizada análise, de molde a poder integrar-se o representante das ilhas na prova máxima do futebol português. Tem-se vivido neste campo, numa acomodatícia situação de esperança em que um dia quiçá distante, possam solucionar-se os problemas que até agora têm obstado á comparência do Marítimo ou qualquer equipa insular nas provas federativas, de que faz parte a Associação de Futebol do Funchal, onde se encontram ins-

Os encargos de viagem

O custo de um bilhete de ida e volta, em avião, entre Lisboa e Funchal importa em 2399$90. Tomando por base a inclusão de 16 pessoas, na deslocação das equipas de futebol metropolitanas e o desconto de 10 % concedido pela TAP, a viagem ao Funchal custaria 34 558$60, quantia de certo modo onerosa para as possibilidades dos nossos clubes. Mas, pensamos que talvez a Federação, pudesse, através de um fundo de compensação, dar uma «ajudazinha»...

Grande Prémio do Automóvel Club de Portugal

Sábado e domingo próximos, na pista da Granja do Marquês, o Automóvel Club de Portugal volta a organizar o seu «Grande Prémio», que reune o escol dos automobilistas nacionais.

Concorrentes inscritos, segundo a lista oficial:

FÓRMULA V — A. Pita, José Batista dos Santos, R. Cavagnac, António Barros, Robert Giannone, João Vicente Vieira Azevedo, Pinheiro Santo Silva, Casteliano Junior, eng.º Vasco Pinto Basto, Luís Fernandes, Joaquim Filipe Nogueira e Manuel Nogueira Pinto.

Estes automobilistas concorrem á «Taça Comissão Municipal de Turismo de Sintra».

TURISMO — José Carlos Nunes da Fonseca, Fausto Lucas Martins, Policarpo de Brito, Maria do Céu, Donaldo Marques dos Santos, Alfredo César Torres, Luís Netto, eng.º Henrique Burnay Bastos, Manuel C. de Mello Champalimaud, José de Paiva e Sousa, Vítor Manuel Pedrosa, José Bernardino Lampreia, Francisco Manuel Romãozinho, Fernando Batista, Dino, Bernardo de Sá Nogueira, Zé Boxexas, Ernesto Luís César das Neves, Francisco Santos, J. P. Lavalle, Jorge Soares Mendes e Fernando Basílio dos Santos.

A prova intitula-se «Taça Camara Municipal de Sintra».

GRANDE TURISMO E DESPORTO, TURISMO (ESPECIAIS) E PROTÓTIPOS — A. Acácio Leite, Peter Raphael, José Bernardino Lampreia, Fernando Basílio dos Santos, João Andrade Villar, Américo da Silva Nunes, Ernesto Luís César das Neves, Luís Pedro Plantier Rasteiro, Francisco Santos, Luís Fernandes, R. Cavagnac, Capesi, Carlos Santos, João Carlos Ferreira de Moura, Mário de Araujo Cabral e Carlos Gaspar.

Taça «Vasco de Brito»

Em homenagem á memória de Vasco de Brito (Ermida), o Automóvel Clube de Portugal instituiu uma taça com o seu nome, para ser atribuida ao concorrente que, no conjunto das três provas incluidas no programa, fizer a volta mais rápida.

CICLISMO

NACIONAL DE SENIORES (POR CLUBES)

No próximo domingo, dia 2 de Junho, realiza-se o Campeonato Nacional de Clubes (para seniores) na região da Associação de Ciclismo de Aveiro, com o seguinte percurso: Sangalhos, Mala Posta (bico), Águeda, Albergaria-Velha e Albergaria-Nova (até ao km 40) regressando os ciclistas pelo mesmo percurso.

Partida ás 9 horas, com intervalos de 15 minutos entre cada equipa.

Prémios da prova «Abril em Portugal»

Aproveitando o festival de variedades que se realiza no próximo sábado, 1 de Junho, em Montemor-o-Novo, aquando da 1.ª etapa da prova Lisboa-Montemor-Lisboa, a Federação fará entrega dos prémios da competição denominada «Abril em Portugal».

PORTUGAL-ESPANHA EM HALTEROFILISMO

MADRID, 30. — (A. N. I.) — No ginásio madrileno «General Moscardo», efectua-se no domingo um encontro internacional de halterofilismo entre as equipas de Portugal e «B» da Espanha.

SEMANA DESPORTIVA DO GINÁSIO CLUBE

Com início no próximo dia 3 de Junho, o Lisboa Ginásio Clube leva a efeito a sua semana desportiva, este ano integrada nas comemorações do 50.º aniversário da colectividade.

De 2.ª a 6.ª feira, na sede do clube, apresentar-se-ão as classes de ginástica formativa e desportiva e as secções desportivas do Lisboa Ginásio.

O encerramento da semana desportiva terá lugar no Pavilhão dos Desportos a 8 de Junho, no decorrer de um grande festival a que assistirão altas individualidades e em que a Federação Portuguesa de Ginástica fará entrega solene das insignias de sócio de mérito com que o Lisboa Ginásio foi distinguido.

PARA A «TAÇA INTERNACIONAL» DE FUTEBOL

O SPORTING EM VIENA PARA DEFRONTAR O RAPID

No prosseguimento da sua digressão europeia, a equipa do Sporting defronta hoje às 19 e 30, a do campeão austríaco, o Rapid de Viena, em jogo a contar para a Taça Internacional de Futebol, competição em que o clube leonino está empenhado. Ainda que não seja ideal, o momento de forma actual, do vice-campeão português, aguarda-se um comportamento que faça olvidar a desastrosa partida de Liège e que marque o reencontro do Sporting, consigo próprio

PAREDE - MADORNA
(COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO)
LOTES PARA MORADIAS ISOLADAS,
GEMINADAS E BANDA-CONTÍNUA
ÓPTIMA SITUAÇÃO E A CERCA DE 1 KM
DA ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO
Preços desde: 140 contos
PROP. JOAQUIM BARAONA
Est. Marginal, Lote JME-2.º, C. — C A S C A I S
Telefs. 282345-282388

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Noticiário; Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses 18 e 20: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19: Sinal horário; Noticiário regional — Cartaz dos espectáculos; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O pianista Pepe Jaramillo e conj.; 20 e 40: 2.º episódio do folhetim «Leonardo da Vinci»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A Orquestra Y Zara.; 21 e 40. Tom Maior; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 2.º e 3.º actos da ópera «Falstaff» (Verdi); 18: Musica do século XX — Obras de Egon Wellesz e Franz Martin; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Musica da Beira Baixa, recolhida por Artur Santos; 19 e 45: A pianista Alicia de Larrocha — na execução de obras de Albeniz; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica sinfónica; 20 e 30: Concurso Internacional de Agrupamentos Corais «Let The Peoples Sing 1968»; 9.º programa — Coros juvenis; 21: Cassação em dó op. 2-17 (Rayon) — Elementos da Orq. Sinf. Austríaca, dir. Kurt List; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de violoncelo e piano por Luis Millet e Maria Manuela Araujo; Sonata em mi menor op. 38 (Brahms); 22 e 13: Uma ária da ópera «Ernani»; (Verdi) — Orq. Sinf. de Londres sob a dir. Alberto Erede; 22 e 20: Poemas sinfónicos; «Támar» (Balakirev) — Orq. Sinfónica de Londres, dir. por Anatole Fistoulari, «Russia» (Balakirev) — Orq. Filarmónica, dir. por Lovro Von Matacic; 22 e 58: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa — (cultural em MF-2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano de Mozart; 23 e 28: Festival de Estocolmo de 1967 — em gravações cedidas pela Radiodifusão Sueca. Quarteto n.º 14 em dó sustenido menor op. 131 (Beethoven) — Quarteto hungaro, 00.07 — Musica sinfónica — Obras de Mascagni e Cesar Franck; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções ibéricas; 21: Noticiário; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32. «Impacto»; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

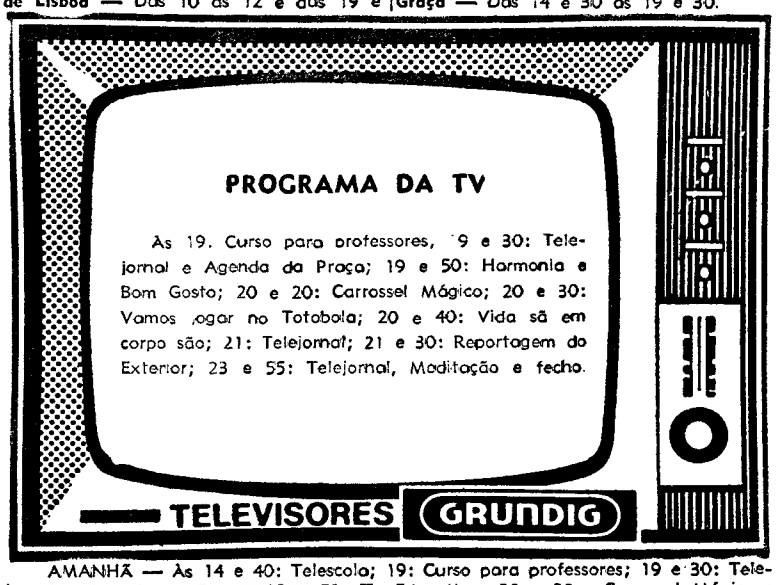
Modulação de frequência — 97,4 mc/s —Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Exitos do disco; 18 e 20: Boletim religioso; 8 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19: Crítica de livros recebidos; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Vozes portuguesas; 21 e 45: Conjuntos portugueses; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19: Crítica de livros recebidos; 19 e 05: Grande Plano; publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s: **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2: **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.



AMANHÃ — Às 14 e 40: Telescola; 19: Curso para professores; 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Tv Educativa; 20 e 20: «Carrossel Mágico»; 20 e 30: XII Festival Gulbenkian de Musica; 20 e 55: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Variedades — «Riso e Ritmo», com Delfina Cruz, Manuela Maria, Armando Cortez, Francisco Nicholson, Carlos Coelho, Artur Semedo, Orlando Fernandes, Tania Pegova, Fernando Santos, Alfredo Ribeiro, Mitá Talaia, João Fernando, Conjunto Sem Nome, Ballet 5, Orquestra de Jorge Costa Pinto e Deolinda Rodrigues; 23 e 15: Casei com uma Feiticeira; 23 e 45: Telejornal, Meditação e Fecho.

Serviços Urgentes

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ✻ Companhias Reunidas, 537011 ✻ Gazcidla, 538821 ✻ Gazcidla (dom. e feriados), 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✻ Voluntários, 538524.
POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✻ Segurança Pública, 366141 ✻ Judiciária, 535380 ✻ Marítima, 326456 ✻ Internacional, 362721 ✻ Viação e Trânsito, 42205 ✻ G. N. R. (área rural), 36865.
SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 ✻ Enfermagem permanente, 766161 ✻ Enfermagem de urgência, 43738 ✻ Hospital de Santa Maria, 775171 ✻ Hospital de S. José, 860131 ✻ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✻ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✻ Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno E

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parênteses)

ALCANTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (631635).
ALFAMA — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (853632).
ALVALADE — Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote de Água) (710131) ✻ Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (776358) ✻ Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66-A (722368).
ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho, 10 (40471).
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (715370) ✻ João XXI, Av. João XXI, 16-A (726462) ✻ Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (727721).
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre, 7 (46858)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av 5 de Outubro, 147-A (763107) ✻ Avenidas, Av da Republica, 27-A (533688) ✻ Império, Ld.ª, R. Filipe Folque, 40-A-B (48002) ✻ Ducal, Av. Duque de Loulé, 21 (48946) ✻ Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (47088).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, R. Angelo Pinto, 32 (49756).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensa, R. 27, n.º 41 (311216).
BAIXA — Barral, R. Augusta, 225 (361534/5)
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 4-C (63 699)
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✻ Sousa, Est de Benfica, 429-43 (780027)
CAMÕES — Modelar, L. Dr António de Sousa Macedo, 7-A (678896) ✻ Veritas, Rua da Misericórdia, 33 (324554-327563/4)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✻ Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (67 667).
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 01-101-A (682333) ✻ Pátria, Calçado dos Mestres, 30-A (ó R das Amoreiras) (680627)
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181)
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (774920).
ESTEFÂNIA — Estefânia — R. Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA — Janeiro, Av. Álvares Cabral, 100 (66 453)
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867942) ✻ Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) ✻ St. António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (862333).
JANELAS VERDES — Carrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (661460).
LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✻ S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-C (790704).
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Sue., R. do Quelhas, 1 (661275).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311237).
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764196-764629).
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703).
REGO — Universitária, R. Alfredo Roque Gameiro, 29-D (Bairro Santos) (778953).
S. AMARO — Sepol, Calç. da Boa Hora, 94-A (631958) ✻ Teles, R. João de Barros, 2 (638249).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 63 (381185) ✻ Oriental, R. Lopes, 120 (843381).
MOSCAVIDE — Farmácia Varela — Av. Moscavide, 44 — (Tel. 2518520).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto da Silva, 8: (Tel. 212048).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes, 4 (Tel 2420039).
OEIRAS — Central — R João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)
PAREDE — Macau — R. J. Elias Garcia, 62-B (Tel. 2471785)
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A. 15 (260116).
CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento 19, 41 (Tel 280141); Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel. 282407).

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935578); Carmelo — R. Elias Garcia, lote 28 (Tel 933303); Helénica — R. Elias Garcia, J. P. L. loja B (Tel. 933613)
DAMAIA — Confiança — Est Militar, Lote D (Tel. 971023).
QUELUZ — André — Av Elias Garcia, 51 (Tel. 950043); Queluz — Av Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 951844).
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Simões — R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel 980832)
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos do Costa, 10 (Tel 234137).
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel 224250).
ALMADA — Cristo Rei — Av Cristo Rei, 31 (Tel. 273498)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141).
BARREIRO — Soares — Av do República, 1 (Tel. 2273023).
COVA DA PIEDADE — Atlântica — Quinta do Pomarol, 1 (Tel. 274365).
MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).
MONTIJO — Diogo — Av. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032).
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229471).
SETÚBAL — Lisboa — R. Dr. Paulo Borba (Tel. 22240); Salão — Av. Portela (Tel. 22709).
SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4% 1 10	—	—	540$00
Consolidado 3% 1. 10	550$00	548$00	552$00
Consolidado 3 1/2% 1 10	660$00	650$00	670$00
Centenários 4% 1940	—	1.510$00	—
Obgs Tes. 2 1/2% 942	—	—	—
Ogs Tes. 4 1/2 % 943	—	—	—
Obgs. Tes. 2 1/2 % 944	—	—	—
Externo 1.ª série	—	—	850$00
Externo 1.ª série cor.	—	850$00	880$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Externo 2.ª série cor.	—	—	—
Externo 3.ª série	—	—	880$00
Externo 3.ª série cor.	—	900$00	—
Caut de 3.ª série s/juro	—	210$00	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas de Lisboa 5 %	—	480$00	490$00
C. P 4 /2 %	—	940$00	—
Gás e Electricid 3 3/4 %	—	846$00	—
Gás e Electricidade 4 %	800$00	800$00	810$00
Gás e Electricid 4 1/2 %	—	—	—
Gás e Electricid 5 %	—	920$00	935$00
H E Douro	—	880$00	895$00
H E Norte de Portugal	—	—	—
H E. S Estrela	—	800$00	—
Metropolitano	928$00	925$00	928$00
Petroquímica	—	870$00	890$00
Sonefe	795$00	795$00	805$00
T. A. P.	—	930$00	—
Termoeléctrica Portuguesa	—	840$00	—
U Eléctrica Port 3 3/4%	—	83$00	—
U Eléctrica Port. 4% 945	85$00	84$00	86$00
U Eléctrica Port 4% 948	—	—	—
U Eléctrica Port 4 /2%	—	90$00	—
U Eléctrica Port 5% 951	—	83$00	84$00
U Eléctrica Port. 5% 1952	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	960$00	960$00	962$00
Alentejo	621$00	620$00	622$00
Angola	—	1.450$00	1.500$00
Burnay	—	2.750$00	2.800$00
Crédito Predial	—	1.870$00	—
Espírito Santo	—	13.000$00	13.300$00
Lisboa & Açores	—	4.140$00	4.160$00
Portugal	—	2.470$00	—
Português do Atlântico	—	5.000$00	—
Totta-Aliança	—	4.200$00	4.400$00
Ultramarino	—	1.475$00	1.479$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	280$00	282$00
Sagres	—	—	1.200$00
Soberana	—	—	1.600$00
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Açúcar de Angola	685$00	680$00	—
Ag Cassequel	532$00	533$00	535$00
Ag. Colonial	115$00	110$00	—
Ag das Neves	—	110$00	120$00
Boror	110$00	110$00	120$00
Cabinda	—	90$00	95$00
C. A. D. A.	—	—	—
Cot. do Buzi	60$00	59$60	60$50
Diamantes	1.184$00	1.182$00	1.185$00
Ilha do Príncipe	—	—	—
Incomati	—	950$00	—
Lobito	—	410$00	425$00
Moçambique	—	38$50	40$00
Sonefe	259$00	258$00	259$00
Zambézia	43$50	43$00	44$00

C.as Diversas			
Cimentos Leiria	1.800$00	1.750$00	1.850$00
Cimentos Tejo	—	2.430$00	2.470$00
Cia. Navegação	580$00	578$00	585$00
C. U. F.	—	1.010$00	1.020$00
Industrial Aliança	640$00	630$00	650$00
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	2.350$00
Portugal e Colónias	1.215$00	1.215$00	1.220$00
Port. de Celulose	—	—	3.200$00
Port. de Pesca	—	630$00	680$00
Port. de Tabacos	—	398$00	395$00
Sacor	—	4.800$00	4.900$00
Siderurgia Nacional	—	—	—
Socel	2.150$00	2.145$00	2.150$00
Tabacos de Portugal	—	760$00	800$00
U. F. Azoto	—	702$00	710$00
Aguas Electricidade e Gás			
Águas de Lisboa 934	—	—	420$00
Águas de Lisboa 936	—	390$00	—
Eléctrica das Beiras	—	1.485$00	1.500$00
Gás e Electricidade	376$00	376$00	376$50
H E Alto Alentejo	159$00	158$00	160$00
H E Cávado	1.230$00	1.230$00	1.250$00
H. E Douro	1.205$00	1.205$00	1.206$00
H E Portuguesa	—	—	—
H E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.425$00	1.420$00	1.425$00
Nacional de Electricidade	1.300$00	1.295$00	1.305$00
Termoeléctrica Portuguesa	1.370$00	1.365$00	1.375$00
União Eléctrica Portuguesa	—	—	—
F. DE INVESTIMENTOS			
F. I. Atlântico	—	153$20	157$80
F. I. D E S	—	105$50	108$70

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base. Dez. 65=100)

	23-5-68	29-5-68	30-5-68
GERAL	103,8	103,8	**103,4**
METROPOLITANAS	102,6	102,7	**102,4**
ULTRAMARINAS	113,1	111,5	**111,2**

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollars de 1 a 2	28$25	28$65
Dollars de 5 a 1000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$10	7$30
Argentina — Peso	—$—	—$—
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6$00	9$00
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,68
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$56,5	$58,5
França — Franco	5$60	5$80
Suíça — Franco	6$52	6$72
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	319$00	334$00
Inglaterra — 1/2 Libra	235$00	255$00
Ouro Fino — Barra	38$00	40$50

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços especializados da **FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO.** Pedidos aos escritórios: R. Conde Redondo, n.º 64, 2.º, Dir. — Telef. 59288.

Orçamentos grátis

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras papeis de crédito

Tel. 321273

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef. P P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL

CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA

INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS

Rua Conde Redondo, 56, 2.º

Telef. 43738

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE — Tel. 54153 54154
As 15.15, 18.15 e 21.30 (M 17 anos)
EM 2.ª SEMANA
Sinceridade, violência, emoção num filme de Sérgio Leone
POR MAIS ALGUNS DÓLARES
com Clint Eastwood, Lee Van Cleek, Gian Maria Volonte

SÃO LUIZ — Tel 32 71 72
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
Technicolor
2.ª SEMANA
MATT HELM em acção
QUEM BRINCA COM O FOGO ...QUEIMA-SE
c/ Dean Martin, Senta Berger e Janice Rule

EDEN — Tel. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Jim Huston, Dorothy Provine, Milton Berle
Andamos todos ao mesmo . Dinheiro!
QUEM GUARDA O TESOURO?

CASINO ESTORIL — TELEFONE: 26 07 90
As 21.30 (M 12 anos)
A SOMBRA DUM GIGANTE
(Cast a Giant Shadow)
PANAVISION — COR DE LUXE
com Kirk Douglas e Senta Berger

CINE-TEATRO LIDO — Tel. 93 75 93 AMADORA
As 21.45 (M. 12 anos)
Um filme musical cheio de ternura
A IRMÃ YÉ-YÉ

RESTELO — Tel 61 03 75
Às 21.30 (Adultos)
Espectáculo a favor do pessoal de bilheteiras
Um filme musical, de cor, vida e alegria — em Technicolor
EUROPA DE NOITE
com Henry Salvador, Domenico Modugno, «The Platters», Carmen Sevilla, Robert Lamouret Coccinelle, Condoras, Channing Pollock, Rastellis, etc.

ALVALADE — Tel. 76 30 80
As 15.45 e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
MATT HELM em acção
TECHNICOLOR
QUEM BRINCA COM O FOGO ...QUEIMA-SE
c/ Dean Martin, Senta Berger e Janice Rule

MONUMENTAL — Tel. 55 51 31
Às 15.15 e 21.30 (12 anos)
5.ª SEMANA
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR?
com Spencer Tracy — Sidney Poitier — Katharine Hepburn
TECHNICOLOR

AVIS — Tel. 53 23 00
As 15.30 e 21.45 (Adultos)
ISTAMBUL, MISSÃO SANGRENTA
(Ver anúncio especial)

ODEON — Tel. 32 62 83
As 15.15 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 2.º MÊS!
6.ª SEMANA DE ÊXITO SEMPRE SENSACIONAL
O AMOR DESCEU EM PARA-QUEDAS
com António Calvário e Paula Ribas
Uma comédia que é o retrato de uma juventude estouvada e libertina ..
Canções de João Nobre (M. 12 anos)

IMPERIAL — Tel. 4 59 33
As 15 e ás 21 h. (Adultos)
O SENHOR DA GUERRA UMA GAROTA DO OUTRO MUNDO

TERRASSE — Tel. 32 09 17
As 15 e ás 21 (M. 12 anos)
7 CONTRA O MUNDO EU VI A MORTE

IMPÉRIO — Tel 55 51 34
Às 15.15 e 21.30 (Adultos)
Technicolor
6.ª SEMANA
ESTE DIFICIL AMOR
com Hayley Mills e John Mills
Música de Paul McCartney

estúdio — Tel. 55 51 34
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Um verdadeiro clássico do cinema
Um filme de Raoul Walsh
FÚRIA SANGUINÁRIA
com James Cagney, Virgínia Mayo e Edmond O'Brien

MUNDIAL — Tel. 53 87 43
Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
2.ª SEMANA
Nem o maior amor do mundo aceitaria o passado daquela mulher
A MULHER DESCONHECIDA
com Marie-France Boyer e Pierre Vaneck
— EASTMANCOLOR —

ROMA — Balcão 72 91 92 Plateia 72 77 78
As 15.30 e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
A QUEIMA ROUPA
com Lee Marvin e Angie Dickinson
METROCOLOR

POLITEAMA — Tel 32 63 05
HOJE, À NOITE, ÀS 21.30
2.º MÊS TRIUNFAL!
5.ª SEMANA DA BRUTAL EPOPEIA DOS MERCENÁRIOS CONTRA A FEROCIDADE DOS TERRORISTAS
Bom cinema em todas as dimensões de um espectáculo excepcional
O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA
com Rod Taylor e Ivette Mimieux (Col.) (M. 17 anos)
HOJE, ÀS 18.30—SESSÃO CLÁSSICA (Maiores 17 anos)

TIVOLI — Telef 50595
Hoje, as 3 da tarde (a pr. red.) (Às 6.15 da tarde e 9.30 da noite não há espct. cinematográficos)
Orson Welles e Paul Newman no filme sobre um romance de Faulkner
PAIXÕES QUE ESCALDAM
(Maiores de 17 anos)

estúdio 444 — Tel. 77 90 95
As 15.30 18 30 e 21.45 (Adultos)
11.ª E ÚLTIMA SEMANA
A PRINCESA
Realização de Ake Falck, com Crymet Molvig e Lars Passgard

CINEMA IDEAL — Tel. 32 41 94
As 21 horas (M. 12 anos)
7 PISTOLAS PARA OS MAC GREGORS
O TAPETE DO TERROR

L I Z — Tel. 4 85 60
As 14.45 e 21 h. (Adultos)
O PERFUME DO DINHEIRO
Colorido, com Rex Harrison, Susan Hayward, Cliff Richardson e Capucine

EUROPA — Tel. 66 10 16
As 15.15 e 21.30 (Adultos)
OS CINCO DRAGÕES DE OIRO
com Brian Donlevy e Dan Duryea
TECHNICOLOR — TECHNISCOPE

CONDES — Tel. 32 25 23 e 32 67 10
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
2.ª SEMANA
Primitivo, arrebatador, impulsivo! LEE MARVIN
À QUEIMA ROUPA
(Point Blanc)
com Angie Dickinson
METROCOLOR — PANAVISION

Absolvido em Setúbal
o advogado que em Dezembro atropelou mortalmente um septuagenário

SETUBAL, 30. — Em tribunal presidido pelo juiz dr. Garcia dos Santos, foi julgado o sr. dr. Fausto Ferraz, advogado nesta cidade, residente na Rua Almeida Garrett, em virtude de ter, no dia 6 de Dezembro do ano findo, atropelado mortalmente, com o seu automóvel, que conduzia, na Estrada dos Ciprestes, o sr. João das Dores Correia, de 77 anos, reformado da Junta Central da Casa dos Pescadores.

O réu, que foi defendido pela jovem advogada sr.ª dr.ª Maria Odete Santos, foi absolvido.

Choque de camiões

Na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, registou-se um violento embate entre dois pesados camiões, que atingiu ainda um automóvel estacionado e vazio.

O acidente verificou-se quando, lançado em excessiva velocidade, surgiu da Rua Dr. António da Fonseca um camião carregado de alfarroba, pertencente ao sr. Manuel dos Santos Cabrita, proprietário, e conduzido pelo motorista sr. Inácio Francisco Barradas, de 59 anos, ambos residentes em Silves. Sem ter cedido a prioridade, foi embater, de frente, no centro da carroçaria do camião conduzido pelo seu proprietário sr. Carlos Martins Alagoa, de 33 anos, casado e residente em Paio Pires, Seixal, que circulava na Avenida.

Devido á violência do embate, e não obstante seguir carregado de lenha, o camião abolroado foi atingir um auto ligeiro, pertencente á firma Auto São Filipe, Ld.ª.

Os prejuízos nos três veículos são superiores a cem contos, mas, quanto a desastres pessoais, apenas o primeiro condutor recebeu leves ferimentos.

A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

Quem perdeu uma bicicleta?

Encontra-se em poder da P. S. P. uma bicicleta de pedais, de marca «Oriental» e sem quaisquer elementos de identificação, que foi encontrada abandonada junto do campo de jogos da Bela Vista.

EM TRÊS LINHAS

Foi nomeado em comissão de serviço, para desempenhar o cargo de comandante de divisão da P. S. P. do Porto, o capitão de Infantaria João Maria Andrade de Beires Junqueiro.

///

A folha oficial hoje distribuida publica o regulamento do serviço de abastecimento de água ao concelho de Ponto do Sol (Madeira).

///

O capitão-de-fragata José Soares de Oliveira foi nomeado administrador por parte do Estado junto da Anmercosu, Companhia de Petróleos de Moçambique.

///

Vai a concurso no próximo dia 11 de Junho, pelas 15 horas, na Administração-Geral do Porto de Lisboa, a empreitada de dragagens do porto de Lisboa em 1968-69.

SERENATAS DE COIMBRA NO MERCADO DE ABRIL

Nas noites de hoje e de amanhã, um grupo de estudantes universitários estará no Mercado de Abril, onde interpretará fados de Coimbra.

«Diário de Lisboa»

Em ofício assinado pelo presidente da respectiva delegação portuguesa, o «Comité» Internacional Permanente da Conserva agradeceu ao «Diário de Lisboa» o relevo dado ao noticiário referente á sua recente reunião.

••● OUTROS ESPECTÁCULOS ●••

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O Camarada Miussov» (12 anos).
ABC — Às 20 e 45 e ás 23: «Arroz de Miudos» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — Às 19: «Os dias felizes» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «Nada de zangas» (17 anos).
IMPERIAL — Às 21: «O senhor da Guerra» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «O célebre roubo de Glasgow» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «A marca do vingador» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Comissário X nos garras do Dragão Dourado» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «Duelo ao Sol» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Arizona Colt» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «Três chapéus para Lisa» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «O segredo da ilha sangrenta» (12 anos)
CAMPOLIDE — Às 21: «A rebelião das escravas» (12 anos)
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21: «Falso culpado» (17 anos)
PROMOTORA — Às 21: «O trovão» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Carnaval de assassinos» (17 anos).
CINE-ENCARNAÇÃO — Às 21 e 30: «Os ambiciosos» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «As irmãs Zorro» (12 anos)
BOMBEIROS V LOURES — Às 21 e 30: «Os insaciáveis» (17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Testemunha de acusação» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Bikinis e Musculos» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Cavalgada de paixões» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A sombra dum gigante» (12 anos) e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Agente secreto F. X 15» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «El Dorado» (12 anos)

● Linha da Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Ringo e a pistola de Ouro» (12 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 30 «Sete contra o mundo» (17 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «O primeiro acto» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Golias contra os gigantes» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Tarzan e o grande rio» (12 anos)

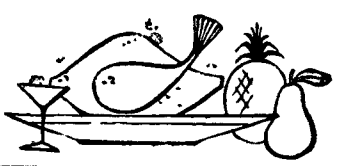
● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Paraiso Hawaiano» e «Dingaka» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «10 000 dólares para um massacre» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Matrimónio á italiana» e «Zenóbia e o gladiador» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A rapariga e o general» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Um estrangeiro em Sacramento» (12 anos).

COMUNICADO
À INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE BOTÕES

SALGADOS — Fábrica de Botões de Manuel Ferreira Salgado, titular das marcas de botões «West Side» e «Vest Saide», vem comunicar que procederá judicialmente, ao abrigo dos artigos 217.º e 227.º do Código da Propriedade Industrial, contra quem fabricar ou mandar fabricar, importar ou vender em Portugal botões com qualquer das referidas marcas.

bom apetite



Restaurante CASTANHEIRA — DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

ILHOTA
RESTAURANTE
R. ILHA DO PICO, 19-21
Telef 49063 (Junto à Estefânia)
PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS
AMANHÃ
BACALHAU À ILHOTA

GAÚCHA
NOVA GERENCIA
Restaurante — Snack-Bar
COZINHA PORTUGUESA
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
MARISCOS
R. Bacalhoeiros, 26-D-C
Telef. 87 06 09 — LISBOA

RESTAURANTE
SANCHO
Trav. da Glória, 14 — Telef. 369780
ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 e 80 PESSOAS
● AR CONDICIONADO ●

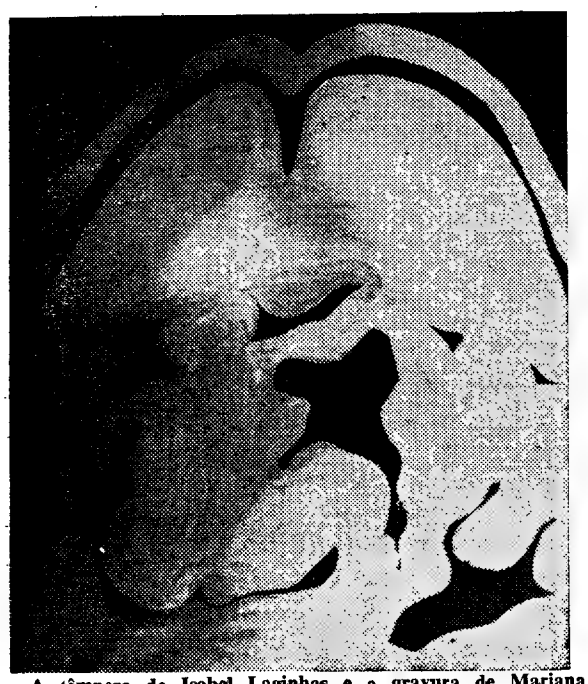
Parreirinha do Rato
Restaurante, snack-bar, cervejaria, mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 1
(entrada pelo arco) — Tel 685908
Parque para automóveis

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144—Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)

Aspecto de uma das salas
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)
(AR CONDICIONADO)
Parque privativo para automóveis

VISITE SESIMBRA
Almoce no
HOTEL ESPADARTE

Serviço à carta e menú do dia — 55$00
Aos domingos das 12 às 16 horas, 8 pratos à escolha, incluindo a célebre caldeirada
Sala para 300 pessoas, marquise e esplanada frente ao mar 80 quartos com banho — Diárias desde 165$00. Telef. 22 91 89



A têmpera de Isabel Laginhas e a gravura de Mariana Quito que obtiveram, «ex aequo», o 1.º prémio do Salão de Primavera da Junta de Turismo da Costa do Sol, apresentados na exposição que esta noite é inaugurada ás 22 horas, nas Arcadas do Estoril

OS PRÉMIOS DO SALÃO DA PRIMAVERA DA JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

Na elegante sala de exposições das Arcadas do Estoril é inaugurado esta noite o Salão de Primavera da Junta de Turismo da Costa do Sol. Tendo ficado sem efeito o salão de Primavera da S. N. B. A., esta inauguração de hoje constitui como que uma deslocação de certos artistas e de certas formas de arte e escolas de pintar e esculpir para a Costa do Sol.

Apresentam-se ao todo 38 trabalhos e, vendo-os não se pode dizer que o juri tenha sido passaculpas, já que o nível geral da exposição é realmente aceitável e que alguns dos trabalhos se podem classificar com nota elevada.

Os prémios de salão foram para uma gravura de Mariana Quito e uma teêmpera de Isabel Lajinhas; tendo o segundo prémio ido para um guache de Abílio José Ferreira dos Santos.

Na aguarela se salienta o nome já consagrado de Arnaldo Figueiredo, sem dúvida um dos grandes nomes da aguarela portuguesa contemporânea. Na cerâmica foi atribuída a medalha de bronze a Jorge Vidal, no desenho foi para Fausto Boavida e João Paulo Bento de Almeida. Na gravura também uma medalha de bronze foi atribuída a Maria Gabriel.

No desenho, todavia, queremos destacar um nome que desaparecera nas últimas exposições, depois de um aparecimento fulgurante. E' o de Zulmira Oliva.

Do juri fizeram parte, além do presidente do organismo promotor da exposição, sr. Joaquim Serra e Moura, o dr. Francisco de Avilez, e os artistas Gil Teixeira Lopes, Helder Baptista, Rocha de Sousa e Óskar Pinto Lobo, este também pela J. T. C. S.

UM NOVO LIVRO DE JOSÉ CARDOSO PIRES

Hoje, ás 18 e 30, no «foyer» do Teatro Villaret, a Livraria Moraes Editora oferece um «cocktail» a convidados e aos orgãos de informação, com o fim de apresentar o novo livro «O Delfim», do nosso prezado colaborador José Cardoso Pires, e a sua colecção «A marca do Tempo».

ABATEU PARTE DUM PAVIMENTO DA CALÇADA DO CARMO

A noite passada, abateu parte do pavimento ao fundo da Calçada do Carmo. Compareceram, rápidamente, o pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros e da Polícia e piquetes da Companhia das Águas e das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, que tomaram providências para evitar qualquer desastre.

A CHEGADA DO BENFICA PREVISTA PARA AS 19,15 DE HOJE

A equipa do Benfica, que ontem disputou no Estádio de Wambley, em Londres, contra o Manchester United, a final da Taça dos Campeões Europeus, deverá chegar esta tarde a Lisboa, no avião vindo da capital inglesa e esperado no Aeroporto ás 19,15

SAUDOSO DE UMA MULHER PRETENDEU REAVÊ-LA COM AMEAÇAS DE MORTE!

Na Quinta da Dona Margarida, na Estrada de Chelas, n.º 192, houve, a noite passada, grande burburinho.

É que reside ali Mariete Soares Franco, com quem, durante algum tempo, viveu maritalmente o descarregador Manuel Matias, de 39 anos, solteiro.

A certa altura, a Mariete aborreceu-se da convivência e correu com ele.

Não se sabe se excitado pela transmissão futebolística da Eurovisão, o Matias lembrou-se da sua antiga companheira e procurou reatar as relações interrompidas.

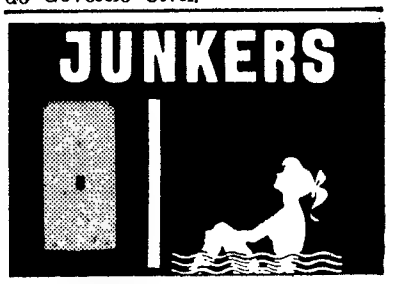
Como ela se recusasse a isso, arrombou-lhe as portas da habitação e ameaçou-a de lhe queimar a cara com ácido sulfúrico — e até de a matar

A cena provocou grande escândalo público que aumentou ainda, quando guardas do posto de Chelas, da 14.ª esquadra da Polícia de Segurança Pública, chamados por vizinhos do par desavindo, tiveram de usar da força porque o descarregador lhes desobedeceu, pelo que, depois de transitar pelo referido posto, foi parar a uma calabouço do Governo Civil.

Darius Milhaud está em Lisboa

Ao princípio da madrugada de hoje, chegou ao aeroporto de Lisboa o célebre compositor francês Darius Milhaud, do qual estão incluídas algumas obras importantes no XII Festival Gulbenkian de Música. Vem proferir uma conferência e assistir ao espectáculo de amanhã, no São Carlos, com o bailado «Salade» e a ópera «Les Malheurs d'Orphée», assim como ao concerto que se efectua no Coliseu, no dia seguinte, sob a direcção de António de Almeida, em que se executará a sua «Sinfonia n.º 1».

Darius Milhaud, que só pôde deslocar-se até ao nosso país dois dias depois do que estava previsto em consequência das greves em França, viaja acompanhado de sua esposa e foi recebido no aeroporto pelo dr. Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, funcionários do departamento de música da mesma Fundação, representantes da Embaixada de França, jornalistas e críticos musicais.



FERNANDOS & RIJO, LDA.
Rua do Montepio, 1
Telef. 510 — ABRANTES

M/6 anos

CAMPO PEQUENO

HOJE, ÀS 21,30 HORAS

CORRIDA DE GALA À ANTIGA PORTUGUESA

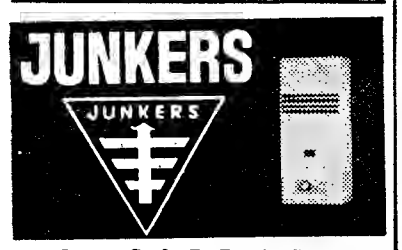
A FAVOR
DA LIGA PORTUGUESA CONTRA O CANCRO

A QUE SE DIGNA ASSISTIR O SENHOR
PRESIDENTE DA REPÚBLICA

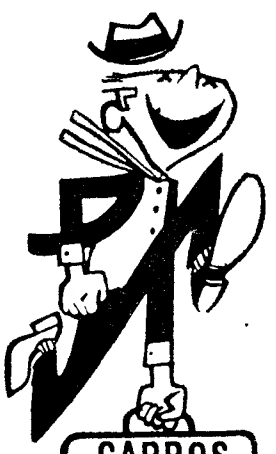
6 BRAVOS TOIROS 6
DA FAMOSA GANADARIA PALHA BLANCO
(FRANCISCO PALHA)

CAVALEIROS
MANUEL CONDE - VARELA CID
RIBEIRO TELLES - JOSÉ LUPI - LUÍS M. DA VEIGA
e o amador
FREDERICO CUNHA

FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR-O-NOVO
Capitaneados por Joaquim José Capoulas



SOCIEDADE DE COMBUSTÍVEIS DE SANTARÉM, LDA.
Rua Guilherme Azevedo, n.º 10
Telef. 502-53-975 — SANTARÉM


CARROS USADOS
PROVENIENTES DE TROCAS
VÁRIAS MARCAS E MODELOS C/ GARANTIA
Facilita-se troca e pagamento
Stand Moderno
Rua João Saraiva, n.º 15 (Alvalade)
Ford

J. SILVA BARBOSA
Rua Teófilo Braga, 73-77
Telef. 80 — SINES

GANNE SEGURANÇA
OFERTA SENSACIONAL DA Dardo
Compre o que quiser e pague a prestações...
...recebe a pronto um seguro de vida completamente grátis de valor igual ao das compras efectuadas.
Visite e informe-se numa das 5 LOJAS
Dardo
ONDE V. COMPRA TRANQUILIDADE
AV. DA LIBERDADE, 171 • R. S. PEDRO, 53-57
AV. ALM. REIS, 124 • P.ª DE LONDRES, 7 • R. 1.º DE MAIO, 146 (3 armz.)

NSU
CONCESSIONÁRIO
AUTO EDUARDO COSTA, LDA.
Rua de Campolide, 27 — LISBOA
Telefs. Escrit. 687615 | OFIC. 685080 | Vendas 685081
ASSISTÊNCIA TÉCNICA EFICIENTE

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

SUPLEMENTO
Diario de Lisbôa
LITERÁRIO

David Mourão Ferreira
João Gaspar Simões
José Duarte
Manuel Agra
Mário Sacramento
Vergílio Ferreira
Urbano Tavares Rodrigues

N.º 513/30 DE MAIO DE 1968

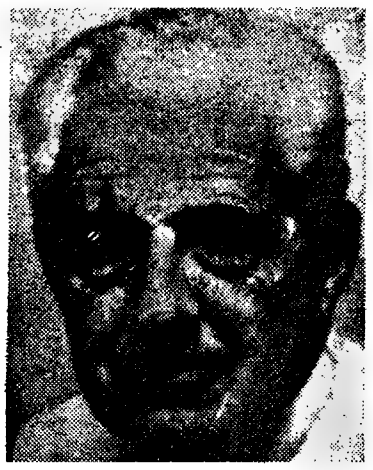
Os Pulitzer-67

por Sheppard de Moraes

Maio é o mês dos prémios Pulitzer, a estação de glória da Universidade de Columbia que neste mês ergue os clarins da consagração e faz subir os «best-sellers». Fundação de um jornalista emigrado, o hungaro Joseph Pulitzer (1847-1921) o prémio é, por estatuto, uma instituição onde os profissionais de imprensa têm a palavra decisiva na eleição do maior romancista, do maior dramaturgo, poeta ou jornalista.

No quadro de honra dos «Pulitzer» figuram alguns nomes que viriam a encabeçar a história da literatura universal. Willa Cather e Edna Ferber, entre eles. E Thornton Wilder. E Pearl Buck, Upton Sinclair, Robert Penn Warren, James Gould Cozzens, Eugene O'Neill — uma extensa lista que incluí ainda Sherwood Anderson, Tennessee Williams, etc., e vai até Arthur Miller e agora a William Styron.

No jornalismo a plêiade dos contemplados é maior e mais indefinida, e porque é o prestígio da Imprensa que define de maneira muito substancial a selecção dos «Pulitzer» nos sectores da novelística, poesia e música, a escolha dos jornalistas a premiar obedece a um escrutínio extremamente complexo e em que entram em linha de conta não apenas o contributo que esses profissionais deram à causa pública e ao esclarecimento da opinião, mas, e muito principalmente, outros factores de influência nas altas esferas do «gossips» e do «trust press». Assim, os eleitos deste ano foram: na reportagem internacional (de um modo geral, o sector mais acèrrimamente discutido) (Alfred Friendley do «Wasrington Post» e nos outros domínios — editorial e informação nacional — respectivamente Eugene Gray Payne, do «Charlotte Observer» e Howard James, do «Christian Science Monitor».



Alfred Friendley: prémio do jornalismo

O antigo embaixador da União Soviética, George F. Kenan, obteve, também, como se sabe, o prémio deste ano pelas suas *Memórias* que cobrem o período de 1925-1950 e William Styron foi o romancista eleito pelo seu recente livro *The Confessions of Nat Turner*. A poesia, que tem no Pulitzer alguns nomes de primeira grandeza como Archibald McLeish e Robert Frost, aparece em 1968 recompensada na pessoa de Anthony Hecht, «um lírico de imprecisos ritmos de bem claros compromissos com a tradição» — como o definiu o ensaista Thomas Lask, ao passo que Allen Tate não hesita em declarar: «o que posso garantir é que seja quais forem os poetas que estiverem no posto mais alto da oriação, Hecht está entre eles; porque na realidade não há outro melhor do que ele.»

Kennan, escritor, não é desconhecido do público português desde que, há anos, a Editora Ulisseia publicou *A Rússia, o Átomo e o Ocidente*. Possuidor de uma sólida cultura eslava, licenciado em História e Línguas Russas, investigador de questões literárias e sociais (publicou, entre outras obras, *Tchekov* e *«A Influência da Igreja Ortodoxa)* Georges F. Kennan, com a experiência adquirida ao longo de uma larga carreira diplomática, escreveu nas suas *Memórias*, agora premiadas, o relato de uma experiência que excede largamente o interesse biográfico.

STYRON: A CONFISSÃO INVOLUNTÁRIA

Nat Turner, escravo negro ditou na sua cela de morte as *Confissões* que se tornaram um instrumento histórico e que passaram depois ao território da criação literária pela pena de William Styron. A História segundo especialistas da craveira de Herbert Aptheker (leia-se o artigo publicado em *The Nation*, de 22 de Abril e a resposta de Styron no mesmo numero), a História ficou mal servida. A memória de Nat Turner tornou-se um tanto nublada e William Styron obteve o Pulitzer de 68.

O TALENTO QUANDO JOVEM

Quem leu essa admirável novela que é *The Long March* e depois o romance *Lie Down in Darkness* sabe que Styron é dos prosadores norte-americanos da actualidade com melhor qualidade de estilo e de mais requintada observação. *Lie Down in Darkness* escrito aos vinte e seis anos é uma apaixonante demonstração de segurança e de virtuosismo, um caso de predestinação literária que, com os escrúpulos de uma forma acurada, vem contrariar a corrente do romance caudaloso do estilo James Joyce e outros. Nos «outros», nos jovens romancistas americanos saídos da guerra é que sobre a guerra escreviam volumes de centenas de páginas, exclui-se, evidentemente, Norman Mailer que com *The Naked and The Dead (Os Nús e os Mortos*, Portugália Ed.) sacudiu e apaixonou a opinião literária universal e, simultâneamente, deu uma lição de qualidade formal fora de série.

William Styron

Styron, que apareceria depois, seria justamente um dos novos saudados com maior entusiasmo pelo jovem consagrado Mailer. Mas seria por ironia o mesmo Mailer quem, largos anos depois, 1966, em *Cannibals and Christians*, escreveria com amargura:

«Styron prometia vir a ser um grande escritor, não tão grande como Hemingway, e nem sequer como Faulker, a quem se assemelha um tanto, mas grande talvez como Hawthorne (...) Hoje admiro o jovem que ele foi e detesto o homem que ele é.»

AS INCOMPREENSÕES

Nat Turner, personagem real, reaparece no livro de Styron no quadro dramático das insurreições sulistas do século passado. No entanto, o desfecho que o autor atribuiu ao seu herói deixou perplexos os leitores americanos que naturalmente, se encontram no eixo da crise das lutas raciais. Uma América que se diz igualitária e que paradoxalmente promove a guerra e o racismo dentro e fora fronteiras, uma América assim, de *ghetos* e de expressão livre, alberga e confunde. Hesita e está em constante risco de perder opinião.

(Continua na página seguinte)

Henry James ressuscitado em França

por João Gaspar Simões

No momento em que as técnicas novelísticas, particularmente em França, se encontram numa encruzilhada, os editores franceses procuram entre os romancistas estrangeiros aqueles que, pela categoria internacional da sua obra, ainda podem manter o interesse do leitor e acreditar a classe de literatura que eles lhe merecem. Por isso vemos, não sem uma certa surpresa, que Henry James, norte-americano de nascimento e inglês de naturalização, que em 1916 morria por assim dizer desconhecido, volta agora a receber as atenções dos tradutores franceses, dele esquecidos há cerca de trinta anos.

Foi, realmente, na altura em que Marcel Proust começou a ganhar a simpatia do publico e a obter a compreensão da crítica que o autor de *Os Embaixadores* entrou pela primeira vez em França. E porquê? Porque a crítica descobrira que entre os mestres do romancista de *À la recherche du temps perdu* se contava um grande escritor de língua inglesa. Com efeito, não era difícil de reconhecer a influência que o autor de *Retrato de Mulher* exercera no grande romancista francês. E se é verdade que não só Henry James, mas George Eliot também fazem parte da galeria dos mestres britanicos que tinham ajudado a criar a complexa personalidade novelística de Proust, nenhum dos seus prediletos de além-Mancha exercera uma sugestão tão directa na técnica literária do criador de de Swann como o aracnideo romancista de *Os Embaixadores*.

Inglês que era, porém, nunca Henry James conquistara em França, pelo menos junto do grande publico, a audiência que o próprio Proust ganhara nestes ultimos trinta anos. E o certo é que após um curto lapso de tempo em que viriam a lume em língua francesa algumas das obras-primas do grande escritor anglo-americano, particularmente os seus contos e novelas, novelista e contista que foi entre os maiores da língua inglesa, não tardou a cair em França a curiosidade por tão singular fenómeno das letras do fim do século XIX. Com efeito, o seu romance mais importante, *The Ambassadors*, data de 1903, é ainda um produto do século passado, sejam quais forem as novidades intrínsecas da sua técnica e até da modernidade da sua análise psicológica. Mas no conjunto das obras de ficção da Europa e da América desse derradeiro quartel do século o grande romance de Henry James adiantava-se a James Joyce, que dele recebia uma lição, e a Virginia Woolf, que de algum modo herdaria não poucos dos estigmas literários do grande escritor do *Retrato de Mulher*.

Pois bem, a França que neste momento acolhe com relativa urbanidade os produtos literários estrangeiros onde transpareça seja o que for das técnicas novelísticas exploradas assaz superficialmente pelos cultores do moderno romance francês — não só do «*nouveau roman*», mas da ficção que na esteira de Kafka se embrenha por um caminho onde é fácil aparentar uma originalidade que em verdade se não tem — manteve-se relapsa á versão das obras-primas do grande inovador do final do século. Só agora, em 1968, é vertido para francês o mais característico dos romances do autor de *The Turn of the Screw* (obra que eu próprio traduzi, há mais de vinte anos, sob o título de *Calafrio*), isto é, o citado romance *Os Embaixadores*.

Integra-se o grande romancista anglo-americano na tradição de um romance anti-romance ou na aventura do «novo romance»? Não, pelo menos numa coisa: que em James a psicologia é respeitada e aprofundada como nunca o fora em qualquer outro mestre do romance de análise. E, depois,

(Continua na 6.ª página)

SUPLEMENTO Diario de Lisbôa LITERÁRIO

ACTUALIDADE LITERÁRIA
Os Pulitzer-67, por *Sheppard de Moraes*
LITERATURA
Henry James Ressuscitado em França, por *João Gaspar Simões*
Abê Bokô, por *Urbano Tavares Rodrigues*
Abertura para um Estudo sobre Branquinho da Fonseca, por *David Mourão Ferreira*
ARTES PLÁSTICAS
Carlos Botelho Julgado por um Professor
CRÍTICA
A Profissão de Escritor, por *Mário Sacramento*
POLÉMICA
Comédia de um Homem Só, por *Vergílio Ferreira*
TEATRO
Actualidade de Mestre Gil, por *Mário Rocha*
ENTREVISTA
Teleliteratura, por *Manuel Agra*
MÚSICA
Jazz em Lisboa, por *José Duarte*
CINEMA
Um filme de Roger Vailland, por *João Sacadura*

Os Pulitzer-67

(Continuação da página anterior)

apesar das facilidades em exprimi-la.

Nat Turner, o negro que adquiriu projecção de símbolo graças às suas *Confissões*, transformou-se numa memória de renegado, de acordo com a interpretação de Styron. Herbert Aptheker, autor de estudo histórico sobre

Kennan: as embaixadas da glória

Nat Turner de que, entre outro material, se serviu o romancista, baseou-se, como todos os demais investigadores, na documentação dada a público em 1831. Pormenores secundários em que fizeram finca-pé os especialistas no seu ataque a Styron são em grande parte destituídos de significado e derivam da convencional incompreensão dos eruditos em relação à recriação romanesca e à liberdade que, no facto menor, deve ser conferida à ficção.

AS CONFISSÕES DE STYRON

O problema entretanto atinge proporções inesperadas numa análise de fundo ao espírito da obra agora premiada. William Styron, no seu retiro luxuoso de Roxbury, no Connecticut, assestou as baterias da influência contra o cerco dos críticos exigentes. Obcecado, gritou-lhes de lá em desesperadas diatribes onde invocava Luckacs, o progressivismo liberal e os argumentos de tertúlia. «Nenhum dos críticos que atacaram o meu *Nat Turner* de racismo me pode acusar de ter falsificado as *Confissões*, retirando-lhe o devido

suporte histórico» — afirmou ele a *The Nation*.

Não há prémio que conquiste a concordância universal e o Pullitzer tem no seu activo alguns exemplos disso. Sinclair Lewis e William Saroyam recusaram-no há anos. São Francisco e a república dos letrados californianos engeitam sofisticadamente o prestígio que, apesar de tudo, ele acarreta ao *curriculum* literário. Styron, o notável de *The Long March*, sabia-se de antemão em dificuldade ao recebê-lo. Antes do veredicto já a maldição da crítica caíra sobre ele, mas «a longa marcha» para o êxito não podia deter-se. *As Confissões de Nat Turner* são, ao cabo e ao resto, a confissão de Styron.

SHEPPARD DE MORAES

VISITE NA
FEIRA DO LIVRO
OS STANDS 29 E 30
DA EDITORA ULISSEIA
BONS LIVROS
A PREÇOS ESPECIAIS

Carlos Botelho
julgado por um professor

Carlos Botelho expõe neste momento, em que se completam cinquenta anos de vida artística, no liceu onde aprendeu a desenhar e onde aprendeu outras ciências várias. Estas deve-as ter esquecido mais ou menos, como todos nós. A do desenho é que foi a base da sua vida profissional. A escola que o educou correspondeu assim á finalidade dos estabelecimentos pedagógicos: encontrar o caminho certo das pessoas e dar-lhes ensanchas para nele ganharem a vida.

Carlos Botelho lembra que foi o reitor de então, o dr. Sá e Oliveira, quem o aconselhou a seguir a vida artística. Para os bonecos tinha ele jeito. E foi ainda o reitor, na sua missão de conselheiro, grande pedagogo que era, quem lhe proporcionou a primeira exposição no Liceu de Pedro Nunes.

O cordão umbilical leva-o a expor, volvidos cinquenta anos, no estabelecimento em que aprendeu a base do seu ofício. E, naturalmente, o Botelho que é novo e moço a despeito de estar resvés dos setenta, quis mostrar aos rapazes que vão puindo os bancos que ele puiu que sabe pintar e que o ensino do liceu serve para a vida. Trata-se de uma exposição essencialmente pedagógica, por isso mesmo.

Assim o compreenderam o reitor e os professores do Liceu Pedro Nunes de hoje, nas tradições e no espírito do dr. Sá e Oliveira. Na exposição interveio também, naturalmente, o professor de Desenho, o artista Alfredo Betâmio de Almeida. É o metodólogo de hoje, autor de notável compêndio de Desenho para o 1.º ciclo que apresenta o Carlos Botelho aos seus alunos.

Reproduzimos essa apresentação: «O pintor Carlos Botelho, artista cimeiro da arte portuguesa, participante de várias exposições internacionais, e representado em Museus e colecções no estrangeiro, foi aluno do Liceu de Pedro Nunes. Fez aqui, há precisamente cinquenta anos, a sua primeira exposição. Na intenção de comemorar este acontecimento, eis que volta às paredes desta Casa, para mostrar a sua feliz trajectória artística, num retorno que é, ao mesmo tempo, profundamente simpático e de grande significado educativo. Antes ainda de nos debruçarmos sobre a pintura de Mestre Botelho, para uma apreciação mais demorada, recordemos que este artista comprou a primeira caixa de tintas com o dinheiro das suas economias, depositadas na Caixa Económica da Associação Escolar do Liceu, cujas cadernetas, na capa, aconselhavam: «Poupa o supérfluo». Recordemos também que no «Pedro Nunes» recebeu as suas primeiras lições de Arte, numa Academia de Desenho e Pintura, iniciativa da referida Associação Escolar. Fora, então, seu mestre o pintor Augusto Nascimento, e seus companheiros, entre outros, Leitão de Barros, Cottinelli Telmo, Reys Santos e Martins Barata.

Cinquenta anos depois, é um professor de Desenho deste Liceu quem teve a honra de ser convidado para apresentador desta sua exposição. É sensibilizado que a agradecemos.

Falemos, portanto, agora do artista e da sua obra. Para começar, permitam-nos lembrar que, quase sempre, um humorista é um homem que sofre de outra maneira. Botelho foi assim, foi esse humorista durante mais de vinte anos que, com um desenho rápido, inconfundível, encheu de «doce» e «amargo» a última página do semanário **Sempre Fixe**. Nesses seus ECOS DA SEMANA, com uma verve profundamente humana, apontou mazelas quotidianas, desmandos dos homens e, muito particularmente, acontecimentos desta sua Lisboa e da vida musical.

Impossível se torna falar deste artista, sem nos referirmos a Lisboa e à Música. A primeira constitui o seu tema predilecto, constante, e, digamos em voz baixa, de maior consumo. A segunda, é o namoro de sempre, que vem da meninice. Eis, pois, as duas grandes paixões de Carlos Botelho e que na sua obra se projectam com igual clareza.

Atentemos na primeira, evoluída ela própria por poderosa influência e atracção musical. Assim, a pintura de Botelho, pelos anos **trinta**, começou por nos revelar uma Lisboa sentida de forma muito íntima: uma Lisboa de recantos, escadinhas, gradeamentos, muros tortos, telhados velhos, janelucos e ruas do lá-vem-um; o perfil de uma torre de igreja de aldeia e, por fim, conseguida plàsticamente de uma forma espontânea, convicta, a lâmina argêntea do Tejo, salpicada de barcos adivinhados.

Ninguém pergunte pela **perspectiva** ou pela **cor local**. É que tanto o desenho como o colorido apenas seguiram a **afectividade**.

A paixão do violino dera a Botelho o sentido musical da cor, e permitiu que este artista, mesmo na pintura de retratos, a usasse com total liberdade, atento apenas ao seu **peso** e ao seu **volume**, isto é, aos seus valores dimensionais. Mas, a Carlos Botelho, mais do que aspectos circunstanciais de Lisboa, interessou-lhe sempre pintar a sua essencialidade, pelo que vai, cada vez mais, depurando a sua forma de a visionar. Surgem, deste modo, soluções pictóricas mais actuais, digamos, abstractizadas, onde a musicalidade da cor é ainda mais dominante. A harmonia cromática clarifica-se e surge afinada em acordes sucessivos. A luz, essa, é cada vez mais a de um dia à beira-Tejo, na hora em que não há sombras, luz que envolve igualmente toda a composição. As formas são quase heráldicas e todos os pontos do quadro têm igual importância, solicitam a mesma atenção do artista e merecem o mesmo tratamento. Um quadro de Botelho é, agora, uma superfície onde uma Lisboa, decorada e «filtrada» com amor, surge lírica, construída por sentimento.»

Ronda das galerias

ARCHOTE (Av. da Liberdade, 224) — **Artur Bual** (Pintura).

BUCHHOLZ (Rua Duque de Palmela, 4) — **Helena Almeida** (Pintura).

«DIÁRIO DE NOTÍCIAS» (Largo do Chiado) — **Miguel Arruda** (Escultura, Desenho e Gravura).

DINASTIA (Rua da Escola Politécnica, 183) — **Ana Maria Botelho** (Pintura).

DIVULGAÇÃO (Rua D. Estefânia, 46-B) — **João Hogan** (Pintura).

GALERIA 111 (Campo Grande) — **Nikias Skapinakis** (Pintura).

GALERIA DE ARTE MODERNA (Rua Mouzinho da Silveira, 1) — **António Charrua** (Pintura).

GALERIA NACIONAL DE ARTE (Praça Marquês de Pombal) — **Ribeiro Farinha e Arlindo Rodrigues** (Cerâmica).

GRAVURA (Travessa do Sequeiro, às Chagas) — **Rafa Nasiri, Salem Dabbagh e Hashim Samarchi** (Gravura).

LICEU DE PEDRO NUNES (Av. Álvares Cabral) — **Carlos Botelho** (Pintura).

PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA (Largo de S. Domingos) — **Arte Ultramar.**

QUADRANTE (Av. Luís Bivar, 85-C) — **Manuel Baptista** (Pintura).

SAN CARLOS (Largo de S. Carlos, 15) — **João Ayres** (Pintura).

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO (Restauradores) — **3 Mil Anos de Pintura Peruana** (Pintura); **Nadir Afonso** (Pintura).

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES (Rua Barata Salgueiro) — **Victor Palla** (Pintura).

Abê Kôbô

por Urbano Tavares Rodrigues

ROMANCE ao mesmo tempo directo e alegórico (como o são não poucas obras-primas de todos os tempos: o «Quixote», por exemplo, ou «O Velho e o Mar», de Hemingway), «*La Femme des Sables*» (no original «*Suna no Onna*») conta-nos, de modo conciso e realista, a experiência quotidianamente alucinante, terrível e por fim banal (ou epopeica, em sua morosa asfixia) de um jovem professor de entomologia japonês aprisionado casualmente (durante uma sua excursão científica) por uma comunidade paupérrima de traficantes de areia — encontramo-nos num mundo de miséria extrema — que o arrojo a uma espécie de poço-desterro, onde o aguarda tão-só o esforço diário de defender a casa da areia, que tudo invade, corrói e submerge, se a mão do homem não lhe trava a acção destrutiva. Nessa casa-inferno - ou - limbo, onde nada acontece para lá dos gestos vegetativos, há uma mulher, mais precisamente uma viúva, criatura elementar, à primeira vista despida de encantos mas que, na solidão quase absoluta desse universo rarefeito, se reveste pouco a pouco da forte e ampla sedução de Eva.

O que, sendo factor importante deste romance aparentemente linear e, no entanto, tão complexo e rico de significações, menos se declara (quase nada, aliás, é aqui unívoco ou explícito) é ainda a alienação que lhe serve de infra-estrutura.

«A Mulher da Areia» — corpo e paciência, hábito e espera, sentidos e ânsia de companhia e protecção (e só isso) — tem um poderoso chamamento, apesar da sua natureza totalmente desprotegida, ou por isso mesmo. O homem que veio do mundo «civilizado» para aquele microcosmos de labor físico repetitivo, aceitará sobre os seus ombros o destino de Adão. Depois de haver tentado, por mais de uma vez, evadir-se, há-de renunciar, no momento em que a fuga se tornara viável, porque a «Mulher» está grávida dele, porque reencontrou o sentido do mito eterno: com as tuas próprias mãos ganharás o teu sustento. Sem esse trabalho escravo, não haverá água, nem alimento, nem vida.

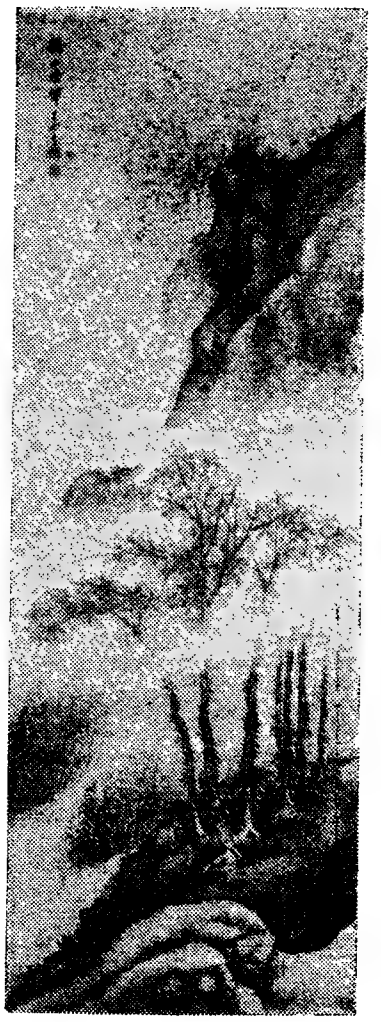
A margem da dialéctica progresso-tradição, que anima o melhor da ficção japonesa actual de desmistificação, esta obra de Abê Kôbô, que obteve o maior galardão literário nipónico, o Prémio do Yomiuri, aspira, contudo, à expressão do essencial da condição humana. Tem a mesma nudez violenta e primitiva do filme «A Ilha Nua».

Há, quase no fim do romance, uma frase particularmente digna de reflexão: «Assim, ao mesmo tempo que a areia se metamorfoseava aos seus olhos, o homem, paralelamente, entrara em interior metamorfose. E parecia que do mais profundo da areia, juntamente com a água que dela retirava, era um outro *eu*, um *eu* novo que o homem dela extraía».

Tem a crítica discutido se se trata neste livro de uma desintegração do homem ou de uma ascensão da pessoa humana. Os comentadores americanos insistiram no aspecto da *alienation and identity*. Porém, o tradutor francês, Georges Bonneau, profundo conhecedor da psique nipónica, insiste na pluralidade simbólica do sinistro buraco de areia, de alcance cósmico. Imagem da miséria da condição humana, que cada sujeito interpreta de acordo com a sua idiossincracia, esse vórtice do nado poderia significar, ou antes, sugerir o tempo, a vida, a hostilidade da natureza, a maldade dos homens, o amor instinto, a conversão de um homem-insecto (o entomologista) em homem de carne e osso. E conhecimento da meditação, descida incessante para uma profundeza interna. Eis outro excerto que decerto ilustra a pesagem do valoroso trabalho feita pelo autor através dos movimentos espirituais da sua personagem, ora presa do furor ora hesitante sobre o sentido do seu destino: «Só por meio do trabalho é possível ultrapassar, suplantar o trabalho. Quero eu dizer, em suma, que dar ao homem a energia necessária para chegar à renúncia de si próprio, tal é a verdadeira virtude do trabalho». Nesta frase se patenteia o humanismo fraternal de Abê Kôbô.

Médico e ele próprio entomologista, voltado desde muito jovem para as letras e para a criação literária, poeta e novelista, Abê Kôbô publicou, entre outros livros de grande projecção, *Tanin no Gao* (O Rosto de um Outro), *Noa no Hako-Bune* (A Arca de Noé) e *Dorei Gari* (A caça aos escravos).

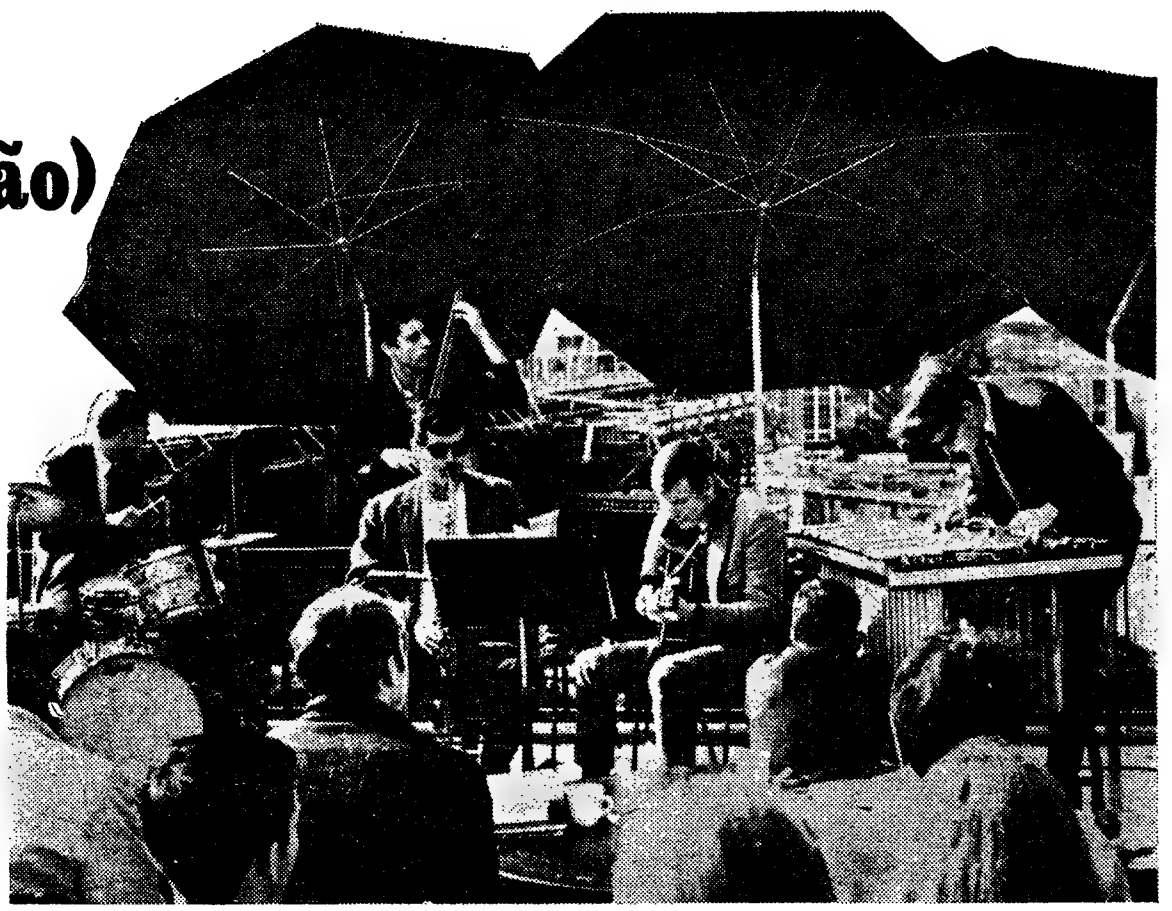
Em «A Mulher da Areia», romance já transposto para o cinema, com tal poder de sugestão que se falou a seu respeito num prisma de infinitos e obsidiantes reflexos, Abê Kôbô surge-nos, por vezes, como o anti-Sartre, não só porque este *huis-clos* não é o inferno, mas a aceitação da Terra e do convívio com o outro.



Jazz (e talvez não) em Lisboa

«...o jazz é o nosso melhor embaixador »

D. EISENHOWER



Jazz, segundo os universitários californianos: ausência de calor...

Lisboa, neste mês de Maio, por tradição florido, ouviu jazz.

Don Byas, um saxofonista, negro norte-americano, passeou-se por Portugal, visitou centros de universitários, distraiu noctívagos e frequentadores de «night-clubs», acompanhou fadistas.

Sujeito a uma estrutura musical, tìpicamente portuguesa, divulgou jazz, como por cá se usa. Perdido entre músicos comerciais, estranhos à linguagem jazz, tocou, tocou e abriu a boca a muita gente.

Improvisação, «swing», som, técnica, Don Byas foi peixe dum aquário sonoro viciado.

E ainda, os tímpanos vibravam Don Byas, já no ar se ouvia falar do quinteto de jazz da Universidade da Califórnia.

Então, a Universidade da Califórnia tem um quinteto de jazz, ou seja, a juventude americana é atenta ao jazz? Não.

A dita «pop music», quando muito o «rythym and blues», angaria a grande preferência. Sejam novos ou velhos, os apreciadores de jazz amarelos, brancos ou negros são uma minoria.

Neste quinteto todos são brancos, com idades que oscilam entre os 21 e 26 anos.

Bateria, contrabaixo, guitarra, vibrafone e saxofone tenor ou flauta são os instrumentos usados.

Numa digressão, patrocinada pelo Governo dos Estados Unidos, este agrupamento veio a África e Portugal, representa a arte americana mais típica e original: o jazz, uma linguagem musical, um meio de expressão distinto, uma arte bàsicamente negra. 38 concertos em África, 3 em Portugal. No Porto um, em Lisboa dois. Dividiram as suas actuações entre os estudantes universitários portugueses e os membros da Juventude Musical Portuguesa.

A música deste quinteto de jazz, mundialmente desconhecido, era uma incógnita.

Califórnia, universidade, reportório, deu-nos uma ideia, uma anteaudição.

Os dois concertos que realizaram em Lisboa, embora de níveis musicais distintos, comprovaram-no.

Foram pessoas simpáticas, músicos interessantes, «jazzmen» ambiciosos. A ambição relaciona-se com o progresso, o progresso com modernidade. Mas tudo isto implica um perigo, que neste caso se revelou por uma influência epidémica das mais recentes correntes do jazz, representadas pelo grupo do saxofonista Charles Lloyd.

No primeiro concerto, a actuação de fraco nível, foi justificada posteriormente por um misto de cansaço, saturação, até estado de saúde precário de alguns elementos.

Um diálogo bateria/flauta, a que deram o nome de «Requiem for dr. M. Luther King» foi o número mais apreciado pela assistência.

O bateria e o guitarrista pareceram-nos os músicos mais fracamente dotados.

O vibrafonista, de estilo predominantemente rítmico, foi falho de imaginação em solo. Já o saxofonista ou flautista, com o contrabaixista sugeriram técnica, às vezes apurada, por vezes bem utilizada, enfim, dominavam uma linguagem musical apreendida, mas não sentida.

Tudo no segundo concerto se comprovou, embora quase tudo desta vez tivesse resultado melhor, com mais inspiração e invenção.

O quinteto de jazz da Universidade da Califórnia, que se desfez como conjunto depois destas actuações em Portugal, foi falho de força, de calor, de intenção; tudo se passou a um nível de música de circunstância, de moda.

As flores, os «happenings», as alucinações provocadas, o caos intencional, uma liberdade desordenada, uma presença musical agitada, tudo isto esteve na música desse quinteto.

Afinal, características dessa juventude que vive na costa ocidental dos Estados Unidos.

Também a música de jazz foi por tudo isto influenciada. Começou (e acabou?) com Charles Llyod; hoje os «discípulos» são multidão.

Mas nos «blues» é que tudo se provou. Os «blues» para um músico de jazz são «a prova dos nove». E foi também aqui que o quinteto provou que o seu jazz, de formas em moda, falta uma intensidade de expressão mínima.

Jazz, tem que ser música «hot», de participação física, de comunicabilidade imediata, criada com virilidade que não exclui beleza, com força que não exclui poesia.

Aos jovens universitários californianos, isto, faltou. Era coqual só conheciam palavras, mo se falassem uma língua, da sons, desconhecendo sentidos.

No entanto, segundo me foi dado observar, o quinteto agradou ao público, um público jovem, ao qual a modernidade rente conquista, e tristemente, o agrada, o novo atrai, o irrevesó ser diferente por vezes chega.

E chega-se assim à conclusão de que a visita do quinteto de jazz da Universidade da Califórnia foi positiva em relação a pida do jazz em Portugal.
uma aceitação cada vez mais rá-

Estranho...

Aceita-se então o jazz contemporâneo sem conhecer a obra do Armstrong ou de Parker.

Original, na verdade, mas desde que só os fins contêm...

Lee Schipper (vibrafone); Bob Strizich (guitarra); Bob Claire (Sax-tenor e flauta); Tom Aubrey (bateria); Kelly Bryan (Contra-baixo).

JOSÉ DUARTE

Na madrugada de 12 de Maio de 1966, Tomás Manuel da Palma Bravo, engenheiro silvicultor, ao regressar a casa encontra a mulher afogada na lagoa da sua propriedade...

O fulcro do novo romance de José Cardoso Pires é este. Ele põe-nos em presença de um tema inesperado e de um novo herói que, entregue aos seus demónios interiores, procura fugir ao tempo cavalgando um potente "Jaguar".
Romance há anos aguardado, O DELFIM ultrapassa os convencionais limites da narração e surpreende pelas propostas da nova lógica narrativa que contém.

José Cardoso Pires

O DELFIM

MORAES editores

em exposição na
LIVRARIA MORAIS
Largo Picadeiro — Lisboa

Abertura para um estudo sobre Branquinho da Fonseca

por David Mourão-Ferreira

Foi numa Feira do Livro, há um quarto de século: um dia, ao cair da tarde, resolvi-me a comprar o volume de contos de um autor que me era inteiramente desconhecido — chamava-se António Madeira —, apenas porque o título, na sua simplicidade inquietante, logo me tinha fascinado. E nessa mesma noite o li quase todo — o que não foi, com exames á porta, proeza muito sensata. Mas foi, em contrapartida, uma inesquecível revelação para os meus dezasseis anos ávidos de novidade. Eis que pela primeira vez se me deparava, no domínio da prosa, uma agilidade de processos e uma variedade de sugestões, que só encontravam paralelo na obra de alguns poetas modernos que por essa altura começara a descobrir. Já não têm conta, hoje em dia, as releituras que tenho feito daquele livro de António Madeira; nem as leituras e releituras da restante produção do mesmo autor; e a cada nova imersão nesse universo romanesco descubro sempre novos motivos para mais o admirar. Não é fenómeno que se verifique, posso jurá-lo, com a maior parte dos nossos narradores.

Mas agora perguntarão alguns (sei bem que não todos): Que coisa vem a ser esta? Porque estou para aqui a falar de um autor chamado António Madeira, quando se espera que eu fale de Branquinho da Fonseca? Outros, no entanto, já terão compreendido: é que Branquinho da Fonseca, durante algum tempo, usou o pseudónimo de António Madeira. E foi com esse pseudónimo que publicou a primeira edição do livro de contos a que há pouco me referia — «Caminhos Magnéticos» —, um pequeno tomo em que reunia duas peças de teatro e, ainda, a «editio princeps» da novela «O Barão». Aliás, o breve período — á roda de 1940 — em que Branquinho da Fonseca usa aquele pseudónimo constitui, simultâneamente, o termo de uma primeira fase e o início de uma segunda na sua evolução literária.

A primeira, a que poderemos chamar fase *experimental*, compreende como que o «ensaio das suas próprias virtualidades nos três géneros principais — lírico, dramático, narrativo —, abrangendo assim obras de poesia como «Poemas» (1925) e «Mar Coalhado» (1932), peças de teatro como

«Posição de Guerra» (1928), «Curva do Céu» e «A Grande Estrela» (ambas reunidas no volume de «Teatro-I», em 1939) finalmente os contos do livro intitulado «Zonas» (1932). Na segunda fase — ou fase da *plenitude* — não teremos duvidas em incluir tudo quanto publicou depois dos «Caminhos Magnéticos»: a novela «O Barão» (1942), as novelas e contos de «Rio Turvo» (1945), o romance «Porta de Minerva» (1947), a longa novela «Mar Santo» (1952), as narrativas de «Bandeira Preta» (1956). Por conseguinte, dos três géneros anteriormente «ensaiados», ao longo da fase *experimental*, num só — o da ficção narrativa — se fixará Branquinho da Fonseca durante a fase da *plenitude*. E o volume dos «Caminhos Magnéticos» (1938) é que justamente representa a linha de separação de águas, visto que ainda há, nos trechos que o compõem alguma coisa de experimental e muito já de definitivo.

Não se julgue, porém, que seja possível negligenciar as obras daquela primeira fase. Quer como poeta, quer como dramaturgo, ficaram-se devendo a Branquinho da Fonseca algumas das mais curiosas realizações do nosso vanguardismo pós-modernista. Nos três primeiros anos da «Presença» (1927-1930), foram precisamente os seus versos — a par dos de Edmundo de Bettencourt e dos de António de Navarro desse período — os que melhor documentaram a inquieta continuidade do espírito do «Orpheu», tanto pela aguda desconfiança a alternar com a crença desmedida no sortilégio da palavra, como pelo pendor para a visão alucinatória do concreto e para a expressão aparentemente cândida do insólito. Além disso, é ainda nos versos da primeira fase que logo se esboça um processo que será

Teleliteratura

por Manuel Agra

com o dr. Domingos Monteiro

ENTREVISTADOR TV

— Domingos Monteiro, o maior novelista da nossa História Literária, tem vindo com regularidade a este programa. Escritor fecundo e narrador dotadíssimo, a passagem nevose de cada ano ganha-a Domingos Monteiro com a publicação de um novo livro geralmente de novelas.

COMENTÁRIO:

Livro em cada Natal: chama-se a isto a «estratégia do Zodíaco». O comércio tem as suas exigências e o escritor não obediente às regras do jogo zodiacal só tem um recurso: o bicarbonato de sódio.

ENTREVISTADOR

— Escreveu Poesia, História (uma «História da Civilização», tem cinco edições no Brasil) doutrina, crítica, humorista admirável, é, também, polígrafo dotado. Foram porém as novelas que lhe deram uma posição excepcional nas letras portuguesas. Entra, com o direito do talento, na Academia de Ciências de Lisboa, onde tem apresentado frequentes e vivas comunicações.

É Domingos Monteiro grande escritor porque narra e escreve muito bem. E porque é generosamente humano, ama a vida, o seu Douro natal, os espaços vastos e verdes, os cedros e os bosques.

COMENTÁRIO:

Méritos domésticos:
— A «História da Civilização» é célebre no Brasil.
— Apesar de escrever de muitas maneiras, Monteiro é um polígrafo.
— Na Academia de Ciências comunica-se.
— Monteiro é grande porque narra.
— É bom escritor porque escreve muito bem.
— Ama os verdes.

ENTREVISTADOR

— Senhor doutor, gostávamos que nos falasse das «Histórias do mês de Outubro». Gostávamos de saber porque lhe deu este título.

DOMINGOS MONTEIRO — Em geral, os meus títulos surgem só depois da obra escrita. E dependem da sua índole e intenções. Neste caso, porque se tratava de novelas aparentemente dispares, tive grande dificuldade em encontrar o fio invisível que as unia. Mas de repente vi que nelas havia qualquer coisa de outonal, qualquer coisa que acaba ou que começa, ao mesmo tempo. E como o Outubro é o símbolo do Outono...

COMENTÁRIO:

Disse o escritor: «Fiat titulu». E viu o fio invisível. E o título fez-se. E havia qualquer coisa que acaba e que começa. E isso era a dialéctica da folha (de parra) caída...

ENTREVISTADOR

— Qual a influência da sua região natal nesta sua nova obra?

D. MONTEIRO — Não as escrevi no Douro. Escrevi-as no Alentejo, que é para mim, com o seu silêncio e solidão, uma região propícia à criação literária. Se eu um dia escrevesse uma geografia literária, tentaria demonstrar, e com bons argumentos, que há certas regiões propícias a certos homens de expressão artística. Assim como há outras que suscitam outras actividades. Por exemplo: a Beira é terra de governantes. Não vou dar os nomes, visto que toda a gente os conhece.

ENTREVISTADOR
— Claro.

D. MONTEIRO — O Douro e as suas regiões circunvizinhas, que são dominadas por um conjunto de serranias em que o Marão prepondera, é inteiramente propício à criação quer novelística, quer poética, que é de Amarante; o grande Basta para isso citar Pascoais, novelista português João de Araújo Correia, que é da Régua; o próprio Camilo, que nasceu acidentalmente em Lisboa, mas que é de origem transmontana; Miguel Torga, Pina de Morais, que foi um grande contista, hoje um bocado esquecido, que era meu cunhado; e Agustina Bessa Luís.

Uma coisa é a gente desconfiar. Outra, haver provas. E agora, já se sabe: quando se quiser um novelista ou um poeta, não temos senão de lançar o anzol ao rio Douro. Também se podem cultivar em socalcos, desde que se disponha de uma enxada de bom preço.

ENTREVISTADOR

— Domingos Monteiro, além de escritor, também é caçador. Fale-nos da caça...

D. MONTEIRO — A caça é um instinto que não diminui o homem. Foi sempre elogiada, desde Políbio, Cipião Emiliano até Adriano, que era um grego e fez a biografia de Alexandre, e escreveu, no tempo de Marco Aurélio, o primeiro tratado de caça conhecido. Ortega y Cranet dizia que a caça servia para educar o carácter, era uma espécie de pedagogia. Só nas regiões mais desmoralizadas da Europa é que a arte de caçar não era vista com simpatia. A caça não é um prazer cruel, como o afirmam em geral esses comedores de bifes de bois mortos no talho.

COMENTÁRIO:

Quanto mais se caça, mais se moraliza. A caça à perdiz enrija o carácter, a caça à rola tempera a habilidade, a caça às bruxas protege a sociedade.

ENTREVISTADOR
— Quanto à situação do livro em Portugal...

D. MONTEIRO — Um dos inconvenientes para a expansão da nossa literatura é a circunstância de 80% dos livros que se vendem serem obras traduzidas. Há ainda outra razão da crise do livro em Portugal: é a propaganda feita pelas igrejinhas, com autores que todos os dias, ou quase todos os dias, a pretexto de tudo e de nada, são alvo dos maiores elogios.

Se a TV e a Fundação Gulbenkian tivessem maior audiência literária, então a selecção dos autores seria outra. Neste ponto, o entrevistado fala com a segurança de especialista.

ENTREVISTADOR

— Estou de inteiro acordo consigo. Desejo a continuação de um manancial inesgotável de obras magníficas e a repetição, para breve, da sua presença nestes estúdios.

DOMINGOS MONTEIRO — Eu é que agradeço a atenção que a Televisão portuguesa tem manifestado pela minha obra.

muito seu na criação de ambientes e de atmosferas. Repare-se, por exemplo, neste poema de «Mar Coalhado», intitulado «Incidências»: «Era uma porta de luz / numa taberna de esquina, / um chão abaixo da rua / com mesas de lua / branca, / de esperarem, feitas em gelo... / era uma voz de menina / de lá de dentro a cantar, / a fugir pró céu da rua... / eram as horas vazias, / coalhadas, esmagadas / / dos diformes monstruosos... / / eram degraus que me esperavam / e fachadas que fechavam / todas as ruas por onde / os meus passos acusavam!...». Pois não se trata já de um processo típico do narrador Branquinho da Fonseca, da sua vocação para «sugerir» de preferência a «descrever», mediante a subtil selecção de elementos reais e metafóricos, através do discretíssimo contraponto entre uns e outros? Eu creio que sim; e que até por isso não poderemos negligenciar a sua poesia.

Outro tanto, e com igual justiça, será legítimo dizer do seu teatro. Aquela arte, também tão sua, do diálogo «essencial», ao mesmo tempo incisivo e denso de sugestões, começou logo por se afirmar no texto das suas peças. E é igualmente no texto dessas peças, «em que o mundo real e o mundo imaginário se interpenetram e um no outro se transformam» — como lapidarmente observou Luís Francisco Rebello —, que deveremos procurar o protótipo de algumas das suas obras-primas no domínio da ficção.

Quanto aos contos da primeira fase — os incluídos no volume «Zonas» —, ainda não há muito Manuel de Sousa Lobo penetrantemente sublinhou o que eles significam como «ponto de partida» na trajectória novelística de Branquinho da Fonseca, apontando inclusivamente «a prefiguração de certas situações e certas personagens e fornecendo-nos até, com fundamento na análise desses contos, esta «chave» imprescindível para a compreensão da totalidade da obra: «Por detrás do mais simples acto do homem há uma rede complexa de motivações; qualquer situação abre uma janela para essa rede complexa dividida em zonas». Bastará termos presentes os textos capitais da segunda fase para reconhecermos quanto isto é exacto. E proximamente a eles nos referiremos.

PORTUGÁLIA EDITORA

NOVIDADES

ESTRUTURALISMO — Antologia de Textos Teóricos

Organizada por Eduardo Prado Coelho e com uma longa Introdução da sua autoria, eis uma autêntica antologia do pensamento estruturalista moderno; nomes como **Derrida, Lévi-Strauss, Althusser, Lacan, Sartre, Barthes, Sebag**, entre outros, de quem o público português não dispunha até agora mais do que de simples citações fragmentárias, figuram no volume com textos de leitura fundamental para a compreensão do estruturalismo e do que este representa na perspectiva cultural do nosso tempo.

O prefácio de Eduardo Prado Coelho («Estruturas, Estruturalidade, Estruturalismos») é uma introdução ao estruturalismo que passará a contar no ensaísmo português de vanguarda.

Traduções do organizador, Maria E. Reis Colares e António Ramos Rosa.

COLECÇÃO PROBLEMAS — 500 pp. 75$00

ANTÓNIO NOBRE

por **GUILHERME DE CASTILHO**

Depois de ter oferecido ao público estudioso ou simplesmente afecto a António Nobre uma edição do extraordinário documento que é a sua **Correspondência**, Guilherme de Castilho apresenta agora em reedição revista a notável biografia completa do autor de **Só**: o seu **António Nobre**, bebido nas raízes humanas e psicológicas do Poeta, é um trabalho onde a figura do grande romântico nos é restituída em toda a sua grandiosa complexidade.

«Não haverá admirador compreensivo de António Nobre para quem ele não fique sendo um **vademecum** indispensável», na opinião de Jorge de Sena; «uma das peças mais felizes da biografia portuguesa», segundo Vitorino Nemésio.

COLECÇÃO PRESENÇA DO HOMEM — 380 pp., vol. cartonado e ilustrado 85$00

O FILHO ÚNICO E O SEU AMBIENTE FAMILIAR

por **NATIVIDADE CORREIA**

Livro em que se expõem com acessibilidade e minuciosa clareza os problemas do filho único no núcleo familiar, é também um manual de preciosa utilidade nos problemas genéricos que se põem aos pais, mestres e educadores nos domínios da psicologia e da pedagogia infantil.

COLECÇÃO PSICOLOGIA E PEDAGOGIA — 170 pp. 30$00

Comédia de um homem só

por Vergílio Ferreira

III AS QUESTÕES

E penso que já basta. Decerto várias questões, expressas ou não nos folhetins de P. Coelho, mas aí subentendidas nem sequer posso abordá-las. O jornal precisa de que E. P.C. saia da cena, que há decerto mais gente á espera. E o leitor também, que o espectáculo já se prolongou. Mas rápidamente embora, é necessário defazer-se essa alegre patacoada de que a psicanálise para mim, em Abril de '68, etc. Por favor. Não há no meu escrito a mais ligeira sombra de uma afirmação como a de que a psicanálise se não dirige de modo algum «para aquilo que deve explicitar-se pouco a pouco num progressivo esclarecimento do implícito, mas para o que está aí e que se furta, que existe com a solidez muda de uma coisa, de um texto fechado sobre si próprio». Para que me cita pois o nosso homem a Lacan, quando ele diz que «o próprio do inconsciente não é ficar merguinado nas profundezas»? Em parte alguma do meu texto eu insinuei a asneira ou ambiguidade acima, embora tal ambiguidade ou asneira seja de Foucault (p. 385 da ed. original). Se de alguma coisa poderiam acusar-me, seria de um excesso oposto — que não há. Muito pelo contrário, com efeito, o que eu quis afirmar á minha maneira (mas com menos radicalidade, como não poderei explicar aqui) foi que «guiado pela psicanálise, um indivíduo vai mais longe do que a uma simples concordância com uma hipótese: toca, vê o que ele é. Não poderemos compreender isso, se esse indivíduo alguma vez deixou de ter consciência das suas tendências profundas, ou melhor, se essas tendências se distinguem da sua própria consciência. Em tal caso (...), a interpretação psicanalítica não o faz *tomar consciência* do que ele é: faz-lhe é *tomar consciência disso*». Foi o que eu pretendi dizer com menos radicalidade. Se há pois nisto asneira, a asneira é de Sartre. Que o não tentemos, porém, entender, sem entender primeiro o alcance que para ele tem o conceito de «consciência». Mas se é de todo o ponto necessário haver nisto um imbecil, excluído por definição E. P. Coelho, não vejo outro modo de resolver o problema senão promover a essa dignidade o pobre Sartre. Porque eu apenas me limitei a estar suficientemente de acordo com ele. Se alguma imbecilidade me cabe, é pois só a que sobra dele. Eis porque eu disse que o inconsciente *não existe* (assim mesmo, sublinhado). Mas o vertiginoso articulista, desvairado de citações, nem reparou. Ora pergunto-me eu agora: se eu lhe disse também que o *homem* (igualmente sublinhado) só existia há uns duzentos anos, porque é que, em coerência de conceitos, não proclamou também aos berros a minha «espantosa ignorancia», uma vez que o homem tem pelo menos 500 000? E se proclamássemos antes que ele é que tem a inteligência numa cura de repouso? Sartre, aliás, tem uma frase muito mais agressiva do que a minha, quando diz que «a psicanálise existencial rejeita o postulado do inconsciente». Assim mesmo, sem sublinhados em que P. Coelho possa tropeçar. Caminho aberto e livre para alegremente chamar a Sartre asno e ignorantão. Mas que o esbaforido articulista se não esfalfe já a procurar citações para demonstrar a Sartre a sua ignorancia e estupidez. Infelizmente estas coisas não se decidem só a golpes rudes de citações, mas também com a colaboração amável da substância cinzenta. Mas há ainda um pequeno pormenor que vale a pena anotar. É o caso que a certa altura eu me refiro ao inconsciente como algo «opaco» — afirmado, aliás, sob condição: «se é»... Por meias palavras, E. P. Coelho sugere-me o que há na expressão de estupido, pela razão de ver nela não o significado que eu lá pus — sempre sob condição — e que era o de *irredutibilidade*, mas o que ele lá quis pôr, e que era justamente o de *opacidade*. «O inconsciente não é algo de (...) opaco» — diz-me ele em voz surda e já de má catadura. É possível que o termo em causa seja infeliz e tolo. Ele foi-me no entanto sugerido por certa expressão (e daí em parte as aspas) em que realmente o que parece em causa é precisamente a *opacidade*. Tal expressão fala-nos de facto em «presença opaca do inconsciente». Eu por mim, apesar de tudo, não a acharia estupida, até porque só á força descreio dos meus semelhantes. Mas enfim, de qualquer modo, a expressão não é minha: é de Eduardo Prado Coelho («Diário de Lisboa», 2-3-1967»).

E, já agora, uma outra pequena questão. Segundo o agressivo articulista, naquele problema da U.R.S.S. e do freudismo, eu «excedi-me». Não: ele é que se excedeu em o dizer. Já vou, infelizmente, perdendo as esperanças de despejar o saco, sem correr o risco de que me chamem denunciante (que um racionalista devia saber só existir — se existir — quando há risco para o denunciado — coisa que ele não pensou naquela hedionda justificação que entendeu dar, ignorando por outro lado o que outra gente diz de Althusser). Mas vá lá mais uma citação, já que ele gosta, e outra vez de Doubrovsky, mesmo que não goste: «A psicanálise, como ética, corre o risco de se tornar uma pura ideologia conservadora. Se os marxistas cometeram o erro de a rejeitarem em bloco (...) eles tiveram razão em lhe denunciar o fundo ideológico». Isto porque «a vocação da psicanálise é *adaptar* o indivíduo á ordem geral da sociedade em que vive, de lhe dar um domínio suficiente sobre as suas emoções para que ele *nela se integre*. Nesta perspectiva, o revoltado torna-se fácilmente doente, e o revolucionário, um homem menos a combater do que a curar. Não é de modo algum por acaso se a psicanálise encontrou nos Estados Unidos a sua terra de eleição. Mas se o espírito não é um vaso fechado, se os seus conflitos interiores reflectem não apenas arquétipos imemoriais mas contradições da história, a verdadeira cura não consistirá numa acção que vise puramente a mudar o eu, mas numa praxis que pretende transformar o mundo». (E mesmo Politzer o dos «erros geniais» (!) segundo Althusser? Sabe E. P. C. o que acabou por dizer de Freud?) Se bem que tal transformação preconizada na célebre tese 11 contra Feuerbach (e com que se engasga Althusser pelos seus conceitos «necessáriamente desequilibrados e equívocos») implique um voluntarismo que a negação «científica» do homem pelos estruturalistas põe alarmantemente em causa. É este, aliás, o grave problema que se põe num marxismo estruturalista. (Cf. por ex.º *El Marxismo como moral* de J. L. Anguren). Eis porque para um Lefebvre os novos «intérpretes» do marxismo pura e simplesmente o pretendem «liquidar».

Muito sumáriamente, gostaria de me referir ainda á questão da «dominante» e da «última instância» em Althusser. Eu decerto exagerei ao falar em «casuística» na distinção, já que superinfra-estrutura se lhes não ajustam perfeitamente: mas não errei ao dizer que a infra-estrutura era bem a «última instância», porque era ainda e sempre a questão económica que regia uma estrutura. Já E. P. Coelho cometeu um erro crasso (ó vergonha estruturalista!), *do ponto de vista dele*, ao considerar pura e simplesmente a «causalidade metonímica», e segundo as suas próprias palavras, «não pela sua presença mas pela sua ausência», só porque não leu o período em que Althusser disso fala, até ao fim — ou o leu em segunda mão. Dir-se-á que erro por exagero estamos ambos quites. Simplesmente, ele é catedrático do Estruturalismo e eu não. Mas de que se trata afinal?

Marx dissera, por exemplo, na *Ideologia alemã:* «A produção das ideias, das representações e da consciência está, *antes de mais* (sublinho) ligada á actividade material e ao comércio material dos homens». E Engels no *Anti-Duhring* dissera que «a estrutura económica da sociedade constitui sempre a base real que permite, *em última análise* (sublinho ainda) explicar toda a superestrutura». Eis porque uma explicação «economista» se divulgou, utilizando uma «causalidade linear», e o próprio Engels teve de rectificá-la. Marx veio a especificar melhor a sua afirmação, dizendo que «em todas as formas da sociedade é uma produção determinada e as relações por ela geradas que marcam a todas as outras produções e ás relações geradas por estas o seu lugar e importância». (cit. por Althusser) e fala depois em «iluminação geral» e «éter» para significar a influência da «produção» e «relações» no todo complexo. Temos pois que a «economia», que é a «última instância», está ainda e sempre presente no todo. Assim Badiou pôde escrever que a «instância económica» figura em todas as conjunturas, no «todo articulado», embora possa ou não «*ser aí* dominante». E do mesmo modo Althusser pôde escrever que não há produção em geral nem história em geral, «mas estruturas específicas da historicidade, *fundadas em última análise* (volto a sublinhar) sobre as estruturas específicas dos diferentes modos de produção», embora tais estruturas não tenham sentido senão em fun-

(Continua na 7.ª página)

Actualidade de Mestre Gil

Certamente que tem razão o citado Atkinson muitos têm sido os estudiosos que se debruçaram sobre a análise de cada uma das diversas qualidades dramáticas de Gil Vicente — seu humor, sua sátira social, seus veios líricos, seu poder de caracterização. Todavia quem estudou *suas peças precisamente como peças?*

O ELEMENTO CÉNICO EM GIL VICENNTE

Pois o estudo da «variada teatralidade das obras gil-vicentinas» é o ambicioso, mas oportuno e urgente, trabalho de Sletsjoe. Simplesmente nos parece contestável o seu ponto de partida. Com efeito, o autor toma como base a pergunta: «o que entendeu Vicente por Teatro?» Pois não importaria mais saber *como* e *porquê* fez Teatro Gil Vicente?

É que não nos importa o esteta; interessa-nos o dramaturgo. E interessa sobretudo que o Teatro seja «arte viva», tão potencialmente viva que, mesmo concedendo aprioristicamente que a arte é, historicamente, «a eternização da momentaneidade», ela em contrapartida é, estèticamente, «a vida em absoluta actualidade»! E o ilogismo não existe aqui, esteja ele entre Unamuno e Ortega, ou Quevedo e Baudelaire! E não há absurdo entre o dado histórico e a força vital, porque se «apenas o fugitivo permanece e dura», é tão-só por o homem, imperativo unipessoal, constituir-se como não-nada também pela atmosfera da sua circunstância!

Esquecendo este vitalismo, preso a uma leitura mais historicista do texto, não chegando por isso a mostrar-nos o *subtexto*, donde tantas vezes renasce o verdadeiro Teatro, Sletsjoe foi bem corajoso (coragem feita de lucidez), ao acabar por reconhecer que «se procedi a este exame, foi para tratar de dar novo impulso à discussão do Mestre, em que tantos se têm esmerado no estudo de pormenores, muito importantes em si, mas sem considerarem o conjunto do carácter cénico da obra» (pág. 131).

Por aqui se ficou Sletsjoe. Mais longe do que ele só foi, ùltimamente, entre nós, António José Saraiva, Aliás, por isso, mal citado por Sletsjoe. Depois de «Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval», há e conta o capítulo 10 do II volume de «Para A História da Cultura em Portugal»

Mas vendo-se a construção dramática intrinsecamente vazada em estratificada composição cenográfica, partindo daqui mas não se indo mais além, o texto literário não pode ser visto como *princípio dinâmico* duma encenação criadora, pela *virtual* metamorfose da imagem verbal em forma plástica — assim, então, é difícil que um crítico de Gil Vicente não seja senão mais um cronista de Mestre Gil.

A GRANDE FEIRA DO MUNDO

Na história, por fazer, das comemorações do quinto centenário de Gil Vicente, deve desde já destacar-se, como um dos mais válidos números do programa, a publicação de «A Grande Feira do Mundo», que Armando Martins Janeiro expressamente dedicou a Mestre Gil. Em Fevereiro de 1967, saía dos prelos da Ática este auto. Pois logo em Outubro seguinte, a Portugália Editora publicava, do *mesmo* Armando Martins Janeiro, «O Teatro de Gil Vicente e o Teatro Clássico Japonês». A relacionação, aqui agora só apontada, há-de permitir-nos, desde já, podermos afirmar que ten *intenção*, e chegou a ganhar *consciência*, o auto de Armando Martins Janeiro. E a intenção («Que o homem de procurar nunca se canse», pág. 104), e a consciência («O mundo inteiro fez silêncio», pág 152) não matam a poesia, como poderia temer Michaux, mas tornam *significante* o auto, tornando o num tríptico em que todo o Mundo, «Floresta de Enganos», se concentra empastelado numa estruturada involução!..

Partindo duma atitude *objectiva*, o autor enfrenta as *pessoas* e nelas nos nivela para se nivelar com *coisas*. Fica-lhe assim aberto na pena o método *descritivo*, pelo qual as descrições interiores, ou psicológicas, só se representam *em* e *por* descrições exteriores, ou sociológicas!

E se tal auto ainda assim se nos apresenta com uma estrutura embrionàriamente orgânica, é porque este texto é potencialmente espectáculo, apesar de certos ressaibos de grandiloquência épica ou ainda de certo experimentalismo poético. Pois num texto potencialmente espectáculo, os três actos do auto tinham de ser três actos. E são-no, porque são todos eles mudanças, apenas (?!) de lugar, mas sendo três actos são três mudanças: da Barraca do Amor para o Cortejo do Ministro da Pluma e daqui para o Pavilhão da Fé.

E aqui se encontra, se encontra e fica, quanto a nós, também o próprio auto em questão.

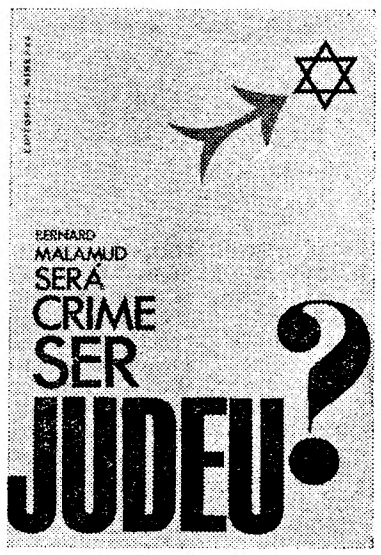
A atitude *objectiva* do dramaturgo *neutralizara* a clássica acção dramática, tornando assim o texto *significante* que destarte evita aquela dessorada *identificação* no espectador que sente, para criar antes aqueloutra *participação* de quem vê e começa por agir julgando! O auto, porém, perde-se no final, um final pouco dinâmico e muito retórico! Aquela apregoada solução dum Segundo Natal, até Cristo a condenou ao renegar-se ao rico do pobre Lázaro!... Final feito de falsidade humana (aqui, a Profecia não é História!) e de mistificação artística (o Teatro não é Retórica!) Uma nova humanização do Divino é, aqui, a maior desumanização do Humano. Tudo o que é verdadeiramente humano, não basta que seja *no* homem; tem de ser também *do* homem!

Resta-nos a esperança de que, se se perdeu o final dum auto, se tenha encontrado o princípio dum autor!

MÁRIO DA ROCHA

NÃO DEIXE DE LER

o grande sucesso literário



UM JÁ CÉLEBRE:

- Best-seller mundial
- Apaixonante romance
- Livro ímpar na literatura actual dos mais discutidos nos últimos tempos

COL. «AUTORES DO NOSSO TEMPO»

1 vol. br. de 342 pp., Esc. 40$00

EDITORIAL MINERVA • LISBOA

ESCAPARATE

(De 20 a 27 de Maio)

Autores portugueses

Título — A Condição da Mulher Portuguesa.
Autor — Depoimentos de Isabel da Nóbrega, Isabel Martins, Augusto Abelaira, Sérgio Ferreira Ribeiro, Natália Nunes, Agustina Bessa Luís e Maria da Conção H. Gouveia. Apresentação de Urbano Tavares Rodrigues.
Editora — Editorial Estampa — Lisboa».
Colecção — «Polémica» — 2.
Número da páginas — 97.
Preço — 25$00.

Título — Um Anjo no Trapézio. Contos.
Autor — Manuel da Fonseca.
Editora — Prelo — Lisboa. Dep. ses». — 11.
Colecção — «Autores Portugueses. — 11.
Número de páginas — 141.
Preço — 35$00.

Autores estrangeiros

Título — Obras Completas de Dostoievski. Volume X—Diário de um escritor (II).
Autor — Dostoievski.
Tradutor — João Gaspar Simões.
Editora — Editora Arcádia — Lisboa.
Colecção — «Clássicos Universais»
Número de páginas — 838.
Preço — 140$00 enc.

NOVIDADES LITERÁRIAS

4 lançamentos excepcionais
obras que recomendamos

POESIAS - II

de Jaime Cortesão

A poesia de Jaime Cortesão é um dos não menos preciosos tesouros na vasta obra do genial historiador e grande Português, a acrescer aos 13 volumes anteriores das

OBRAS COMPLETAS DE JAIME CORTESÃO

288 pp. 60$00

CANTOS CATIVOS

de Arquimedes da Silva Santos

Escravo me liberto
Neste chão adonde canto e luto
Disto certo
— No pomar que plantar
Alguém colherá fruto.

COLECÇÃO POETAS DE HOJE

210 pp. 45$00

DO ULTIMATUM AO 31 DE JANEIRO

Esboço de História Política

de Basílio Teles

Com a publicação deste notável ensaio de um dos grandes pensadores políticos da República, enceta-se a publicação da série

OBRAS DE BASÍLIO TELES

384 pp. 65$00

O ROUBO DAS SABINAS

poema

de Almeida Garrett

«Manuscrito garretiano inédito» diz do valor bibliográfico desta edição, que oferece a transcrição facsimilada do original existente na Biblioteca da Universidade de Coimbra. Enriquecida por um longo estudo de Augusto da Costa Dias: «O Jovem Garrett, esboço de ensaio sobre um vulto ignorado da filosofia portuguesa das Luzes».

OBRAS LITERÁRIAS DE ALMEIDA GARRETT

290 pp. 65$00

PORTUGÁLIA EDITORA
Av. Liberdade, 13
LISBOA

Henry James ressuscitado

(Continuação da 1.ª página)

na sua novelística a história reveste-se de uma importancia capital. No citado *The Turn of the Screw* evidencia-se mesmo o lado dessa técnica em que os elementos da *plot* ou da intriga desempenham papel preponderante. Acontece apenas que sendo a história elemento fundamental da novelística do autor de *Os Embaixadores*, ele se insinua de tal modo no labirinto da análise psicológica que quem não estiver atento ás ramificações capilares do seu tecido analítico acabará por não descobrir sequer o sentido ou a razão de ser da própria historia. Eis, em nossa opinião, o lado que pode conferir á novelística de Henry James, junto dos apreciadores *a priori* de uma literatura de ficção emancipada da intriga, certo crédito, uma vez que para eles — e muito especialmente para os seus críticos ou doutrinários, na maior parte dos casos os próprios romancistas — tudo quanto não seja esrever romances anti-história não é escrever romance moderno.

Muito se enganam, porém, aqueles que porventura abrirem qualquer das obras-primas deste grande romancista convencidos de que irão encontrar nelas o que nelas realmente não encontrarão, a ausência de intriga, de história ou de *plot*. Pode dizer-se, mesmo que é ela, a história, que nutre a linfa do seu sangue vivíssimo. Não o faz, porém, como é de uso no romance clássico. Em Henry James atinge a novelística do século passado — o século por excelência do romance — o ponto morto da sua dualidade folhetim - romance. Se, com efeito, o folhetim abriu as portas ao romance moderno — Eugénio Sue permite Balzac, e Balzac permite Flaubert —, não há duvida de que em grande parte foi a substituição na novelística do acontecimento ou da situação física pela *nuance* psicológica evidenciada nos caracteres que favoreceu o aparecimento das peças mestras do romance universal do ultimo quartel do século XIX e da primeira metade do século XX. O imprevisto do enredo e as surpresas da intriga que no folhetim dominavam a acção, começaram a ceder o passo ás susceptibilidades do carácter e ao desencontro dos sentimentos. E esta transposição da história — o romance moderno nasce com o romance «histórico» — contada para explicar ou revelar sucessos que envolvem a situação dos caracteres na trama da intriga em elementos essencialmente não dados, isto é, não imaginados como história ou intriga, mas provocados pelas relações íntimas das personagens, obtem na obra de Henry James o seu *climax*.

Leitor que espere que se lhe depare a explicação dos acontecimentos que atingem os heróis do autor do *Retrato de Mulher* na história ou na intriga da alma acaba desiludido. A história ou a intriga dos seus romances filtra-se exclusivamente através dos poros finíssimos da maneira de ser das suas personagens e da forma como mùtuamente comunicam entre si. Dir-se-á que a acção dos seus romances, toda interior, não chega sequer a concretizar-se como história ou intriga.

Esta me parece uma das características de maior significado actual na novelística de Henry James, sobretudo numa hora em que o romance chega, práticamente, á derradeira fase da evolução da história para a ausência de história. E foi talvez até por isso mesmo que os editores franceses decidiram agora, após quase trinta anos de silêncio sobre a obra do grande romancista anglo-americano, acordar a «Bela Adormecida». Em pouco tempo aparecem traduzidos em francês três ou quatro romances de Henry James, inclusivamente um dos mais capilarmente concebidas no ponto de vista da intriga: esse *The Ambassadors* que a França só reconhece sessenta e cinco anos depois do seu advento em Inglaterra.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Comédia de um homem só

(Continuação da 5.ª página)

ção das «totalidades» formadas. (*Lire le Capital*, II, p. 59). Que teoria (implícita, segundo ele, em Marx) propôs Althusser? A da «causalidade estrutural» baseada no conceito marxista da *Darstellung* que indica o «modo de *presença* da estrutura nos seus *efeitos*, portanto a própria causalidade estrutural». E utiliza então o conceito da «causalidade metonímica» proposto num seminário sobre Lacan.

E diz: «Creio que entendido como o conceito da *eficácia de uma causa ausente*, tal conceito convém admiràvelmente para designar a ausência em pessoa da estrutura (...) Mas há que insistir sobre o outro aspecto do fenómeno que é o da *presença*, da imanência da causa nos seus efeitos» (*Lire le Capital* II, pp. 170 - 1). Contra, pois, a identificação de tal «causalidade» por P. Coelho com a «ausência», estamos elucidados. Mas que «causalidade» é esta? É exactamente a «economia» que *em última análise* sempre determinou o todo social. Eis porque Jean Conilh (*Esprit*, Maio de '67) a julga no caso uma «metafísica» — como Aranguren ao estruturalismo marxista — e se pergunta depois porque há-de ser «a economia que é esta causa» e se é isso um postulado, uma hipótese ou uma pura crença. Quanto a nada terem que ver entre si «dominante» e «última instância» é puro disparate, como ele gosta de dizer. Porque, em primeiro lugar, a «última instância» é, como vimos, a presença-ausência da estrutura; em segundo lugar, ela pode ser em certos casos precisamente a «dominante».

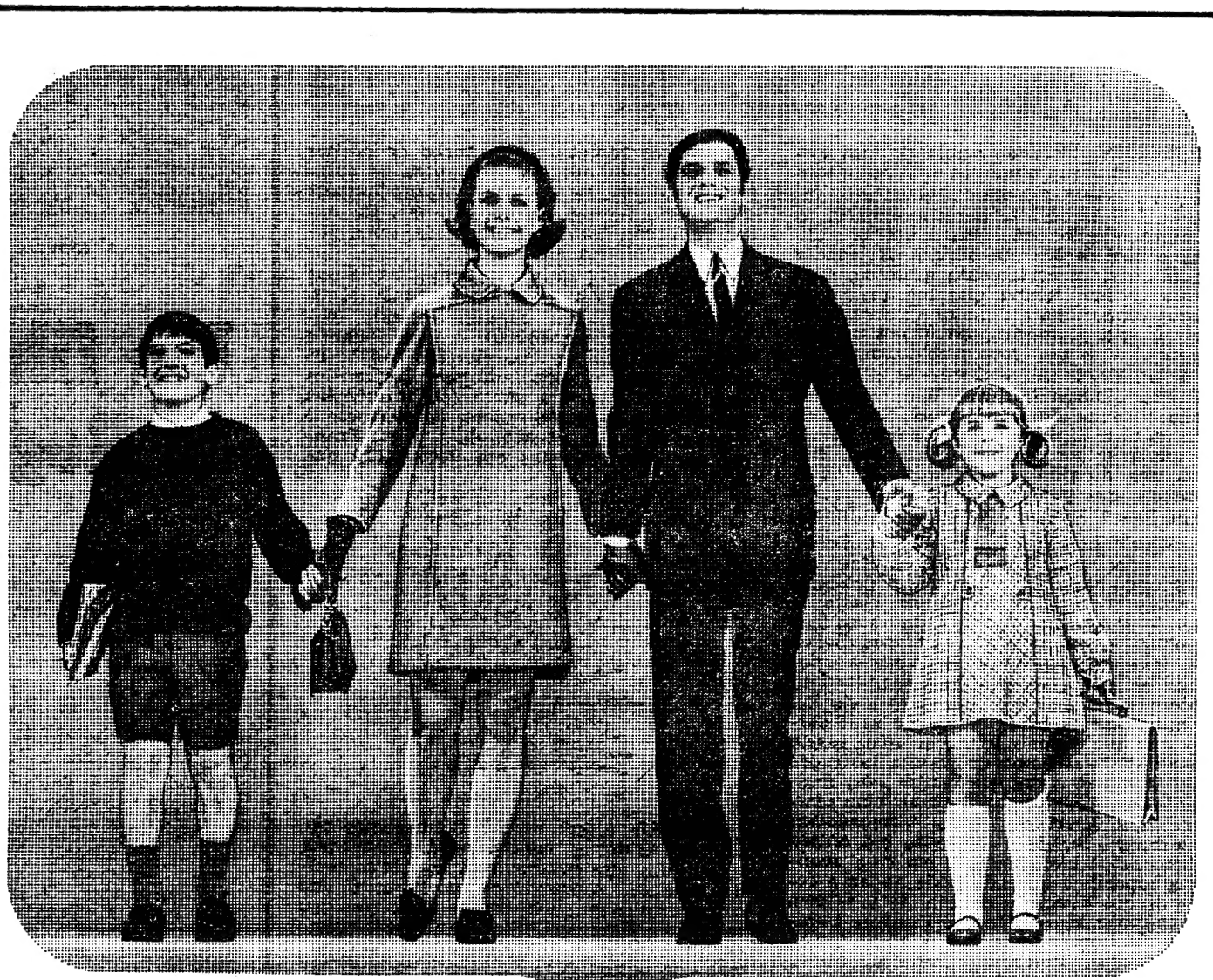
Não foi, pois, uma tolice aproximar a «infra-estrutura» da determinação «em última instancia». Se a «infra-estrutura» é a estrutura económica, como sabemos, e se a determinação «em última instância» diz respeito á economia (*Pour Marx*, p. 111 e *passim*) como diabo não aproximar uma da outra? A única coisa de que E. P. Coelho me pode acusar foi — repito — ter falado em «casuística», uma vez que Althusser complexificou aquilo que já Marx e Engels tinham, afinal, assinalado: precisamente as complexas relações de uma estrutura e outra. E digamos de passagem que a celebrada lei de Mao já Lénine a tinha formulado (Lefebvre, ob. cit. p. 17). E já agora vale a pena ouvir a opinião do mesmo Lefebvere sobre a obra de Althusser: ela «tenta uma análise do marxismo, o de Marx». O que a expõe aos perigos do «rigor» e do «pleonasmo». É possivel que ela construa «uma fortaleza inexpugnável», mas de que «não pode sair sem as maiores dificuldades». Assim «reconstitui um dogmatismo sob o pretexto de epistemologia». «O pan-estruturalismo e o sistematismo regressam a atitudes dogmáticas que ingènuamente julgámos ultrapassadas». O mundo «das estruturas e dos sistemas é um mundo de cristais com arestas finas, perfeitas e estéreis; ou de belas conchas vazias». Etc. Ver ob. cit. pp. 153 e segs.)

IV — EPILOGO

Eduardo Prado Coelho não quis, evidentemente, discutir, pôr objecções, esclarecer fosse o que fosse — e havia tanto a esclarecer: o problema do «sujeito», a «morte do homem», o significado da linguagem, o jornalismo dos seus filósofos do conceito... Mas não era isso que lhe interessava. Ele lá sabe as suas razões. Eu também. Assim o irremediável de tudo isto lhe pertence. Mas, por muito que a sua graça natural nos divirta e o tom insultoso nos dê um saboroso *frisson*, quanto a mim, e no que se refere a dar-lhe ouvidos, já chega. Tem, pois, o público livre para recomeçar a comédia, se estiverem para ouvi-lo. Com a pequena diferença de que, desta vez, o não devo interpelar ou interromper. Há coisas mais interessantes, naturalmente, à espera. E agora é tarde para remediar o mal feito.

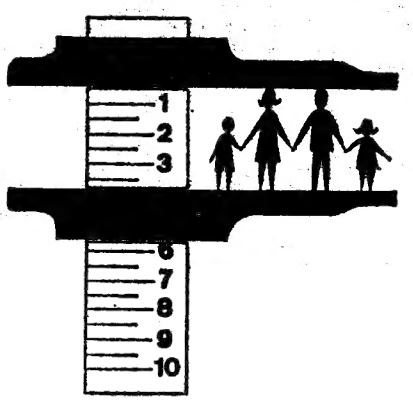
E rematemos, assim, com uma pequena questão — aquela com que ele precisamente começou. É que houve um facto, em todo este incidente, que particularmente lhe doeu — e foi o não lhe ter citado o nome em parte alguma do meu escrito. Que o facto lhe doesse, é humano: compreendo perfeitamente que gostasse de ver o seu nome já emparelhado ao de Foucault e de outros grandes homens, posando já para a posteridade. Mas não pôde ser, e a razão é muito simples. Eu não lha queria dizer, porque ainda julgo a caridade uma virtude. Mas acabou-se: uma vez que o exige, digo mesmo. Quando afirmamos de uma tolice que ela é, por exemplo, de La Palisse ou do nosso compatriota e simpático Banana, ou quando nos referimos a uma «calinada», não pretendemos verdadeiramente assinalar o seu autor, mas só a sua qualidade. Eis por que, tratando-se de um livro sério, eu me limitei a fazer alusão a alguns disparates de Eduardo Prado Coelho sem lhes indicar o proprietário. Com efeito, e mesmo que pese á sua pressa ou à sua pompa, Eduardo Prado Coelho, por enquanto, não tem nome; por enquanto tem só sobrenome.

VERGÍLIO FERREIRA



Ponha-nos todos os seus problemas.

Estudaremos um seguro especialmente para si.



PLANO DE SEGURO DE VIDA IMPÉRIO

uma nova forma de pensar, traz 50 anos de progresso em seguros de vida

Ponha-nos todos os seus problemas:
- projectos sobre educação dos filhos
- responsabilidades do casal
- garantias em relação ao lar
- responsabilidades para com ascendentes
- outros projectos a longo prazo

Cada Plano de Seguro de Vida Império inclui uma análise das necessidades do cliente. E não há um caso igual a outro! Estudamos cada caso e temos sempre uma solução, mesmo para as economias familiares mais modestas.

UM SEGURO CASO A CASO E NÃO UM SEGURO AO ACASO

Esta nova forma de encarar o seguro de vida oferece-lhe uma ocasião nova e diferente para rever os seus riscos, examinar os seus projectos e lançar bases sólidas no futuro.
Através dos novos Planos de Seguro de Vida Império podemos oferecer-lhe um máximo de possibilidades.
UM SEGURO TOTALMENTE ESTUDADO PARA SI.

À Companhia de Seguros Império
Rua Garrett, 62 Lisboa 2

PLANO DE SEGURO DE VIDA IMPÉRIO
Desejo ser contactado — sem qualquer compromisso da minha parte — para um estudo do meu Plano de Seguro de Vida Império.

Nome .....
.....
Morada .....
.....

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

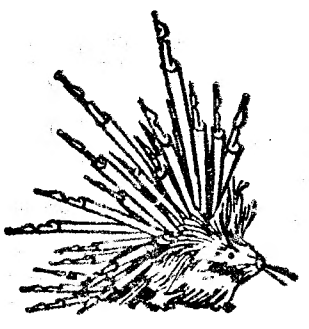
SPI

Mário Sacramento:

A profissão de escritor

ENQUANTO aprofundo o mistério das reencarnações que o meu caro Vergílio Ferreira me atribuiu (ametafòricamente só me supunha fiel ás do bife!), releio a carta de um prezado leitor que, entre outras judiciosas considerações que seriam deslocadas aqui, me diz: «é certamente grotesco, mas, do escassíssimo tempo que me resta dos afazeres profissionais, é maior a parcela que dedico à crítica literária do que à própria literatura...» E me recomenda, como outros antes dele: «Ao elaborar as suas críticas, não esqueça que elas não são feitas apenas para os frequentadores das tertúlias literárias. É, sim, para pessoas como eu, sem qualquer formação literária, que elas devem ser dirigidas.» (Esclareça-se, entre parêntesis, que se trata de um leitor culto, mas de formação exclusivamente científica).

A dificuldade, meu caro correspondente, está no *apenas* da sua penultima frase. Já fiz, ao longo da minha vida, crítica dos mais diferentes níveis. E tento sempre ajustar a expressão á temática de cada obra e ao tipo de público a que virtualmente está destinada. Mas um crítico não deve ser um pedagogo ou um divulgador apenas, embora se possa ver forçado a isso num meio em que minguam os propedeutas (e as tradições) que em França, por exemplo, fazem aceder qualquer pessoa que tenha instrução secundária á craveira que, entre nós, mesmo entre os chamados intelectuais nem sempre se topa. A crítica é uma hermenêutica «sui generis», sujeita a discussão e a crítica também, está claro, mas que em uma deontologia específica que não pode andar a reboque do que os outros pensem dela, se bem que deva manter-se disposta a entrar (sempre) em diálogo com eles e a reajustar-se á marcha desse processo. Permita, assim, uma sugestão — troca por troca com a sua: leia mais literatura — e menos crítica... De contrário, aliena-se para o que literatura seja e dá ao crítico poderes (a críticos) para emitir decretos e não opiniões. A crítica não tem qualquer sentido se for feita á margem do circuito autor-leitor. É contra isso que um verdadeiro crítico tem de reagir, enjeitando a tendência demagógica dos que pretendam fazer dele um mentor.

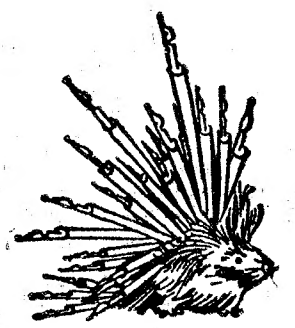


PARA lhe dar um exemplo, escolho dois livros que me «incomodam». * O primeiro é um inquério, dirigido a artistas e intelectuais portugueses, sobre a *Situação da Arte*. Estou na lista dos que não responderam por razões que não vêm ao caso. Mas que são colaterais do silêncio feito em torno dos problemas que medeiam entre o autor e o público e envolvem, por exemplo, a profissionalização daquele ou a defesa dos seus ineresses.

O texto mais notável é o de Salgado de Matos intitulado «A Arte na Sociedade Industrial». É ambígua, contudo, a categoria económica que faz dessa designação e que intenta substituir outras bem conhecidas — ou parece intentá-lo. Não aceito, igualmente, que a coexistência (interna ou externa) seja um elemento funcional do neocapitalismo. De qualquer modo, as suas conjecturas sobre a arte contemporânea são ensaísmo bem informado e urdido, mas irrelevante quanto às «conclusões portuguesas», cujo subdesenvolvimento embalde nuancelam.

É Jorge Peixinho, se bem li, o único que diz claramente: «visto que se trata de um problema sociológico, será necessária uma solução política». Como é Bernardo Santareno quem resgata muito verbo de encher resumindo: «a obra de arte, para se cumprir, terá de se enraizar profundamente num certo povo e em certa hora». Há outras achegas, bem entendido, mas só o panorama interessa aqui.

A conclusão a tirar, se alguma há, é que muitos escritores se alienam mais fàcilmente da realidade quando teorizam (como o volume pretendeu) do que quando criam. Aliás, as próprias citações-padrão do questionário propendiam a desfocá-los para isso. Ficámos a saber que influências reflectem alguns dos nossos intelectuais e o que pensam da situação da arte em França, por exemplo, mas em Portugal é que não.



POR QUE é isto assim? Conhecemos razões às dúzias, mas, para já, fixemo-nos na cultura que emigra. Não me refiro, evidentemente, à literatura portuguesa que consegue ver-se traduzida lá fora: esse intercâmbio é um índice de vitalidade, quando não resulta de altas manobras financeiras — ou outras. Mas que significa verificar um intelectual que só pode viver vendendo o seu trabalho (de desenho, de pintura, de história, de investigação, de técnica, de escritor, — há casos de todos esses géneros) num mercado estrangeiro?

Por isso disse que este novo romance de Ferreira de Castro me «incomoda». Devo lealdade, devo respeito, devo admiração a este filho do povo que, pelo seu esforço apenas, sem escolas e sem padrinhos, representa um momento histórico da nossa vida literária. Mas fico sem saber como hei-de apreciar este livro, pois ele pertence mais à literatura brasileira do que à portuguesa. Romance históricc e, como tal, género a que os nossos cânones actuais já não sabem aplicar-se, pendão de humanitarismo que o recente genocídio de índios no Brasil mostrou (uma vez mais) ser apenas a capa de misericórdia da exploração e da dominação sem escrúpulos, há nele, todavia, a experiência narrativa do escritor que nos desvendou, na *Selva*, nos *Emigrantes* e na *Lã e a Neve*, aspectos que só a partir de então passaram a fazer parte do nosso real; o torneio romanesco que *Missão*, *Curva da Estrada* e *Eternidade* impuseram e, sobretudo, uma adesão que se me afigura correcta ou, pelo menos, sugestiva, ao que possa e deva ser a transposição literária do linguajar mais espontâneo em certas regiões do Brasil. Mas como sabê-lo, como julgá-lo? Imagine-se um brasileiro a escrever um brasileiro a escrever um romance histórico sobre Portugal: cumpriria à crítica portuguesa pronunciar-se sobre ele. Pois bem, digo o mesmo sobre este, no que à brasileira corresponde. E, todavia, sabe Ferreira de Castro e sabem os que me conhecem tudo o que me liga efectivamente a ele! Mas como fugir a este imperativo que é a coluna vertebral do crítico? Posso errar, e erro, mas lisonjear, nunca lisonjeei — nem por amor.

JÁ vê, meu caro correspondente, que ser crítico é amargo. Se pudessemos trocar!

(*) *Situação da Arte, inquérito junto de artistas e intelectuais portugueses*, organizado por Eduarda Dionísio, Almeida Faria e Luís Salgado de Matos (Europa-América).

«O Instinto Supremo», romance de Ferreira de Castro (Guimarães).

Garrel na figura de Roger Vailland

Um filme de Roger Vailland

A estreia do filme *Drôle de Jeu*, de Pierre Kast, evoca duas situações de uma época em que a literatura portuguesa se mostrava rejuvenescida por um fermento de novidade. Refiro-me a 1959 - 1960, data em que as editoriais de Lisboa (principalmente) reactualizaram o seu calendário de publicações, revelando autores estrangeiros com cuidadoso sentido de selecção.

Nessa altura, Roger Vailland foi por coincidência um dos escritores que deslumbrou o público ledor, tendo como apresentador José Cardoso Pires num prefácio muito arguto em que o autor de *A Cartilha do Marialva* situava o romancista de *Drôle de Jeu* em algumas das linhas mestras que haviam de ser desenvolvidas depois no referido ensaio. Porque é no prefácio à edição portuguesa de *Drôle de Jeu que* Cardoso Pires refere pela primeira vez o paralelismo de Casanova com o Cavaleiro de Oliveira... Do mesmo modo que é ali que pela primeira vez se apega à concepção do «homem só» a que posteriormente deu forma mais desenvolvida...

Curiosamente, Roger Vailland introduz-se em Portugal com um romance, *Drôle de Jeu*, em que se baseia o filme que acabei de ver. *Drôle de Jeu*, intitulado na edição portuguesa por *Cabra Cega*. Curiosamente, foi Pierre Kast o director cinematográfico quem levou aos *écrans* este livro. E Pierre Kast, tanto quanto eu sei e privei com ele pode considerar-se como o cineasta francês que mais demoradamente se esforçou por acompanhar o nosso meio cinematográfico, onde trabalhou e criou amizades e admiradores.

Estas, as duas referências que se impõem à nossa identificação histórica com o filme. *Drôle de Jeu... Cabra Cega...* dez anos decorridos da nossa vida literária. Pierre Kast, um *jouer* satânico, ele próprio... cineasta que, na altura, com o produtor Cunha Teles e com Clara d'Ovar, pretendeu dar dinamismo a uma máquina burocratizada pelos vícios dos realizadores «consagrados». *Vacances Portugaises*, o filme que ele rodou em Portugal (e que não tivemos oportunidade de apreciar) não foi, a acreditar a crítica, uma obra de grandes méritos. Contudo foi um ensaio de co-produção que poderia abrir as portas da Europa a novos realizadores de talento insofismável como Paulo Rocha, Fernando Lopes e Ernesto de Sousa...

Quem conheça de perto Pierre Kast compreenderá que poucos, como ele, se poderiam absorver pela personagem de Roger Vailland. A argúcia, o seu prazer pelos jogos inteligentes de ideias, a nostalgia mesmo que transparece do seu modo de observar os fenómenos de cada instante e, por último, a atracção desconcertante que ele manifesta pelo individualismo intelectualizado, são reflexos de personalidade que encontramos em Marat, o protagonista do filme. Juntando a isto o pormenor de Marat conter fortíssimas semelhanças com o próprio Roger Vailland, mais fàcilmente compreenderemos o trabalho em profundidade de Pierre Kast, que em vez de se limitar a transpor um romance para o *écran*, teve de «traduzir» muito minuciosamente toda uma personalidade do escritor!

Efectivamente, Pierre Kast foi exaustivo na fidelidade com que interpretou o texto que serviu como base do filme. Para tal teve a felicidade de encontrar um intérprete como Maurice Garrel que até fisicamente (!) se assemelha a Roger Vailland e também com o mesmo objectivo de fidelidade não hesitou em dar ao diálogo uma forma literária que talvez choque os espectadores mais habituados ao *cinema-verité*.

Numa hora voltada para os experimentalismos de toda a espécie, o filme de Pierre Kast vem reivindicar um pouco o caminho tradicional. Faz lembrar Bresson e talvez ainda mais René Clement. Sem que se deva considerar esse facto como negativo, importa desde logo assinalar que o filme (talvez pela escassez de meios com que lutou o realizador) só na aparência tem algo de intenção documental ou de realismo de chapa. Ele é, antes, uma transposição sintetizada com inteligência e com impressionante sobriedade. Paris sob a ocupação «recordado» por Pierre Kast não se perde em descrições detalhadas mas fixa-se na nossa memória como uma paisagem geral, verdadeira na sua essência, a que se retiraram os elementos «informativos» ou «documentais» que são o recurso infalível dos artistas sem capacidade de síntese.

Paris, Maio 1958

JOÃO SACADURA